

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM
PSICOLOGIA

ALEXANDRE MASSON MAROLDI

PSICOLOGIA ESCOLAR: UM ESTUDO BIBLIOMÉTRICO
DA LITERATURA NACIONAL (1962-2011)

PORTO VELHO
2012

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM
PSICOLOGIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Rondônia como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Psicologia Escolar e Processos Educativos.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria de Lima Souza

Porto Velho
2012

FICHA CATALOGRÁFICA

BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

M354p

Maroldi, Alexandre Masson

Psicologia Escolar: um estudo bibliométrico da literatura nacional (1962 – 2011) / Alexandre Masson Maroldi. Porto Velho, Rondônia, 2012.
149f.:il.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) Fundação Universidade Federal de Rondônia / UNIR

Orientadora: Profª Drª Ana Maria de Lima Souza

1. Psicologia Escolar 2. Bibliometria I. Souza, Ana Maria de Lima
II. Título.

CDU: 37.015.3

FOLHA DE APROVAÇÃO

PSICOLOGIA ESCOLAR: UM ESTUDO BIBLIOMÉTRICO DA LITERATURA NACIONAL (1962-2011)

ALEXANDRE MASSON MAROLDI

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Rondônia para obtenção do título de Mestre.

Linha de pesquisa: Psicologia Escolar e Processos Educativos.

Orientadora: Dr^a. Ana Maria de Lima Souza

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr^a. Ana Maria de Lima Souza

Instituição: Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Assinatura: 

Prof. Dr. Luis Fernando Maia Lima

Instituição: Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Assinatura: 

Prof. Dr^a. Iracema Neno Cecílio Tada.

Instituição: Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Assinatura: 

Dissertação aprovada em: 03/12/2012

Especialmente para minha amada e
eterna Vovó **Clara Fumeiro Masson** (*in
memorian*)

AGRADECIMENTOS

À minha amada esposa NÁDIA DANIELA MAROLDI e a minha amada filha BÁRBARA NARDOCI MAROLDI pela paciência e compreensão pelas minhas ausências.

À minha mamãe CLARA MASSON MAROLDI, ao meu papai ANTÔNIO JOÃO MAROLDI e ao meu irmão MARCELO MASSON MAROLDI, ainda que distantes, pelos constantes incentivos.

À professora Doutora ANA MARIA DE LIMA SOUZA, minha orientadora, pelo apoio, confiança e inúmeros conhecimentos transmitidos ao longo desse trabalho.

Ao amigo e professor Doutor LUÍS FERNANDO MAIA LIMA pela paciência, dedicação e conhecimentos passados ao longo de vários sábados.

À professora Doutora IRACEMA NENO CECÍLIO TADA pelos constantes conhecimentos transmitidos no decorrer da minha jornada acadêmica.

Aos professores do MAPSI, em especial a professora Doutora NEUSA TEZZARI pela importante participação durante minha formação.

Aos amigos ADRIANO EZEQUIEL FONSECA, professora Doutora VALÉRIA CHECHIA, professora Doutora MARIA DE LOURDES GASQUES, professora doutora CAROLINA GODOY, professor Doutor ISMAIL BARRA NOVA.

Qual é, de todas as coisas do mundo, a mais longa e a mais curta, a mais rápida e a mais lenta, a mais divisível e a mais extensa, a mais negligenciada e a mais irreparavelmente lamentada, que devora tudo o que é pequeno e que vivifica tudo o que é grande?

- Zadig disse que era o tempo. "Nada é mais longo — acrescentou ele, — pois que é a medida da eternidade; nada é mais curto, pois que falta a todos os nossos projetos; nada mais lento para quem espera; nada mais rápido para quem desfruta a vida; estende-se, em grandeza, até o infinito; divide-se, até o infinito, em pequenez; todos os homens o negligenciam, todos lhe lamentam a perda; nada se faz sem ele, faz esquecer tudo o que é indigno da posteridade, e imortaliza as grandes coisas".

Zadig ou o Destino, Voltaire

RESUMO

MAROLDI, A. M. **Psicologia Escolar**: um estudo bibliométrico da literatura nacional (1962-2011). Dissertação (Mestrado). Mestrado Acadêmico em Psicologia. Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2012.

A Psicologia Escolar caracteriza-se por propor um olhar para o processo de escolarização e para o contexto sócio-político-cultural em que estão inseridos os processos educativos. O objetivo geral desse trabalho foi identificar e descrever através de uma análise bibliométrica a produção científica em Psicologia Escolar presente nas Bases de Dados da Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia Brasil (BVS-Psi ULAPSI Brasil), observando seus canais de publicação preferenciais, seus autores mais produtivo, o gênero de seus autores, suas relações de co-autoria de colaboradores e vínculo profissional, suas tendências temáticas e suas concentrações geográficas. A metodologia utilizada foi a bibliometria que permitiu elaborar indicadores para avaliar o atual estágio de desenvolvimento da Psicologia Escolar. Ao final do trabalho produziram-se os seguintes indicadores: nas Bases Index Psi Revistas Técnicos-científicas; Portal Nacional BVS Brasil em Saúde; Scielo; Index Psi Livros; RedALYC; Portal Revistas USP e Index Psi Divulgação Científica o gênero predominante nas autorias é o feminino; São Paulo é o Estado com o maior número de produções; o canal preferido da comunidade científica da Psicologia Escolar para publicar é o *artigo*; há predomínio pela autoria individual e outros descritores além do descritor *psicologia escolar*. Os periódicos que mais se destacaram na Base Index Psi Revistas Técnicos-científicas foi o *Psico*; na Base Portal Nacional BVS Brasil em Saúde e na Base Scielo foi o *Psicologia escolar e educacional*; na Base RedALYC foi *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*; na Base Portal Revista USP foi *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano* e na Base Psi Divulgação Científica foi *Insight Psicoterapia*. Os autores mais produtivos foram: Base Index Psi Revistas Técnicos-científicas foi Geraldina Porto Witter; Portal Nacional BVS Brasil em Saúde Evelyn Boruchovitch; Base Scielo foi Carla Biancha Angelucci; na Base RedALYC foi Claisy Maria Marinho-Araújo; na Base Portal Revista USP Patrícia Carla Silva do Vale Zucoloto e na base Base Index Psi Revistas Técnicos-científicas foram Cacilda Acacia Pachler Tomimatsu e Sergio Antonio da Silva Leite. Quanto ao vínculo institucional, a Universidade de São Paulo prevalece na Base Index Psi Revistas Técnicos-científicas; Universidade São Francisco prevalece na Base Portal Nacional BVS Brasil em Saúde; Universidade de Brasília prevalece na Base Scielo e RedALYC. Na Base Index Psi TESES foram produzidas 86 dissertações e 72 teses; predomínio do gênero feminino; a ampla maioria das teses e dissertações foi produzida na Universidade de São Paulo; há ampla concentração de produção nas universidades públicas e a temática mais utilizada é a *Psicologia Escolar*.

Palavras-chaves: Psicologia Escolar; Bibliometria; Produção científica; Base de Dados.

ABSTRACT

School Psychology is characterized by proposing a look at the schooling process and the socio-political-cultural environment in which the educational processes are inserted. The general objective of this study was to identify and describe through bibliometric analysis, the scientific production of School Psychology present at the Databases Virtual Library on Health Psychology Brazil (BVS-Psi ULAPSI Brazil), noting their favourite publication channels, more productive authors, the genre of the authors, their networks of collaborators and institutional bonds, their thematic tendencies and their geographic concentrations. The methodology used was bibliometrics which established indicators to evaluate the current stage of development of School Psychology. The end of the work produced the following indicators: within the Bases Index Psi Technical-Scientific Journals; National Portal BVS Brasil em Saúde; Scielo; Index Psi Books; RedALYC; Portal USP Journals and Index Psi Science Communication the authorship dominant gender is female, São Paulo is the state with the largest number of productions, the favourite publishing channel of the scientific community of School Psychology is the article, there is the prevalence for individual authorship and the most frequent descriptor is School Psychology. The journals that stood out were: in the Base Index Psi Technical-Scientific Journals was the *Psico*; in the Base National Portal BVS Brasil em Saúde and Scielo Base was the *Psicologia escolar e educacional*; in the Base RedALYC was *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*; in the Base Portal USP Journal was *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano* and in the Index Psi Science Communication was *Insight Psicoterapia*. The most productive authors were: in the Base Index Technical-Scientific Journals Psi was Geraldina Porto Witter; in the National Portal BVS Brasil em Saúde was Geraldina Porto Witter; in Scielo Base was Carla Biancha Angelucci; in the Base RedALYC was Claisy Maria Marinho-Araújo; in the Base Portal USP Journal Patrícia Carla Silva do Vale Zucoloto and in the Index Psi Science Communication Cacilda Acacia Pachler Tomimatsu and Sergio Antonio da Silva Leite. Considering their employment contracts, University of São Paulo prevails in the Base Index Psi Technical-Scientific Journals, University of São Francisco prevails in the Base National Portal BVS Brasil em Saúde, University of Brasilia prevails in Scielo and RedALYC. In the Index Base, 86 dissertations and 72 thesis were produced; predominantly written by females; the great majority was produced within the University of São Paulo; there is deep concentration of production in the public universities and the most used theme is School Psychology.

Key-words: School Psychology, Bibliometrics, Scientific production, Database.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de registros recuperados por Base de Dados	78
Tabela 2 – Número de registros recuperados ao longo do tempo por Base	80
Tabela 3 – Indicadores de gênero nas Bases: RedALYC, Portal Revistas USP, Index Psi Divulgação Científica	85
Tabela 4 - Indicadores de Estado na Base Index Psi Revistas Técnico-científicas	88
Tabela 5 - Indicadores de Estado na Base Portal Nacional BVS Brasil em Saúde	88
Tabela 6 - Indicadores de Estado na Base Scielo	89
Tabela 7 - Indicadores de Estado nas Bases: RedALYC, Portal Revistas USP, Index Psi Divulgação Científica	89
Tabela 8 – Indicadores de Tipo de Publicação na Base Index Psi Revistas Técnico-científicas	90
Tabela 9 – Indicadores de Tipo de Publicação na Base Portal Nacional BVS Brasil em Saúde	92
Tabela 10 – Indicadores de Tipo de Publicação na Base Scielo	92
Tabela 11 – Indicadores de Tipo de Publicação nas Bases: RedALYC, Portal Revistas USP e Index Psi Divulgação Científica	93
Tabela 12 – Indicadores de produtividade de periódicos na Base Index Psi Revistas Técnico-científicas	95
Tabela 13 – Indicadores de produtividade de periódicos na Base Portal Nacional BVS Brasil em Saúde	96
Tabela 14 – Indicadores de produtividade de periódicos na Base Scielo	97
Tabela 15 - Indicadores de produtividade de periódicos nas Bases: RedALYC, Portal Revistas USP, Index Psi Divulgação Científica	97
Tabela 16 – Indicadores de colaboração científica nas Bases: ReaALYC, Portal Revistas USP, Index Psi Divulgação Científica	100
Tabela 17 – Indicadores de autores na Base: Index Psi Revistas Técnico-científicas	103
Tabela 18 – Indicadores de autores na Base Portal Nacional BVS Brasil em Saúde	103
Tabela 19 – Indicadores de autores na base Scielo	104
Tabela 20 – Indicadores de autores nas Bases: RedALYC, Portal Revistas USP, Index Psi Divulgação Científica	104
Tabela 21 – indicadores de autores na base index livros	105
Tabela 22 – Indicadores de Organizadores na Base Index Livros	105
Tabela 23 – Indicadores de vínculo institucional Base: Index Psi Revistas Técnico-científicas	107

Tabela 24 – Indicadores de vínculo institucional Base: Portal Nacional BVS Brasil em Saúde	108
Tabela 25 – Indicadores de vínculo institucional na Base Scielo	109
Tabela 26 – Indicadores de vínculo institucional nas Bases: RedALYC, Portal Revistas USP, Index Psi Divulgação Científica	110
Tabela 27 – Indicadores de descritores Base Index Psi Revistas Técnico-científicas	113
Tabela 28 – Indicadores de descritores na Base Portal Nacional BVS Brasil em Saúde	113
Tabela 29 – Indicadores de descritores na Base Scielo	114
Tabela 30 – Indicadores de descritores Base Index Psi Livros	114
Tabela 31 – Indicadores de descritores nas Bases: Redalyc, Portal Revistas USP, Index Psi Divulgação Científica	115
Tabela 32 – Indicadores de qualificação Base Index Psi TESES	117
Tabela 33 – indicadores de vínculo institucional na Base Index Psi TESES	118
Tabela 34 – Indicadores de dependência administrativa na Base Index Psi TESES	119
Tabela 35 – Indicadores de descritores na Base Index Psi TESES	119

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Exemplo de registro na Base de Dados Referencial Index Psi Divulgação Científica	47
Figura 2: Exemplo de registro na Base de Dados de textos completos Index Psi Revistas Técnicos-científicas	48
Figura 3 – Exemplo de Busca na Base Terminologia em Psicologia	74
Figura 4 – Termos recuperado na Base Terminologia em Psicologia	74
Figura 5 – Estratégia de busca para o descritor <i>Psicologia Escolar</i>	75
Figura 6 – Exemplo de registro na base Psi Revistas Técnico-científicos	75
Figura 7 - Número de registros recuperados ao longo do tempo por base	81
Figura 8 – Indicadores de Gênero Base Index Psi Revistas Técnico-científicas	83
Figura 9 – Indicadores de Gênero Base Portal Nacional BVS Brasil em Saúde	84
Figura 10 – Indicadores de Gênero na Base Scielo	84
Figura 11 – Indicadores de Gênero na Base Index Psi Livros	85
Figura 12 – Indicadores de colaboração científica na Base Index Psi Revistas Técnico-científicas	94
Figura 13 – Indicadores de colaboração científica na Base Portal Nacional BVS Brasil em Saúde	99
Figura 14 – Indicadores de colaboração científica na Base Scielo	100
Figura 15 - Indicadores de colaboração científica na Base Index Psi Livros	101
Figura 16 – Modelo de um registro com seus descritores	111
Figura 17 – Indicadores de registros de Teses e Dissertações por ano na Base Index Psi TESES	116
Figura 18 – Indicadores de Gênero de autoria Base Index Psi TESES	117

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Acontecimentos históricos entre Educação e Psicologia no Brasil	25
Quadro 2 - Diferenças entre os elementos formais e informais	44
Quadro 3 – Síntese dos trabalhos sobre produção científica relacionada à temática Psicologia Escolar	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BVS-Psi ULAPSI Brasil	Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia Brasil
PROCAD	Programa Nacional de Cooperação Acadêmica
SNPG	Sistema Nacional de Pós-Graduação
USP	Universidade de São Paulo
ISOP	Instituto de Seleção e Orientação Profissional
ABRAPEE	Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional
ANPEPP	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia
TICs	Tecnologias da Informação e Comunicação
BIREME	Biblioteca Regional de Medicina
GT	Grupo de trabalho
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
PNPG	Plano Nacional de Pós Graduação
CCN	Catálogo Coletivo Nacional
IBICT	Instituto de Informação em Ciência e Tecnologia
PAS	Organização Panamericana de Saúde
OMS	Organização Mundial da Saúde
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde
CFP	Conselho Federal de Psicologia
ReBAP	Rede Brasileira de Bibliotecas da Área de Psicologia
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
RedALYC	Rede de Revistas Científicas da América Latina e no Caribe
SCAD	Serviço Cooperativo de Acesso ao Documento
APA	<i>American Psycological Associations</i>
EPERGS	Encontro de Psicólogos Escolares do Rio Grande do Sul
SEDUC-RO	Secretaria de Estado de Educação de Rondônia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	ENCONTRO ENTRE A PSICOLOGIA E A EDUCAÇÃO: BREVE RETROSPECTIVA HISTÓRICA	22
2.1	Antecedentes internacionais do encontro entre a educação e a psicologia: a escola tradicional	22
2.2	Escola Nova: o arcabouço entre a Educação e a Psicologia	23
2.3	A Psicologia Escolar no Brasil	24
3	OS CAMINHOS NORTEADORES DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA: CIÊNCIA E COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA	30
3.1	A ciência: conceito e desenvolvimento	30
3.2	A comunicação científica	35
3.2.1	Categorização da comunicação científica	42
3.3	As bases de dados	46
4	PRODUTIVIDADE CIENTÍFICA: ALGUNS ASPECTOS	49
4.1	Produção científica em Psicologia Escolar	50
4.1.1	A presença da pós-graduação na produção científica em Psicologia Escolar	56
4.2	A bibliometria como uma ferramenta de análise da produção científica	59
5	MÉTODO	66
5.1	Caracterização da pesquisa	66
5.2	Materiais e equipamentos	66
5.3	Fonte de dados	67
5.4	A BIREME	68
5.5	A Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia (BVS-PSI ULAPSI Brasil)	69
5.6	Procedimentos metodológicos	73
6	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	77
6.1	Identificação da produção científica em Psicologia Escolar	77
6.2	Indicadores de registros das publicações ao longo do tempo	78
6.3	Indicadores de gênero de autoria nas Bases Index Psi Revistas Técnico-científicas, Portal Nacional BVS Brasil em Saúde, Scielo, Index Psi Livros, RedALYC, Portal Revistas USP e Index Psi Divulgação Científica	82

6.4	Indicadores de Estado nas Bases Index Psi Revistas Técnico-científicas, Portal Nacional BVS Brasil em Saúde, Scielo, RedALYC, Portal Revistas USP e Index Psi Divulgação Científica	85
6.5	Indicadores de tipo de publicação nas Bases Index Psi Revistas Técnico-científicas, Portal Nacional BVS Brasil em Saúde, Scielo, RedALYC, Portal Revistas USP e Index Psi Divulgação Científica	90
6.6	Indicadores de produtividade dos periódicos nas Bases Index Psi Revistas Técnico-Científicas, Portal Nacional BVS Brasil em Saúde, Scielo, RedALYC, Portal Revistas USP e Index Psi Divulgação Científica	93
6.7	Indicadores de colaboração científica nas Bases Index Psi Revistas Técnico-Científicas, Portal Nacional BVS Brasil em Saúde, Scielo, RedALYC, Portal Revistas USP, Index Psi Divulgação Científica e Index Psi Livros	98
6.8	Indicadores de produtividade de autores nas Bases Index Psi Revistas Técnico-Científicas, Portal Nacional BVS Brasil em Saúde, Scielo, Index Psi Livros, RedALYC, Portal Revistas USP e Index Psi Divulgação Científica	100
6.9	Indicadores de vínculo institucional nas Bases Index Psi Revistas técnico-científicas, Portal Nacional BVS Brasil em Saúde, Scielo, RedALYC, Portal Revistas USP e Index Psi Divulgação Científica	106
6.10	Indicadores de descritores nas Bases Index Psi Revistas Técnico-científicas, Portal Nacional BVS Brasil em Saúde, Scielo, Index Psi Livros, RedALYC, Portal Revistas USP e Index Psi Divulgação Científica	111
6.11	Indicadores da produção científica em Psicologia Escolar na Base Index Psi TESES	115
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
	REFERÊNCIAS	128
	APÊNDICES	141

1 INTRODUÇÃO

A construção das raízes históricas entre a Educação e a Psicologia no Brasil aconteceu há mais de um século quando em “1906 foi criado um laboratório de psicologia pedagógica junto ao *Pedagogium* no Rio de Janeiro” (PATTO, 1984, p.74 apud SOUZA, 2007b, p. 13).

Para Marinho-Araújo (2010) os marcos históricos da Psicologia anunciam sua presença próxima à Educação muito tempo antes de ela se distinguir como área científica no cenário nacional.

Nesse contexto, o fato de caminharem juntas, não significa dizer que elas sempre foram consensuais em suas essências ideológicas, muito pelo contrário, a cumplicidade sempre marcou a tônica dessa relação. Sobre esse aspecto Bock (2003, p. 87) nos mostra que a

Psicologia se tornou cúmplice da Pedagogia na acusação da vítima. E produziu teorias, saberes, instrumentos em profusão. Ditou formas de relacionamento entre a escola e a família e entre professores e alunos; demonstrou a importância da motivação no aprendizado; mas não analisou a educação como um processo social e a escola como uma instituição a serviço de interesses sociais.

E é nesse complexo rol de indulgências que ambas vão se cristalizando e se materializando ao longo de sua história, originando em sua essência um discurso fragmentado, discrepante e de inconsistentes fundamentações culturais e sociais. Bock (2003) ainda aponta-nos que a psicologia fortaleceu noções naturalizantes da pedagogia e contribuiu para ocultar a educação como processo social. A educação ficou concebida como processo cultural de desenvolvimento das potencialidades do indivíduo.

Essa ruptura de cumplicidade só é alterada a partir da década de 1980, quando esses dois saberes, a educação e a psicologia, se tornam interdependentes e tão logo passam a compartilhar entre si uma reflexão e planejamento de ações voltadas para o contexto escolar, desmistificando a realidade social e cultural dos atores envolvidos no processo educacional.

As discussões advindas da década de 1980 passaram a repensar a tarefa do psicólogo, defendendo a necessidade de mudança nos referenciais teóricos na compreensão das questões escolares, com vistas a promover o desenvolvimento de práticas pedagógicas de melhor qualidade (SOUZA, 2009). Nesse sentido, a educação e a psicologia começam a constituir contornos de identidade própria, ganhando terminologia e definições: Psicologia Escolar.

A Psicologia Escolar pode ser entendida como um campo de atuação e, também, da produção científica; assinala-se pela inserção da Psicologia no contexto escolar, sendo que o

objetivo principal desse campo é mediar os processos de desenvolvimento humano e de aprendizagem, contribuindo para sua promoção. Caracteriza-se por propor um olhar para o processo de escolarização e para o contexto sócio-político-cultural em que estão inseridos os processos educativos. Assim, compete ao Psicólogo Escolar utilizar os conhecimentos produzidos sobre o funcionamento psicológico humano para colaborar com os processos de aprendizagem e desenvolvimento que têm lugar no contexto escolar, tendo em conta a complexa teia de elementos e dimensões que nos caracterizam e que, de alguma forma, nos determinam. (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2009; MARTINEZ, 2010; BARBOSA; SOUZA, 2012).

Qualquer área do conhecimento, não obstante a Psicologia Escolar para se chegar a sua definição canônica, precisa, necessariamente, percorrer um longo trajeto de tempo e de disseminação de sua produção científica entre seus pesquisadores, pois serão eles que terão a oportunidade de conhecer, avaliar, questionar e reformular problemas relativos ao seu campo do saber, além de contribuírem identificando os pontos vulneráveis ou fortes, bem como os avanços de novas tendências e perspectivas desse conhecimento.

Mas para que haja essa discussão em torno do conhecimento, é necessário que as produções científicas de tais pesquisadores, obrigatoriamente, sejam transmitidas e divulgadas para a comunidade acadêmica, para os profissionais interessados e para a sociedade. E uma das formas mais utilizadas para comunicar aos interessados o conhecimento é publicar e divulgar seus trabalhos científicos, pois como afirma Monteiro et al. (2011, p.3),

[...] o principal benefício obtido com a publicação dos resultados de uma pesquisa - e, sem dúvida, mais honroso e louvável - é o progresso da ciência. Ela é construída passo-a-passo, sendo cada passo alicerçado e impulsionado pelas pesquisas de outros. As vantagens para o autor passam pelo reconhecimento de seu esforço intelectual, estabelecimento e sedimentação de sua reputação de pesquisador por meio de acreditação pública, garantia de continuidade de seus projetos, prestígio e obtenção de posições acadêmicas hierarquicamente superiores.

Nesse contexto e ao longo dessa trajetória secular, a Psicologia Escolar foi se firmando e se constituindo, gerando uma grande quantidade de trabalhos, como dissertações, teses, livros, artigos de periódicos, comunicações de eventos científicos, entre outros estabelecendo, dessa forma, uma volumosa e consistente produção científica de referência na área.

Nos dias atuais vários investimentos têm sido direcionados pelos governantes brasileiros em pesquisas para promover o desenvolvimento da Ciência e da Tecnologia. Oliveira (2011a, p.1) nos aponta que o Brasil “entre 2007 a 2008, teve o maior crescimento

entre as demais nações: passou de 19 mil para cerca de 30 mil artigos publicados em periódicos científicos indexados”.

Porém só foi possível chegar a esses números através do desenvolvimento de instrumentos e de metodologias específicas das atividades relacionadas à produção científica. Nesse sentido, as informações publicadas em veículos de comunicação formal ou divulgada através de meios informais ou não convencionais, foi a comunicação científica registrada que deu origem aos estudos bibliométricos, colaborando para a história social do conhecimento, que são empregadas a partir do início do século XX. (ARAÚJO; ALVARENGA, 2011).

Atualmente, com os avanços da tecnologia da informação, todo o conhecimento gerado e produzido pode ser encontrado/localizado em bibliotecas virtuais, que são muito eficazes, principalmente no que tange a organização e disseminação da informação. Diante dessa perspectiva é que surge a Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia Brasil (BVS-Psi ULAPSI Brasil) com o objetivo de “reunir, organizar e dar visibilidade ao conhecimento gerado no Brasil” (WITTER; NORONHA; SAMPAIO, 2009, p. 431) na área de psicologia. Consideramos, então, esses repositórios de informações, ou seja, as bases de dados, um mecanismo imprescindível para produção de indicadores para avaliar o estado da arte de uma ciência, visto que para a aplicação das técnicas bibliométricas são fundamentais que as bases de dados estejam organizadas e bem estruturadas.

Dessa forma, nosso interesse em desenvolver um trabalho nesse campo, pode ser sintetizado através da seguinte questão de pesquisa: como estão configuradas as produções científicas em Psicologia Escolar nas bases de dados BVS Psi ULAPSI Brasil?

Esperamos que com os resultados do estudo bibliométrico na área de Psicologia Escolar aquilatar “o nível de conhecimento disponível e delinear políticas de desenvolvimento e investimento” (WITTER, 1999, p. 8), bem como retratar, de fato, como foi se constituindo os padrões e características de produção desse saber.

A justificativa em inserir neste horizonte de pesquisa como estão configuradas as produções científica em Psicologia Escolar na base de dados BVS Psi ULAPSI Brasil, surgiu a partir da ideia de minha orientadora, aliado ao fato de minha formação em Biblioteconomia e Ciência da Informação desenvolver um trabalho que pudesse mensurar a produção científica dessa área.

Ademais, há um grande interesse de um grupo de pesquisadores da Universidade Federal de Rondônia, da Universidade de São Paulo e da Universidade Estadual de Maringá em identificar e quantificar o que já havia sido produzido sobre esse conhecimento em virtude da formalização, no ano de 2010, entre essas três Instituições de Ensino Superior ao Programa

Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD). O PROCAD, no âmbito da Ação Novas Fronteiras, tem por objetivo apoiar projetos conjuntos de ensino e pesquisa, em instituições distintas, que estimulem a formação pós-graduada, a mobilidade docente e discente e a fixação de pesquisadores doutores nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. O Programa atende ao disposto no Plano Nacional de Pós-Graduação 2005-2010, que prevê ações visando à diminuição das desigualdades regionais, observadas no Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG).

A pesquisa também se justifica porque através de nossas leituras notamos que a Psicologia Escolar ainda não conseguiu reunir

[...] elementos teórico-metodológicos suficientes e adequados à consolidação de práticas profissionais competentes. Ao contrário, a análise da literatura disponível indica que no Brasil a maneira como se conduziu o processo de atuação e produção de conhecimentos na área tem sido alvo de sérias críticas. (MEIRA, 2000, p. 37).

Nessa direção, ainda encontramos no texto *Psicologia Escolar: pesquisa e intervenção* de Marinho-Araújo (2010) que desvela que os trabalhos realizados anteriormente sobre produção científica em Psicologia Escolar destacam em seu conteúdo abordagens qualitativas, havendo necessidades de mais estudos que relacionassem a abordagem qualitativa articulada com a abordagem quantitativa, o que motivou aprofundarmos nossos estudos.

Ademais no que tange à Psicologia e suas subáreas, os poucos estudos específicos que têm sido realizados sobre a produção de conhecimento no Brasil e registrados na literatura apontam a debilidade dessa modalidade de atividade, tornando necessário que novos estudos com procedimentos mais sofisticados sejam realizados para obter uma maior investigação do estado da arte da Psicologia Escolar no Brasil. (SEIXAS; COELHO-LIMA; COSTA, 2011; WITTER; YUKIMITSU, 1996).

Diante do exposto fica evidenciado que apesar do longo tempo do encontro entre a Psicologia e a Educação ainda existe uma lacuna de estudos que promove a necessidade de se analisar esta área e que pode ser explorada. Assim essa pesquisa pretende traçar um panorama geral de como foi se configurando a Psicologia Escolar no Brasil, através das produções científicas disponíveis na BVS-Psi ULAPSI Brasil, contribuindo, dessa forma, para um real delineamento desse saber.

Para identificar a produção científica da Psicologia Escolar formulou-se o seguinte objetivo geral:

- Pesquisar nas bases de dados bibliográficas que compõe a BVS-Psi ULAPSI Brasil - Index Psi Revistas Técnico-Científicas, Index Psi Divulgação Científica, Index Psi TESES, Index

Psi LIVROS e nas bases de dados em textos completos - Portal Nacional BVS Brasil em Saúde, SciELO e Portal Revistas USP a produção científica em Psicologia Escolar.

Estabelecemos como objetivos específicos realizar análise bibliométrica e criar indicadores para:

- Identificar a produção científica em Psicologia Escolar de acordo com sua tipologia (editorial, cartas, artigos de revisão, relatos de experiência, dissertações e teses e outros) frequência e ano de publicação, suas temáticas;
- Levantar os tipos de autoria (autores e co-autores), gênero, vínculo institucional e dependência administrativa dos autores;
- Identificar a produção científica por Estado da Federação brasileira a partir da origem de seus autores;
- Detectar quais são os periódicos que mais publicam na área de Psicologia Escolar.

A presente pesquisa buscou subsídios nas literaturas de Psicologia Escolar e na Ciência da Informação nos textos de autores supracitados ao longo desse trabalho e para responder a questão e objetivos da pesquisa que se encontra assim configurada: na **Seção I**, intitulada *Encontro entre a psicologia e a educação: breve retrospectiva histórica*, descrevemos sumariamente a história da Psicologia Escolar, demarcando seus os principais acontecimentos. Na **seção II**, intitulada *Os caminhos norteadores da produção científica: ciência e comunicação científica* apresentamos um levantamento bibliográficos dos principais teóricos que sustentam a Sociologia da Ciência e como ocorre a circulação do conhecimento registrado entre os membros de uma comunidade científica. Também descrevemos as características atuais das Bases de Dados que se tornam um importante instrumento nas análises bibliométricas. Na **seção III**, intitulada *Produtividade científica: alguns aspectos*, descrevemos uma revisão bibliográfica de trabalhos publicados sobre produção científica em Psicologia Escolar, bem como apresentamos o método bibliométrico como ferramenta de análise da produção científica. Na **seção IV**, apresentamos as características, seus materiais, equipamentos e a fonte de dados de nossa pesquisa. A **seção V**, intitulada de *Descrição e análise dos resultados* apresentamos e analisamos os achados de nosso trabalho. Por fim, apresentamos nossas *considerações finais*, as *referências* utilizadas e os *apêndices* detalhados desse estudo.

2 ENCONTRO ENTRE A PSICOLOGIA E A EDUCAÇÃO: BREVE RETROSPECTIVA HISTÓRICA

Para uma melhor dinâmica de leitura, dividimos essa seção em ordem cronológica de acontecimentos da trajetória de constituição da psicologia escolar.

Informamos que não gostaríamos de iniciar nosso trabalho diretamente mostrando os achados de nossa pesquisa sem antes, mesmo que sumariamente, referenciarmos ao leitor de como se iniciou esse encontro. Assim sendo partimos do ideal que contra fatos (aqui toma o sentido de produção de documentos: livros, artigos, teses, dissertação que encontremos em nossa busca) não há argumentos. Os números revelam isso.

2.1 Antecedentes internacionais do encontro entre a Educação e a Psicologia: a escola Tradicional

Durante muito tempo, aproximadamente entre os séculos XVIII e início do século XX, a Escola Tradicional era caracterizada principalmente na concepção em desenvolver a parte essencial da natureza humana. Isto é, tinha-se a concepção de que o homem era caracterizado por uma natureza humana dupla: a primeira parte era o pecado original, a outra essencial, cercada por características boas e construtivas. (BOCK, 2003).

Dessa forma se a escola, na figura do professor, conseguisse educar bem o aluno corrompido poderia potencializar o lado essencial da sua natureza, visto que, à época o conhecimento era o único mecanismo capaz de controlar a parte ruim da natureza humana e adequar o indivíduo à sociedade vigente (OLIVEIRA, 2011b).

Essas características de natureza humana são típicas do “período de ascensão da burguesia, cuja educação serviu como instrumento de consolidação de sua hegemonia” (BALDAN; ARCE, 2011, p. 16) e seu ideário era marcado fortemente no progresso do conhecimento humano e no controle sobre sua natureza (PATTO, 2010).

A Escola Tradicional, também era caracterizada “pelo controle de comportamento do alunado” (PINHEIRO; ALVES, 2011, p. 2), com regras rígidas para que os alunos corrompidos pelo pecado original pudessem ir ao longo do tempo corrigindo seus enleios.

Esse controle de comportamento através de regras foi uma maneira encontrada pela burguesia em transferir para a escola a manutenção de seu modelo de dominação social, uma vez que a escola deveria reproduzir em seu contexto o que já estava cristalizado pela sociedade (BOCK, 2003).

Dessa forma não havia espaço para a Psicologia em seu modelo educacional, uma vez que já se conhecia as duas faces da natureza humana, cabendo à educação àquele momento apenas passarem o conhecimento e a disciplina.

Buscando romper o que já está cristalizado, isto é, o do professor exercer um papel central aliado ao desenvolvimento de métodos de ensino de caráter disciplinador e rígido que não considerava as crianças e seu interesse, surge um novo pensamento, o da ‘Escola Nova’, que propunha uma nova sistematização educacional.

2.2 Escola Nova: o arcabouço entre a Educação e a Psicologia

Apesar do início da Escola Nova ter surgido no final da década de oitenta do século XIX, é somente em meado do século XX, principalmente pós Segunda Guerra Mundial que começam a se propagar suas concepções e a mudar o ideário da Escola Tradicional nos meios educacionais. (PATTO, 2010).

As concepções da pedagogia da Escola Nova surgem a partir do “capitalismo monopolista e responde às necessidades de uma sociedade em permanente movimento” (BOCK, 2003, p. 84), isto é, nada permanece estático, possibilitando a todos os cidadãos a chance de uma ascensão social. Essa nova concepção é automaticamente transferida para a escola, pois não caberia mais a mesma reproduzir em seu contexto o ideário social burguês da Escola Tradicional, uma vez que a Escola Nova nascia diante de um novo modelo de sociedade.

Assim a escolanovista ainda mantinha a natureza humana dupla da criança, porém agora obsecrada de um lado como boa, caracterizada em seu nascimento, e uma outra corruptível. Dessa forma restava à escola manter no aluno a afeição e a espontaneidade que a caracterizavam. (BOCK, 2003).

Ainda de acordo com Bock (2003, p. 81):

A escola passou a ser espaço de liberdade e comunicação. Lugar onde a criança poderia manifestar sua afetividade, expressa com carinho ou afetividade; sua criatividade, expressão como construção ou destruição; sua liberdade, expressa como obediência ou rebeldia. Todas as manifestações infantis forma tomadas, em seu natural, como boas e desejáveis.

Diferentemente da Escola Tradicional, na Escola Nova não competia mais ao professor à responsabilidade de potencializar o lado essencial de sua natureza, o mesmo deveria desenvolver aspectos relacionados ao aprendizado, despertando no alunado a curiosidade e as descobertas.

É nesse momento que a Escola Nova passa a incorporar a necessidade de inserção da Psicologia no ambiente escolar, uma vez que a pedagogia dessa Escola necessitava de respostas de como poderia manter o desenvolvimento natural do aluno, sem ser corruptível, para poder vigiá-lo a partir desse aspecto. (BOCK, 2003; PINHEIRO; ALVES, 2011).

Nesse sentido a Escola Nova se caracteriza pela importância de um olhar para os aspectos do desenvolvimento infantil; defesa de uma educação que considerasse o curso do desenvolvimento e o estimulasse; a defesa de métodos de ensino e a aprendizagem baseada em ações práticas e em novas tecnologias. (BARBOSA, 2011).

2.3 A Psicologia Escolar no Brasil

Suscitamos a Escola Nova, porque a mesma tem relação muito estreita com a Psicologia Escolar, pois de acordo com Yazzle (1990 apud BARBOSA, 2011) a Psicologia Educacional Escolar, então nascente no país, foi fortemente influenciada pelo movimento da Escola Nova.

Dessa forma, como notamos até o momento a relação histórica entre a Psicologia e a Educação têm sido articuladas a partir de ideologias e práticas que perpassam essas duas áreas (MARINHO-ARAÚJO; ALMEIDA, 2005). Indubitavelmente as características do momento social de cada época são sempre incorporadas a Educação como forma de manutenção daquilo que já está cristalizado.

Assim a articulação entre esses dois saberes não poderiam chegar ao Brasil diferentemente. O Brasil do final do século XIX e início do século XX não se configurava como um país pertencente ao mundo do capitalismo, porém os intelectuais que aqui viviam estavam dispostos a trazer da Europa as novidades, incluindo o que era produzido no campo do saber. (ANTUNES, 2003).

Nesse contexto, Freire (2009, p.35) assevera que “o Brasil foi inventado de cima para baixo” assim não poderíamos esperar que a articulação entre a Educação e a Psicologia chegaria às terras tupiniquins preocupadas em contextualizá-la de acordo com a precariedade da nossa realidade social do final do século XIX e início do século XX.

Nesse contexto os intelectuais brasileiros ‘importam’ no final do século XIX da Europa as ideais escolanovista dos fenômenos psicológicos e educacionais para fins de aplicação da prática educativa, principalmente as ideias da escola americana ligada a psicometria e a psicologia experimental e a escola européia, em especial a Francesa, caracterizada principalmente pela intervenção psicológica junto aos alunos com necessidades

escolares especiais. Assim, a Psicologia Escolar norte-americana e a francesa configuraram-se como as duas principais fontes de influência na área por todo o mundo, inclusive no Brasil (BARBOSA; MARINHO-ARAÚJO, 2010; ANTUNES, 2003).

As primeiras fontes que aproximam definitivamente esses dois campos do saber no Brasil nascem do início do século XX em teses elaboradas por médicos das Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia. A partir de então a Psicologia Escolar brasileira foi se constituindo historicamente ao lado da Educação da seguinte maneira, conforme demonstrado no quadro 1:

Quadro 1: Acontecimentos históricos entre Educação e Psicologia no Brasil

ANO	ACONTECIMENTO
1906	Objeto de pesquisa do Laboratório de Pedagogia Experimental no 'Pedagogium' no Rio de Janeiro
1914	Ligado ao núcleo de estudo à Psicologia pedagógica em São Paulo
1925	Nas pesquisas orientadas pelo professor Lourenço Filho na Escola Normal de São Paulo
1931	Como base para a reforma pedagógica orientada pelo professor Lourenço Filho e Noemy da Silveira Rudolfer
1934	No laboratório de Psicologia da USP com a criação da cadeira de Psicologia como disciplina obrigatória
1935	Na criação do Instituto de Psicologia do Recife
1937	Na equipe formada pelo psicólogo Wacław Radecki no laboratório de Psicologia da colônia da psicopatas
1940	A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP <i>Sedes Sapientiae</i> inicia um projeto para formar psicólogos a partir do curso de Pedagogia
1947	Criação do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) objetivo básico de contribuir para o ajustamento entre o trabalhador e o trabalho, mediante estudo científico das aptidões e vocações do primeiro e dos requisitos psicofisiológicos do segundo
1953	Instalada uma Clínica Psicológica pela Madre Cristina Sodré Dória com a finalidade de atender crianças com problemas escolares.
1953	Criado o curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
1950	Criado o Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

1962	Início da Lei 4119 que reconhece a profissão de psicólogo
1963	Criado o Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília
1966	Criado o primeiro mestrado em Psicologia na PUC-RJ
1970	Criado no Instituto de Psicologia da USP-SP o curso de mestrado em Psicologia Escolar

Fonte: Baseado nos estudos de Marinho-Araújo e Almeida (2005); Antunes (2003) e Abade (2005)

Ainda no que tange à Psicologia e Educação na década de 1960, cresceu a teoria da “carência cultural”, tônica surgida na década de 1960 nos Estados Unidos. Essa teoria cumpriu o papel de substituir as explicações biologistas, dando ênfase aos fatores ambientais, especialmente sócio-econômicos. (BARBOSA, 2011).

A década de 1960 é marcada no Brasil pelo início do controle da ditadura militar, onde o controle social passa a ser mais evidenciado em detrimento a liberdade. As teorias tecnicistas se espalham e inicia-se a desvalorização das Ciências Humanas e Sociais (BARBOSA, 2011). Nesse contexto a Psicologia Escolar, assim como a Psicologia como um todo, se alicerçou sobre práticas “individualistas e ajustatórias, com ênfase nos processos de aprendizagem e nos procedimentos remediativos como solução dos chamados problemas escolares” (YAZLLE, 1990, apud BARBOSA, 2011, p.44).

A partir da década de 1960 com a ampliação do sistema educacional em suas diversas modalidades e consequentes solicitações por serviços de atendimento aos alunos, a Psicologia passou a constituir-se como uma prática profissional mais sistematicamente presente nas escolas, ainda que marcada por objetivos fortemente adaptacionistas. Surgiu, com uma identidade pouco definida, a figura do psicólogo escolar ou psicólogo educacional chamado a resolver ou enfrentar as situações problema oriundas da escola. (MARINHO-ARAÚJO, 2010).

No período entre os anos de 1930 a 1962, emerge uma produção de publicações de livros e de periódicos de educação e psicologia, que contribuíram para divulgar a psicologia educacional em nosso país. Destaque para a *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, *Revista de Pedagogia*; *Revista de Psicologia Normal e Patológica*; *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada* (hoje denominado *Arquivos Brasileiros de Psicologia*), publicado pelo ISOP; *Boletim de Psicologia e Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*. (ANTUNES, 2003; WAENY; AZEVEDO, 2009, grifo nosso).

Os anos de 1970 se caracterizaram, no âmbito da educação, pela promulgação da lei nº 5.692/71, que ampliou o sistema educacional e efetivou a expansão da escolaridade obrigatória e gratuita, trazendo mudanças significativas no contexto escolar. O aumento no quantitativo de alunos advindos das mais diversas realidades socioculturais ocasionou dificuldades de adaptação do sistema à nova realidade, tanto em termos de infraestrutura das escolas quanto em termos de concepções e metodologias de aprendizagem adequadas ao novo panorama educacional. (BARBOSA; MARINHO-ARAÚJO, 2010).

Nesse contexto a identificação da Psicologia como profissão cujo comprometimento se associava ao conservadorismo, ao reprodutivismo social, ao tecnicismo e ao individualismo refletia-se na Psicologia Escolar, que sustentou a psicologização das questões educacionais “tratando” os problemas escolares de forma adaptativa e remediativa com ênfase no ajustamento. (MARINHO-ARAÚJO, 2010).

A relação entre Psicologia e Educação nesse momento foi polêmica e ao mesmo tempo rica de possibilidades críticas que começaram a emergir. Este marco deve-se ao fato de na década de 1970 a Psicologia ter recebido críticas da Pedagogia devido à maneira como utilizava os testes e as consequências para os educandos (sua interpretação). (WAENY; AZEVEDO, 2009).

Na década de oitenta do século passado, o Estado e a Sociedade brasileira estavam se recompondo após vinte anos de ditadura militar, o Brasil passava a se preocupar mais com as condições sociais, como saúde, educação, moradia e trabalho. O contexto histórico e político desta época, principalmente com o processo de redemocratização do país, oferecia condições favoráveis à retomada das discussões educacionais numa perspectiva crítica, assim como à implementação de medidas inovadoras nos sistemas de ensino e à reação contra o dogmatismo teórico que predominara na década anterior. (MAINARDES; PINO, 2000; MALUF; CRUCES, 2008).

Nesse contexto a Psicologia e a Educação não ficam imunes. O Psicólogo insere-se nos problemas sociais fazendo emergir novas práticas e questionamentos teóricos acerca de sua atuação. Eventos científicos, encontros de conselhos e de sindicatos e outros movimentos de organização social levaram a Psicologia a recorrer às concepções e teorias histórico-críticas para auxiliar na compreensão dos impasses presentes na educação brasileira. (MARINHO-ARAÚJO, 2010).

Podemos considerar a década de 1980 com um marco muito representativo na historiografia da Psicologia Escolar em saber qual era realmente seu papel e sua relação com a escola. Nesse contexto, o mercado editorial brasileiro colocava em circulação, no ano de

1984, o livro *Psicologia e Ideologia: uma introdução crítica à Psicologia Escolar* de Maria Helena Souza Patto, gerando uma nova discussão a respeito da formação e atuação do psicólogo escolar.

Em suma, este livro desnudava as principais filiações teóricas das práticas psicológicas levadas a efeito na escola, os métodos que vinha empregando e que centravam na criança a causa dos problemas escolares, à forma restrita como a Psicologia interpretava os fenômenos escolares. Discutia-se a serviço de quê e de quem estaria a Psicologia Escolar e concluía que caminhava pouco a serviço da melhoria da qualidade da escola e dos benefícios que esta escola deveria estar propiciando a todos, em especial, às crianças oriundas das classes populares. (SOUZA, 2007b; SOUZA, 2009).

Ademais o livro *Introdução a Psicologia Escolar* de Novaes (1970), relatando experiências entre 1958 e 1968 entre a Psicologia e a Educação. Este livro, mais *Ação da psicologia na escola* de Masini (1978), *Psicologia escolar* de Khouri (1984), *Acompanhamento psicológico à professora: uma experiência* de Albuquerque (1972) ou *Acompanhamento psicológico à professora: seus rumos* de Albuquerque (1976) são alguns dos primeiros títulos feitos por e para os profissionais da área. Esse aumento de publicações no período de certa forma é uma resposta, assim como também resulta da crítica ao modelo de atuação então vigente, na qual a atuação do Psicólogo Escolar era pautada geralmente pelo modelo clínico. (WAENY; AZEVEDO, 2009).

Ainda na década de 1980 por iniciativa do Sindicato dos Psicólogos, ocorreram três encontros entre psicólogos interessados na área da Educação (BARBOSA; MARINHO-ARAÚJO, 2010; WAENY; AZEVEDO, 2009) para aprofundamento e difusão de pesquisa na área.

Concomitantemente no final dos anos de 1980 e início da década de 1990, a criação da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), acontecimento importante para a delimitação da área de Psicologia Escolar. A entidade vem contribuindo, desde então, com a divulgação de reflexões acerca da identidade do psicólogo escolar, dos conhecimentos psicológicos que se aplicam à área e das possibilidades de atuação em espaços educacionais.

A ABRAPEE teve origem a partir da iniciativa de Raquel Souza Lobo Guzzo, Solange Wescheler, Geraldina Porto Witter, Samule Pfromm Netto e Vera Gomes. A ABRAPEE ainda instituiu, em 1991, a *Revista de Psicologia Escolar e Educacional* como um importante instrumento de divulgação de pesquisas para a Psicologia Escolar e Educacional. De acordo com Barbosa (2011, p. 413), essa revista é a “primeira com conteúdos específicos na área”.

Se a década de 1980 se caracterizou, no interior da Psicologia Educacional e Escolar como a “década da denúncia”, podemos dizer que isto se estendeu nos anos de 1990, dado que neste período muitas das publicações no interior da área, analisavam as diferenças entre a psicologia tradicional e a psicologia crítica, e também no que se refere à Psicologia Escolar e Educacional. (BARBOSA, 2011).

Mais uma vez, Maria Helena Souza Patto, agora em 1990 publica o livro *A produção do fracasso escolar*, obra em que analisa como a escola produz estas rotulações da criança que não aprende com preconceitos de raça e classe social e que alteraria, novamente, os rumos da produção científica da Psicologia Escolar no Brasil.

Ainda no início da década de 1990, marcado por uma grande inquietação da psicologia brasileira com questões relacionadas à sua identidade e seu compromisso social, instituiu-se o Grupo de Trabalho de Psicologia Escolar/Educacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). Os trabalhos deste grupo, que mantém representações de vários estados, vêm possibilitando um grande salto no que diz respeito à ampliação da leitura da realidade nacional relativa à área da Psicologia Escolar. (CARVALHO; MARINHO-ARAÚJO, 2009; GUZZO et al. 2010).

Diante desses aspectos, o desenvolvimento da pesquisa na área de Psicologia Escolar teve um maior interesse a partir dos anos de 1980, e sua expansão foi realizada a partir do final dos anos de 1990, fruto dos vários centros de formação em psicologia, tanto de nível de graduação e pós-graduação, que passaram a desenvolver uma série de pesquisas nesse ramo do saber. Nesse sentido vários espaços criados, na década de 1990, pelo *I Congresso Nacional de Psicologia Escolar* (ocorrido em Valinhos, SP, em 1991), e a realização conjunta do *XVII Congresso Internacional de Psicologia Escolar* e do *II Congresso Nacional de Psicologia Escolar* (na PUC de Campinas, SP, em 1994). Em 1994 a partir do *V Simpósio* foi criado o Grupo de Trabalho (GT) Psicologia Escolar/Educacional, atuante até o momento, objetivando o desenvolvimento e a consolidação da Psicologia Escolar por meio da pesquisa e de políticas de formação no âmbito da pós-graduação em Psicologia no Brasil. (SOUZA, 2007c; MARINHO-ARAÚJO, 2010).

Assim as últimas décadas foram mais marcadas por novos encontros entre Psicologia e Educação, assumindo um direcionamento dialético da compreensão do desenvolvimento humano e não apenas das dificuldades de aprendizagem e comportamento, mas que perpassam ambientes mais amplos do contexto educacional como, por exemplo, espaços comunitários, núcleos, associações, entre outros. (GUZZO et al., 2010).

3 OS CAMINHOS NORTEADORES DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA: CIÊNCIA E COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Apesar do escopo e conteúdo da ciência estar bem definidos e documentados (ZIMAN, 1979), não suscitaremos em nosso trabalho antinomias, como natural versus social para explicar sua complexidade de seus métodos, uma vez que nossos objetivos não se interessam por esse contexto, mas sim de apresentarmos a ciência não “tanto o que ela é, mas como é que ela é materialmente produzida” (DEUS, 1979, p. 16), isto é, nosso interesse é permear a ciência a partir da sua produção, da sua organização e da comunicação científica “como resultante de relações sociais e da socialização de informações” (SILVA, HAYASHI, 2012, p.13). Para tanto, antes de analisarmos as técnicas de medição da produção científica da Psicologia Escolar, necessitamos entender como a ciência progrediu ao longo do tempo para compreendermos o que está por trás dos bastidores que impulsiona todo pesquisador a divulgar o resultado de suas descobertas.

3.1 A Ciência: conceito e desenvolvimento

Ao compulsarmos a literatura acerca do que é a Ciência, logo percebemos que a mesma possui um “vocabulário amplo” (MERTON, 1968, p. 652) e que não pode ser definida “com facilidade recorrendo a uma boa enciclopédia” (SCHWARTZMAN, 1984, p. 54). Já para Ziman (1979, p. 17) “querer dar uma resposta ao que é ciência demonstra tanta presunção quanto tentar definir o sentido da própria vida”.

A palavra ciência vem do latim *scientia* e significa um conjunto de atividades variadas e complexas, o qual envolve muitas pessoas, instituições e produtos, resulta na geração de conhecimentos, de equipamentos e de tecnologia. Sua origem está submersa em épocas iletradas, quando os seres humanos começam a levantar questões do tipo como? e por quê? a respeito do mundo. Muito cedo, o ser humano sentiu a fragilidade do saber fundamento na intuição, no senso comum ou na tradição, o que o levou ao desejo de saber mais e de buscar um conhecimento melhor elaborado e confiável. (WITTER, 1997; LAVILLE, DIONNE, 1999).

Talvez isso justifique o fato de que desde a pré-história o homem busca encontrar na ciência elementos que assegurem a si *status* de confiança e legitimação. Labotit (1988 apud ARAÚJO, 2006, p.5) assevera que:

[...] quando um homem do paleolítico encontrou um mamute, percebeu imediatamente que não poderia enfrentá-lo. Fugiu correndo e, na incoerência aterrorizada da corrida, caiu e feriu o joelho num sílex. Compreendeu que o sílex era mais duro que o joelho. Ora, o homem é o único animal que reuniu essas diversas experiências para formular uma hipótese de trabalho... [após construir uma arma para enfrentar o mamute, o homem] concebera uma hipótese de trabalho e verificara experimentalmente o seu valor.

Nos dias atuais não há dúvida que a ciência exerce um papel de destaque em nossa sociedade. Da euforia das descobertas com células-tronco, capazes de produzir células e tecidos para terapias medicinais e de tratar um grande número de doenças, entre elas, Mal de Parkinson e Alzheimer ou com o desencanto com a mesma, responsável, por exemplo, das consequências devastadoras de uma Bomba H.

Desse modo a ciência é seguramente a instituição social mais dinâmica, pois seus efeitos transformam desde a invenção de raiz tecnológica até a própria estrutura das sociedades contemporâneas. (MALTRÁS BARBA, 2003).

Nesse contexto a ciência busca desvendar e compreender a natureza de seus fenômenos através de métodos sistemáticos e seguros, tornando-a uma instituição social, contínua e conseqüentemente cumulativa. Ou seja, a ciência moderna pode ser definida como o resultado do trabalho conjunto dos membros das equipes de pesquisas em determinadas áreas de conhecimento. A ciência é mais que uma instituição, por ser um conceito abstrato, o que conhecemos de concreto são os cientistas e o resultado de seu trabalho. (MORAIS, 1998 PEÑARANDA ORTEGA; QUIÑONES VIDAL; LÓPEZ GARCÍA, 2005).

Diante desses aspectos Targino (2000) assevera que a ciência vem se desenvolvendo ao longo do tempo num processo de maturação e progresso, provocando acontecimento, construindo suas próprias regras de funcionamento e se constituindo através de seus próprios atores (re) definindo seu próprio caminho. Nesse sentido teorias são contestadas, revistas e questionadas por sua auto-suficiência, por seu absolutismo, observando-se crescente busca de uma ciência pluralista, capaz de perceber e respeitar a totalidade dos fenômenos, dentro de uma visão holística.

Nesse ponto Popper (2004, p.51) argumenta que o progresso da ciência pode ser visto a partir de um “ponto de vista revolucionário, mais precisamente da teoria da seleção natural”.

Ao sugerir ao progresso da ciência seu ponto de vista a partir de aspectos biológicos e evolutivos, Popper (2004) nos mostra que a ciência assume um caráter usado pela espécie humana para se adaptar ao ambiente ou mesmo para invadir novos nichos ambientais.

Nesse aspecto Popper (2004) relata a distinção entre três níveis de adaptação: adaptação genética; aprendizagem do comportamento adaptável e a descoberta científica. Em todos os três níveis o processo de adaptação é semelhante, ou seja, Popper (2004) considera que todos os níveis evoluem através de instruções que nada mais são mudanças com origem de dentro de uma estrutura individual, e não de fora, do ambiente.

Porém Popper (2004, p.58) ainda considera existirem diferenças, principalmente no nível científico, onde as “descobertas são revolucionárias e criativas”. Nesse ponto o autor (2004, p.59) assevera que as teorias podem ser publicadas, “logo, tornam-se objetos fora de nós mesmos: objetos abertos à investigação. Como consequência, estão agora abertos à crítica”. Dessa forma a ciência evolui a partir de um processo de conjectura ou refutação de hipóteses ou teorias após ser analisada pela comunidade científica.

O método científico de verossimilhança caracteriza-se pelo processo de ensaio e erro, o que vale dizer que a ciência avança não como resultado de um processo cumulativo de uma positividade de ideias, mas pela negação de hipóteses e teorias, cuja rejeição aproxima o homem da verdade, ainda que provisória e mutável, por ser histórica, e, portanto, redefinível a qualquer momento. (TARGINO, 2000).

Já para Kuhn (2009), que afasta sua teoria da ciência a de Popper aos nos apresentar que o desenvolvimento da mesma se dá através de mudanças de paradigmas, criando o método de validação da ciência.

Ou seja, para Kuhn (2009, p. 27) “a competição entre os segmentos da comunidade científica é o único processo histórico que realmente resulta na rejeição de uma teoria ou na adoção de outra”.

Assim, paradigma pode ser entendido como tudo aquilo que os membros de uma determinada comunidade científica compartilham, ou seja, suas crenças, valores e técnicas que por sua vez envolve “realizações suficientemente sem precedentes para atrair um grupo de partidários, afastando-os de outras formas de atividade científica dissimilares (KUHN, 2009, p. 30).

O paradigma para Kuhn (2009) só existe porque uma comunidade científica o pratica, estendendo a esse processo como uma busca de como, essa comunidade, entende e partilha a melhor forma de resolver os temas científicos relativos a um determinado ramo de seu interesse, o que torna a ciência, a partir do ponto de vista de sua evolução, cíclica, contínua e infinita. Essa comunidade científica compartilha de tradições, de regras, de valores em seus respectivos ramos do saber, ou seja, no paradigma, essa comunidade é responsável pela reprodução do modo de fazer e praticar a ciência, uma vez que para Kuhn (2009) os membros

são escolhidos e treinados por essa comunidade, eternizando um monopólio vicioso dessa prática. Esse modo de fazer e praticar a ciência acabam se manifestando através das pesquisas e sendo reproduzida automaticamente aos novos e futuros membros de uma comunidade.

Notamos que quando um paradigma é revelado, automaticamente ao mesmo tempo vem à tona a identificação da comunidade e de seus praticantes que são, para Kuhn (2009), a unidade produtora e legitimadora do conhecimento científico suficientemente apta, e somente ela, responsável em resolver os problemas oriundos de um determinado paradigma.

Já Bourdieu (2004) introduz um ponto infenso ao de Kuhn ao propor no desenvolvimento da ciência a noção de campo científico. Bourdieu (2004) aponta que em todas as produções, sejam elas culturais, a filosofia, a arte, a ciência, entre outras, sempre são objetos de análises com pretensões científicas.

Nesse sentido Bourdieu (2004) assevera que existem dois pólos opostos e distantes na pesquisa. O primeiro deles sustenta a tese de que para compreender a filosofia ou a literatura, cabe ao pesquisador apenas ler os textos. Em contrapartida, Bourdieu (2004) nos mostra que existe outro pólo que quer relacionar o texto ao contexto, propondo, dessa forma, a interpretar as obras colocando-as em relação ao mundo social ou ao mundo econômico.

Nesse aspecto Bourdieu (2004, p.20) apresenta como alternativa a esses dois pólos a noção de campo que

[...] consiste supor que, entre esses dois pólos, muito distanciados, entre os quais se supõe, um pouco imprudentemente, que a ligação possa se fazer, existe um universo intermediário, que chamo o campo literário, artístico, jurídico ou científico, isto é, o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência.

Assim, o campo assume um espaço relativamente autônomo dotado de suas próprias leis, ou seja, o campo científico “é um mundo social e, como tal, faz imposições, solicitações etc., que são, no entanto, relativamente independentes das pressões do mundo social global que o envolve”. (BOURDIEU, 2004, p. 21).

Apesar de o campo científico estar isolado do mundo social global, não significa que o mesmo está livre de relações e disputas, muito pelo contrário, o campo científico para Bourdieu (1983, p.123):

[...] enquanto sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores), é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da autoridade científica definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou, se quisermos o monopólio da competência científica, compreendida enquanto capacidade de falar e agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado.

O campo científico estabelecido por uma estrutura entre seus agentes (indivíduos ou instituições) daquilo que pode ou não pode fazer é determinado pela distribuição do capital científico num dado momento. Esse capital científico é uma espécie de capital simbólico, não monetário, que para Bourdieu (1983, p.126)

[...] não há escolha científica – do campo da pesquisa, dos métodos empregados, do lugar de publicação; ou ainda, escolha entre uma publicação imediata de resultados parcialmente verificados e uma publicação tardia de resultados plenamente controlados – que não seja uma estratégia política de investimento objetivamente orientada para a maximização do lucro propriamente científico, isto é, a obtenção do reconhecimento dos pares-concorrentes.

Já para Ziman (1979, p. 25) um dos principais estudiosos em pensar a própria ciência como um objeto de observação, nos revela que para “compreendermos a natureza da ciência precisamos observar a maneira como os cientistas se comportam uns com os outros, como se organizam e como transmitem as informações entre si”.

Assim a ciência é conhecimento público e não privado, e, por conseguinte intelectual, conceitual e abstrata. É criada por homens e mulheres, individualmente, e em consequência tem um aspecto acentuadamente psicológico (ZIMAN, 1979). Isto é, todo conhecimento, por ser público, deverá passar pelo crivo de seus pares, de forma a contribuir para a construção de conhecimentos de outros pesquisadores interessados numa determinada área do saber.

Nesse sentido Ziman (1979, p.49) considera que a meta da ciência é alcançar um consenso de opinião racional que abranja o mais vasto campo possível, tornando-a um empreendimento corporativo, isto é,

[...] não se trata de subir aos ombros de gigantes para poder enxergar mais longe. Todo cientista vê com seus próprios olhos e com os de seus predecessores e colegas. Nunca se trata de um indivíduo que passa sozinho por todas as etapas da cadeia lógico-indutiva, e sim de um grupo de indivíduos que partilham entre si o trabalho, mas fiscalizam permanentemente e zelosamente as contribuições de cada um. A plateia à qual são endereçadas as publicações científicas não é passiva; por meio de aplausos ou vaias, de flores ou tomate, ela controla eficientemente a substância das comunicações que recebe.

Como observamos vários são os autores que discutem como a ciência vem se desenvolvendo ao mesmo tempo mostrando que além da plena evolução da ciência há outro fator preponderante nesse jogo, ou seja, a necessidade de se publicar os resultados de suas descobertas científicas para as suas comunidades. Merton (1979, p. 47) vai além ao afirmar que “a pressão para difusão dos resultados é reforçada pela meta institucional de ampliar as fronteiras do saber e pelo incentivo da fama, a qual depende, naturalmente, de publicidade”.

Nesse contexto mapear a origem de tal ‘pressão’ passa a ser fundamental para conhecermos melhor o desenvolvimento da Psicologia Escolar. Não conseguimos ver a ciência, mas podemos conhecer seus pesquisadores e sua produção científica, assim, para que a ciência avance exige o “diálogo, a troca e a pluralidade”. (MALUF, 2005, p. 31). Ou seja, para que a ciência se desenvolva

[...] não basta conceber ideias frutíferas, elaborar novos experimentos, formular problemas novos problemas ou estabelecer novos métodos. As inovações devem ser efetivamente comunicadas a todos. A ciência é um corpo de conhecimento socialmente convalidado. Assim para o desenvolvimento da ciência, só importa a obra conhecida e utilizada por outros pesquisadores. (MERTON, 1968, p. 567).

Dessa forma conseguimos visualizar a produção científica da Psicologia Escolar através de um processo chamado de comunicação científica. Nesse ponto é vital nesse momento do trabalho esclarecermos os sentidos da comunicação científica da Psicologia Escolar, pois como afirma Van Raan (2003) a comunicação, ou seja, a troca de resultados de pesquisa, é a força motriz na ciência e é “[...] uma parte tão importante de sua vida quanto o germe da ideia que deu origem a tudo” (ZIMAN, 1979, p. 116) para compreendermos melhor suas características. Assim abordaremos na próxima seção como a ciência se comunica com seus pares.

3.2 A comunicação científica

O processo de comunicação sempre foi um fenômeno natural do homem como um processo de troca de informações entre as pessoas. Para Targino (2000, p. 10) “o processo de comunicação pressupõe um estoque comum de elementos preexistentes – linguagem, expressões, códigos etc., essencial para facilitar o fluxo informacional”.

No início o homem se comunicava a partir de uma linguagem que utilizava um código restrito, sem a preocupação de descrições ou mesmo uma reflexão elaborada. Com o passar do

tempo passaram a desenvolver um código elaborado com o objetivo de tornar as noções mais precisas e sistematizar os campos do conhecimento. (ARAÚJO, 2012).

Nesse sentido a comunicação pode ser entendida como um mecanismo que permite a troca de ideias, podendo variar de interesse de acordo com as características de um grupo a qual se pertence. E é esse processo de troca de ideias e informação entre os grupos de interesse de um mesmo conhecimento é o manancial de onde surgem os conhecimentos científicos, que depois de registrados se transformarão em informações científicas. (LE COADIC, 1996).

Tal mecanismo de circulação do conhecimento registrado entre os membros de uma mesma comunidade científica é denominado comunicação científica que de acordo com Garvey (1979) são as atividades associadas à produção, a disseminação e o uso da informação do momento em que o cientista concebe uma ideia para pesquisar até o processo final, ou seja, o momento em que o resultado final é aceito como constituinte do estoque final do conhecimento científico.

Não sabemos ao certo quando se iniciou pela primeira vez na história a produção de uma pesquisa científica e conseqüentemente uma comunicação científica, o que podemos afirmar é que foram os gregos antigos os primeiros povos que influenciaram o processo de comunicação antiga moderna. (MEADOWS, 1999).

As duas formas mais importantes de comunicar a pesquisa científica é através da fala e da escrita, assim de acordo com Meadows (1999, p.3):

Os Gregos valiam-se de ambas. Assim, nossas discussões acadêmicas remontam à Academia, o lugar na periferia de Atenas onde as pessoas se reuniam nos séculos V e IV aC para debater questões filosóficas. Igualmente, o simpósio original era uma festa dos gregos em que debates e bebidas circulavam livremente.

Apesar de que a comunicação oral pareça ter prevalecido durante muito tempo como o cerne da comunicação científica, a comunicação escrita na Grécia Antiga já existia através de textos feitos em papiros (planta egípcia, de caule fibroso) e conservados em bibliotecas públicas e particulares à época.

Posteriormente, após o século I os livros confeccionados em papiros foram sendo substituídos pelos pergaminhos, mais resistentes e que permitia a montagem de códices. (CÔRTEZ, 2006).

Por volta do século VIII, o papel inventado por *Ts'ai Lun* na China em 105 a.C. foi difundido para o Ocidente pelos marcadores Árabes e de lá seguindo para a Europa (CÔRTEZ, 2006), onde no século XIV já havia substituído totalmente o pergaminho.

Durante as últimas décadas do século XV com os avanços dos métodos de impressão desenvolvidos por Johann Guttenberg inicia-se a transformação na história da transferência de conhecimentos. (MUELLER; CARIBÉ, 2010).

Com o advento dos métodos de impressão de Gutenberg, calcula-se que a produção média de livros por ano no mundo saltou de 420, no período de 1436-1536, para 5.750 durante os 100 anos seguintes. De fato a maioria desses livros nada tinha a ver com ciência, mas vale ressaltar a importância da invenção do livro impresso na transmissão dos resultados das pesquisas científicas. (MEADOWS, 1999). De fato a explosão da produção do livro foi tamanha que despertou grande impacto, conforme assinala Price (1976b, p. 40) foi “uma das doenças desta época é a multiplicidade dos livros; sobrecarregam o livro de tal maneira que não é possível digerir a imensa quantidade de matéria inútil que cada dia desabrocha e é lançada ao público”.

Entrementes a partir dos séculos XVII e XVIII, quando pelo avanço das línguas vernáculas, os textos, em detrimento ao Latim, escritos por estudiosos e filósofos começaram a emergir para um grande número de pessoas. O saber afasta-se de quem o possui, vende-se e compra-se nas feiras e alfarrabistas, circula nas cidades, torna-se propriedade de um número muito maior de pessoas. (COMUNICAÇÃO..., 2012). Isso ocorrera principalmente pelo rápido progresso europeu e pelo nacionalismo que gradualmente ia substituindo as línguas da Europa pelos idiomas nacionais.

Porém, o livro depois de impresso, demorava muito para que se chegasse às mãos de seu leitor, pois ao longo de seu trajeto entre a impressão e a livraria poderia extraviar-se. Para Ziman (1979, p. 117) o problema para isso era “[...] a falta de um centro oficial que transmitisse essas informações, a tarefa de se manter a pessoa informada a respeito de todos os pequenos avanços da ciência deveria ser muito dificultosa”. Esse fato é corroborado por Price (1976a, p. 41) ao afirmar que o leitor Europeu para se atualizar sobre seu campo do saber utilizava uma “rede de correspondência pessoal, conversas particulares e passeios pelas livrarias”.

Em virtude dessa situação, era necessário criar um veículo de publicação regular que proporcionasse uma divulgação rápida e que estimulasse novos trabalhos de uma maneira rápida e concisa e que de alguma maneira certificasse a autenticidade e sancionasse um rigor, ou seja, a validação científica através da revisão de pares. (ZIMAN, 1979; LÓPEZ-CÓZAR; RUIZ PÉREZ, 2009).

Mas para que isso frutificasse era necessário criar um grupo de pessoas engajadas e com objetivos comuns, assim durante esses séculos, começam a se espalhar pela Europa um

grande número de Academias de Ciência, transformando-as no maior veículo de comunicação científica.

Depois de formadas, os membros dessas comunidades já relatavam suas próprias pesquisas, organizavam demonstrações ou exposições, mantinham contatos e intercambiavam seus sócios (MEADOWS, 1999). Todas essas ações eram registradas por um programa editorial para ser transmitido aos futuros interessados.

Com a ciência totalmente alicerçada, solidificam-se as comunidades científicas, cada vez mais estáveis, autoreprodutivas e autossuficientes. Assim é dentro dessas comunidades que a ciência passa a ser feita e divulgadas, pois são elas que passam a dar a garantia de autenticidade científica ao conhecimento. (DEUS, 1979).

Dentre as academias mais conhecidas, a *Royal Society* aprovada em 1662 por Carlos II, seu patrocinador, foi a que desde seu princípio a mais interessada pela comunicação. (MEADOWS, 1999). Ora, logo, em 1665, a *Royal Society* estabelece a *Philosophical Transactions* (*Phil Trans*) como a primeira publicação científica que se tem notícia (VELHO, 1997a), precursora do moderno periódico científico e que possuía em seu conteúdo variedades de tópicos científicos e que seria o meio que iria substituir o livro como veículo de divulgação científica. Com a criação dessas sociedades os cientistas começam a escrever artigos em vez de livros que constituíam, até essa época, sua forma de expressão. (PRICE, 1976a).

A primeira carta de Newton publicada no *Phil Trans* sobre a Óptica é o primeiro artigo científico em substância publicado nesta revista e reflete um novo padrão para o anúncio público, discussão e realização de um consenso profissional em ciência, a qual tem evoluído desde então (KUNH apud BORGES, 2006). Tanto que nas publicações da *Phil Trans* os autores já assinavam seus artigos, bem como já eram tomadas medidas para assegurar a proteção da propriedade intelectual datando os mesmos e resolvendo disputas de prioridades. (BORGES, 2006).

Passado pouco mais de 100 anos após a publicação da *Phil Trans*, ou seja, em 1783 surgia na Alemanha à primeira publicação de Psicologia que se conhece. (ALCAÍN PARTEARROYO, M. D.; RUÍZ-GÁLVEZ PAPÍ, M., 1998).

A primeira revista editada no Brasil com ideias psicológicas foi a *Revista Brasileira em Psicanálise* em 1928, já o periódico científico brasileiro pioneiro da área de psicologia foi *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, editado pela primeira vez em 1949 pelo ISOP que tinha como função promover o desenvolvimento da área como ciência e profissão. Especificamente a primeira revista em Psicologia Escolar e Educacional foi a norte-americana *Journal of*

Educational Psychology, editada em 1910. (SAMPAIO, 2008; BARBOSA, 2011; PIZZINATO, 2011; COSTA, YAMAMOTO, 2008).

Dentre os principais motivos que elevam a preferencia das comunidades científicas adotarem o periódico como meio de divulgação de pesquisa, podemos elencar ao reclamo mais rápido pelas prioridades das descobertas e o alto custo de sua produção dos livros, tanto que pouco mais tarde, definitivamente, o periódico científico se transformaria no principal meio da comunicação científica. (STUMPF, 1996).

Com a criação da sociedade científica *British Association* – a associação britânica para o progresso da ciência - no ano de 1831, o periódico científico, além de assumir seu caráter de divulgação começa a ganhar um papel social, ou seja, as sociedades científicas começam a criar maneiras próprias de operar, de se relacionar e de controlar o trabalho científico contra possíveis erros. A partir daí estava instaurado o processo de revisão por pares, tão importante para legitimar a ciência e que está presente até os dias atuais. (VELHO, 1997a).

Vale destacar ainda que de acordo com Velho (1997a, p. 16):

O sistema de revisão por pares tornou-se cada vez mais importante – tanto para garantir controle de qualidade, quanto para definir um referencial de governabilidade interna para a ciência – de tal modo que em meados do século XX, a revisão por pares estava totalmente institucionalizadas como método e procedimento para alocar recursos para a ciência, para premiar e construir reputações e para distribuir poder e prestígio dentro de uma comunidade científica.

Dessa forma o periódico assume definitivamente a categoria de cientificidade ao passar pelo crivo da comunidade científica como legítimo e singular. Ademais, ao tornar pública e cumulativa às contribuições científicas, tais comunidades poderiam manter o controle daquilo que seria relevante de ser publicado, assim concomitantemente renderia aos seus membros reconhecimento e valorização perante aos outros cientistas.

Com o fortalecimento do periódico científico a comunicação oral começava a ganhar força na divulgação de seus resultados, tanto que em meados do século XVIII, ocorrem as primeiras conferências científicas públicas não universitárias. De início tais conferências tinham apenas um caráter de cursos curtos ou de aulas magnas, ou mais extensas, se prolongando por vários meses (MUELLER; CARIBÉ, 2010).

Salienta-se que as conferências científicas desempenham uma função vital na transferência de conhecimentos, interligando a comunidade científica e fazendo emergir o desenvolvimento da ciência. É nesse momento ainda que os cientistas da época começam a querer popularizar a ciência para o grande público, assim em 1799, foi criada a Conferência

Científica Popular pelo Instituto Real como uma espécie de colégio técnico, onde a Ciência seria deveria ser levada as pessoas. (ZIMAN, 1981).

A concretização da *British Association* aliado ao avanço das novas técnicas de impressão além de uma melhor capacidade de ler e escrever das pessoas, especialmente na Europa, foram determinantes para o desenvolvimento da divulgação científica. Tanto que em meados do século XIX as atividades de divulgação científica são intensificadas em todo mundo e de acordo com Massarani e Moreira (2004) uma onda de otimismo começa a mostrar para o grande público os benefícios do avanço científico através de exposições universais e nacionais, inclusive no terceiro mundo.

De fato, o século XIX, foi um dos séculos mais importantes na forma de ser divulgar a ciência, tanto que em 1870 a comunidade científica já estava totalmente formalizada e respeitada, tornando-se completamente academizada.

Assim durante o século XIX a ciência torna-se foco nas universidades. Os pesquisadores que antes estavam engajados para contribuir apenas para o desenvolvimento da ciência pura, começam a se preocupar com o trabalho acadêmico. Nesse contexto, de acordo com Ziman (1979, p. 72):

Muitas universidades novas foram criadas e começaram a competir entre si pela contratação de especialistas mais conceituados. Pela primeira vez considerava-se a capacidade e originalidade científica como a qualificação primordial para as promoções acadêmicas.

No livro *O desenvolvimento da Ciência* de Derek de Solla Price um dos expoentes da cientometria e da comunicação científica, ressalta em seus estudos que entre os anos de 950 até aproximadamente 1460 há um crescimento exponencial no número de universidades europeias, dobrando a cada 100 anos. Já entre os anos de 1460 e 1610, há uma transição para nova forma de universidade, com um crescimento também exponencial, dobrando a cada 66 anos. (PRICE, 1976a).

Nesse contexto, a pesquisa avançava e se transformara numa atividade profissional que influenciou totalmente a organização das comunidades científicas, uma vez que essas comunidades começaram a criar suas próprias normas de ingresso e comportamento. (MALTRÁS BARBA, 2003).

Intimamente relacionada com as universidades, a ciência, dá um novo passo no ensino e cria, por volta de 1870 também, os cursos de pós graduação (ZIMAN, 1979), muito parecidos com os modelos atuais brasileiro, ou seja, os pós graduados aprendem as técnicas de pesquisa para obtenção do grau de mestre ou doutores, numa determinada área do conhecimento.

No Brasil, especialmente na área de Psicologia, essa relação entre universidade, pesquisa e pós-graduação é tão presente que Yamamoto e Souza e Yamamoto (2011), estudando a produção científica da Psicologia entre os anos de 1990 até 1997, chegou à conclusão de que as Instituições de ensino que possuem cursos de Pós-graduação são as que mais produzem pesquisa nesse campo do saber.

Concomitantemente, ainda no século XIX começa a emancipar as disciplinas científicas gerais, onde os filósofos deixam de se ocupar com os aspectos do mundo natural, passando a se preocupar unicamente com uma especialidade científica. (MUELLER; CARIBÉ, 2010). Com isso surgem as revistas especializadas como um veículo com contribuições originais como propósito de fortalecer a cooperação entre especialistas do mesmo ramo, dando maior publicidade às suas recentes descobertas.

Assim o florescimento da revista científica deve-se segundo Cronin (1984 apud BORGES, 2006) as quatro funções que preenche na comunidade científica: meio de comunicação entre os pares; exercício do controle de qualidade; meio para demonstrar a originalidade e valor dos autores, enquanto simultaneamente, facilita a distribuição de créditos pela comunidade científica. De fato esses aspectos estão totalmente incorporados na comunidade científica da Psicologia, uma vez que pelos estudos de Meis e Leta (1996), Neves (2002b) e de Muller (2005) a Psicologia se distingue da tendência das Ciências Humanas de preferir publicar em livro e adere aos periódicos científicos como seu principal canal para de divulgação de seus resultados de pesquisa.

Ressaltamos que nessa fase da história da comunicação científica, a noção clássica de método científico já estava totalmente instaurada e o periódico científico assume uma funcionalidade próxima do atual, ou seja, de ser um meio com contribuições inéditas que evidenciam uma função cumulativa da ciência num texto baseado em contribuições anteriores.

No final do século XX, com o advento da *Internet*, alteram-se as características do periódico científico: a editoração em papel é substituída pela editoração eletrônica. Isso favorece a disseminação do conhecimento em larga escala, bem como um maior acesso aos textos, visto que os periódicos estão disponíveis via Internet, são, em sua maioria, disponibilizados de forma de acesso livre, o que emerge a necessidade de se criar novos repositórios de armazenamento dessa gama de informações: as bases de dados, tão imprescindíveis no desenvolvimento da ciência atual.

Dessa forma podemos considerar que a comunicação situa-se no coração da própria ciência (MEADOWS, 1999). Pois é pela comunicação, e só pela comunicação, que os

membros de uma comunidade científica conseguem dialogar e intercambiar informações de seu interesse, ou seja, a ciência depende da comunicação para se desenvolver.

Ainda que já tratássemos dos livros, dos periódicos e das conferências como documentos essenciais na comunicação científica, necessitamos, para uma melhor compreensão do comportamento dos pesquisadores em Psicologia Escolar, estudar os meios de comunicação formal e informal.

3.2.1 Categorização da comunicação científica

Na seção acima resgatamos um breve histórico da comunicação científica e de como a mesma, ao longo do tempo, foi se constituindo e tornando-se dependente dos interesses de suas comunidades científicas, pois compete a essas comunidades criar, gerenciar e organizar suas redes de comunicações e relações sociais formais e informais para apresentar os resultados de suas produções científicas. Ou seja, a todo instante a ciência se movimenta influenciado e sendo influenciada pela disponibilidade de informações, conseguindo, dessa forma, que novas teorias sejam aceitas ou rejeitadas.

Isso ocorre por dois motivos, o primeiro parte da premissa que:

Se a ciência progride, é graças aos trabalhos realizados por numerosas pessoas, em inúmeros lugares, sobre problemas conexos. Os pesquisadores têm, portanto, necessidade de se manterem em contato com seus colegas para informá-los sobre seus trabalhos em andamentos ou concluídos. (LE COADIC, 1996, p. 33).

O segundo motivo “é as de ordem pessoal, que se relacionam com a carreira dos interessados” (LE COADIC, 1996, p. 33), ou seja, todo cientista, para difundir seu trabalho, deve procurar alternativas nas formas de comunicação, que vão desde os recursos informais até os recursos eletrônicos.

Assim a comunicação científica então pode ser representada por dois processos: o oral, também chamado de informal; e o processo escrito, também chamado de formal, usados para a comunicação entre seus pares.

A comunicação informal é constituída de forma pública e efêmera (MEADOWS, 1999), no âmbito das relações pessoais entre pesquisadores, desta forma posto para um público muito limitado e é feita por meios não publicados, como conferências, colóquios, seminários, reuniões, colégios invisíveis de transferência de informações; já a comunicação formal é constituída de forma escrita (livros, capítulos de livros, artigos) e disponível para um

público amplo e interessado, já passado por algum filtro de controle de seu conteúdo e disponível por um longo período de tempo.

Os documentos científicos escritos tornam-se uma forma literária própria da ciência e são fielmente respeitados por todos os autores que publicam seus trabalhos nas formas oficiais. Estes vários tipos de escritos científicos compartilham de uma mesma estrutura e estilo e constituem uma base sólida para as análises bibliométricas. (MALTRÀS BARBA, 2003).

Entre tais documentos escritos, a publicação em periódicos científicos assume um destaque privilegiado na comunicação formal uma vez que sua estrutura (por exemplo: introdução, metodologia, resultados, considerações e referências) encontra-se muito bem solidificada pelas comunidades científicas. Também publicar artigos num periódico respeitado aumentaria o prestígio do pesquisador além de atingir um grande número de leitores, assim, consequentemente uma maior possibilidade de serem citados em trabalhos futuros de outros pesquisadores da área de interesse.

Porém outro documento importante merece destaque e que não se enquadra nos moldes convencionais (livros, periódicos) da comunicação formal é chamada 'literatura cinzenta' que possui entre seus tipos as dissertações e teses como as mais usuais, por exemplo, na Psicologia Escolar.

A literatura cinzenta não é convencional e se caracteriza como aquela de difícil acesso e aquisição pelos canais normais de distribuição sem ter passado ou estar rígida por qualquer tipo de controle e que ocupa espaço de destaque na busca de informações pelos cientistas e estudiosos das diferentes áreas. São documentos de tipos variados como: teses, dissertações, atas de congresso, boletins, normas e patentes que vão desde não revisadas até documentos de conteúdo não muito concreto. (FUNARO; NORONHA, 2006; CURRÁS, 1996).

Porém o fato de serem de difícil visibilidade e acesso não mereça confiança, pelo contrário, as informações constantes nessas publicações podem ser de valor inestimável para o desenvolvimento de novas pesquisas e de novos avanços nas áreas do conhecimento. (FUNARO; NORONHA, 2006).

Quanto à comunicação informal, Witter (1997) considera que a forma predominante nesse tipo de comunicação é a apresentação de trabalhos em eventos que por sua natureza são exclusivistas e quase sempre compostas de informações mais seletivas, concentradas e pertinentes, normalmente dando acesso a um grupo de elite, que se conhecem e trabalham numa mesma área do conhecimento.

Ainda no âmbito da comunicação informal, há o conceito de “colégios invisíveis”, usualmente descrito no século XVII, referindo-se aos cientistas que formavam a *Royal Society* (PISCIOTA, 2006, p. 127). Porém Price (1976a) adaptou o conceito para a contemporaneidade dos cientistas ao afirmar que os colégios invisíveis são formados por um grupo de cientistas que trocam e compartilham informações como também dominam as publicações e conferências em seu campo de conhecimento científico. Essa definição é complementada por Ziman (1979, p. 121) ao afirmar que são “[...] profissionais que têm consciência de que trabalham num mesmo campo, como colegas e rivais, em todas as partes do mundo”.

Essa interação entre os pesquisadores que se encontram em “congressos, conferências, reuniões sobre suas especialidades, visitam-se por meio de intercâmbios institucionais ou realizam trabalhos em colaboração” (VELHO, 2012, p.59) é vital no processo cooperação entre esses grupos, visto que esses cientistas são sempre caracterizados por sua alta produtividade; por compartilhar prioridades de pesquisa; por treinar estudantes; por produzir e monitorar o conhecimento em seu campo (CRANE, 1972) fazendo avançar a ciência em seu ramo de conhecimento. Ou seja, muitos documentos publicados provêm desses encontros.

Essas duas formas de comunicação não são paralelas, porém possuem diferenças, entre as quais Le Coadic (1996, p.36) basicamente destaca quanto “a audiência, armazenamento, atualidade, autenticidade da informação, orientação, redundância e interatividade”, conforme demonstrado no quadro 2.

Quadro 2- Diferenças entre os elementos formais e informais

ELEMENTO FORMAL	ELEMENTOS INFORMAL
Público grande em potencial	Público restrito
Informação armazenada permanente e recuperável	Informação não armazenada e não recuperável
Informação velha	Informação nova
Informação comprovada	Informação não comprovada
Disseminação uniforme	Direção do fluxo escolhida pelo produtor
Redundância moderada	Redundância às vezes muito importante
Ausência de interação direta	Interação direta

Fonte: Le Coadic (1996) e Targino (2000)

Podemos afirmar que no processo de comunicação formal, por atingir um grande público, os documentos necessariamente deverão convencer a comunidade científica como

conhecimentos consolidados. Estes documentos depois de se tornarem públicos, são armazenados em bibliotecas ou bases de dados, podendo ser recuperados a qualquer momento, daí um ponto de inferência deve ser ressaltado, visto que o acúmulo desse conhecimento num longo prazo torna o documento, muitas vezes, velho. No processo formal, compete ainda ao pesquisador, dominar os recursos de disseminação e das técnicas de redação científica.

Já na comunicação informal, as informações são repassadas com maior rapidez e atualização, quase sempre transmitida a um público pequeno a um tema de interesse mútuo, porém, como não é registrada, sua recuperação e disseminação são delimitadas.

Dessa forma, os cientistas buscam, nos canais formais e informais da comunicação científica, [...] "os meios que utiliza não só para divulgar os resultados da sua pesquisa, como também para obter a informação que necessita". (CHRISTOVÃO, 1979, p.6).

Com isso, inevitavelmente há um aumento na quantidade de documentos produzidos, tanto que Price (1976a) alerta que a ciência é o produto de crescimento exponencial mais rápido de nossa civilização, de forma que as publicações dobram de volume num período de 10 a 15 anos. Mas não são só as publicações que duplicam de tamanho, as comunidades científicas também crescem rapidamente, assim, a cada nova geração, novos tijolos são adicionados ao edifício da ciência. (MEADOWS, 1999).

Com o aumento na demanda e na quantidade de informações, aliado a pressão institucional para se publicar e a manutenção do poder no meio acadêmico, emerge na comunidade científica uma nova preocupação, de forma que o pesquisador se pergunta: como consigo localizar ou mesmo estabelecer vínculo com outros textos?

O surgimento das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) abriu novas alternativas para satisfazer a demanda, o acesso, a divulgação e a de documentos: as bases de dados.

Nesse contexto, as bases de dados tornam-se muito representativas como ferramenta para armazenagem e disseminação do conhecimento científico de forma segura e rápida, assim, antes de apresentarmos a produção científica da Psicologia Escolar, julgamos importante elencarmos alguns conceitos acerca das bases de dados, pois elas se constituem uma das principais fontes dos estudos bibliométricos, além de se configurarem como dispositivos plurifuncionais amplamente utilizados para avaliar o estado da arte da ciência e da tecnologia devido ao grande número de campos possíveis, tais como autores, editorial, título, ano de publicação, nome da revista, afiliação institucional dos autores, classificação,

descritores e resumos, elementos fundamentais nesses estudos. (KOBASHI, SANTOS, 2006; RUBIO LINIERS, 1999).

3.3 As bases de dados

Como descrevemos anteriormente, o aumento da produção de títulos de periódicos como instrumento de divulgação científica cresce a uma velocidade exponencial. Para ilustrar o tamanho desse aumento, Thorngate (1990) estima que somente os psicólogos publicavam uma média de 100 artigos por dia, cerca de um artigo a cada 15 minutos em mais de “4.000 títulos de revistas especializadas na distintas subdisciplinas de Psicologia”. (ALCAÍN PARTEARROYO; RUÍZ-GÁLVEZ PAPI, 1998, p. 2).

Automaticamente o reflexo desse aumento acaba gerando um grande desconforto na comunidade científica no momento em que os pesquisadores precisam localizar os textos relacionados à sua área de pesquisa e atuação. Assim, localizar a informação desejada, de forma útil e relevante não é tarefa das mais fáceis nesse contexto dinâmico e cumulativo atual da ciência.

Com o avanço das telecomunicações e dos computadores eletrônicos especialmente a partir dos anos de 1970 e 1980, quando os mesmos se tornaram mais baratos e de uso mais fácil foi possível criar alternativas de sistemas de análise e de armazenagem de informações de forma automatizada que evitasse perder-se ao mesmo tempo em que se tornasse disponível para um grande número de pessoas de forma direta e prática para a informação que se deseja alcançar. Como consequência desses fatores “várias bases de dados foram disponibilizadas para facilitar o acesso a elas”. (SUEHIRO et al., 2007, p.15).

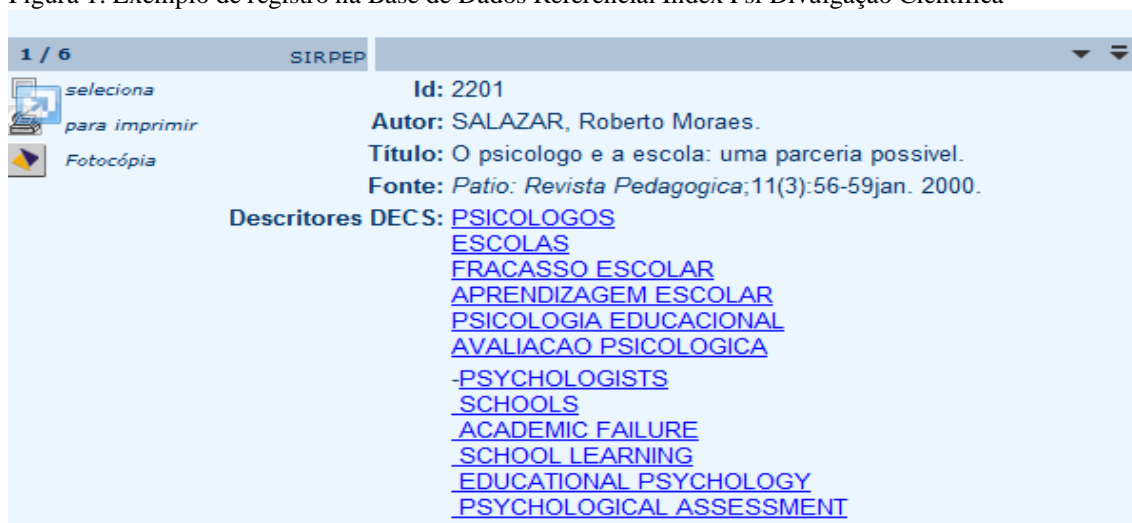
De acordo com Cunha (2001, p. 35), “base de dados é a expressão utilizada para indicar a coleção de dados que serve de suporte a um sistema de recuperação de informações” emergindo para a comunidade científica rapidez na busca de conteúdos de seu interesse de forma ágil e eficaz. Ou seja, as vantagens em usar as bases de dados são inúmeras, entre elas a facilidade, a flexibilidade e a rapidez na formulação de buscas e na obtenção de respostas. Elas permitem também a busca por tipos de limites, como tipo de documento, afiliação institucional do autor, país e data de sua publicação e outros, possibilitando vários refinamentos que resultam em uma recuperação mais precisa. (CEDÓN, 2002).

No início, os arquivos de informação das bases de dados era armazenados em computadores centrais e acessíveis aos usuários em localizações remotas, porém atualmente, com o avanço das TICs, muitas bases de dados são acessadas via Internet. (CEDÓN, 2002).

O conteúdo das bases de dados pode ser apresentado com base no assunto, na tipologia dos documentos ou na clientela (SILVA, RAMOS, NORONHA, 2006), assim podem ser classificadas como Base de Dados Referenciais ou Base de Dados de Textos Completos.

As Bases de Dados Referenciais (Figura 1), não possuem toda a informação na íntegra, dessa forma remetem o pesquisador ou usuário a outras fontes de informação (documento, por exemplo) para complementar sua busca.

Figura 1: Exemplo de registro na Base de Dados Referencial Index Psi Divulgação Científica



Fonte: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/cgi-bin/wxisl660.exe/iah/>

Como podemos observar na figura 1, numa base de dados referencial é possível encontrar determinada publicação (artigo de periódico, livro, dissertação, tese, vídeo, anais de congresso, entre outros), além de poder localizar dados bibliográficos como autor, título, fonte e descritores.

Já as bases de dados de Textos Completos (Figura 2) apresentam o texto na íntegra com o acesso direto ao mesmo, quando disponível em um portal reconhecido.

Figura 2: Exemplo de registro na Base de Dados de textos completos Index Psi Revistas Técnicas-científicas

3 / 459 INDEXPSI

Id: 37687

Autor: Dias, Carmen Lúcia; Brocanelli, Cláudio Roberto; Vestena, Carla Luciane Blum.

Título: Apropriações entre a Psicologia de Vygotsky e a Filosofia para crianças de Lipman: questões sobre aprendizagem e desenvolvimento / Approaches between the Psychology of Vygotsky and Lipman's Philosophy for children: questions on learning and development.

Fonte: *Aprender (Vitória Conqu.)*;5(8):131-144, jan. - jun. 2007.

Resumo: O presente artigo aborda algumas questões sobre a aprendizagem com necessidade humanizadora criada com motivos e interesses do indivíduo, contribuindo para o seu desenvolvimento, tendo como referência a psicologia histórico-cultural de Vygotsky e o pensamento de Lipman sobre a aprendizagem escolar. Ressaltamos que a relação do sujeito cognoscente com o objeto de conhecimento...(AU)

Resumo Inglês: The present article discusses on the learning as human necessity generated by the person's reasons and interests, contributing to its development, having as reference the Vygotsky's description-cultural psychology, and the Lipman's thought on the school learning. We stand out that the relation of the cognoscente person with the knowledge object...(AU)

Descritores Psi Português: APRENDIZAGEM ESCOLAR
PSICOLOGIA HISTORICO-CULTURAL

Descritores Psi Inglês: SCHOOL LEARNING
HISTORIC-CULTURAL PSYCHOLOGY

Descritores Psi Espanhol: APRENDIZAJE ESCOLAR
PSICOLOGIA HISTORICO-CULTURAL

Responsável: BR1460.1 - Fac. Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte - FARN.

Meio Eletrônico: <http://www.uesb.br/editora/publicacoes/aprender/edicoes/Aprender%2037687.pdf>

Fonte: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/cgi-bin/wxis1660.exe/iah/>

Um elemento importante que devemos considerar numa base de dados é quanto a sua qualidade, visto que as mesmas são fontes privilegiadas nos estudos bibliométricos. De acordo com Yunta (2001 apud IGAMI, 2011) há alguns atributos que são fatores de sucesso para as bases de dados, como: a atualização e disponibilidade de consulta *on line*, porém dentro destas características, a estrutura adotada para a alimentação, organização e recuperação da informação é um ponto crucial que está diretamente relacionado com o desempenho e qualidade das bases de dados.

Assim existem os critérios para avaliar uma base de dados, que são: a qualidade das estruturas de armazenamento e recuperação; qualidade do conteúdo da base; atualização; facilidade de uso; linguagem de indexação; custo; instrumentos auxiliares de busca e cobertura cronológica (PEREIRA et. al, 1999; ROWLEY, 2002).

Dessa forma, no final da década de 1960, surge o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, mais conhecido como Biblioteca Regional de Medicina (BIREME), com a missão de contribuir para o desenvolvimento da saúde nos países da América Latina e Caribe por meio da democratização do acesso, publicação e uso de informação, conhecimento e evidência científica com modernas ferramentas informacionais, acessível de forma universal pela Internet que firmaria posteriormente uma parceria com a Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia Brasil (BVS-Psi ULAPSI Brasil).

4 PRODUTIVIDADE CIENTÍFICA: ALGUNS ASPECTOS

Pudemos observar que o âmago da produção científica é formalizado pela comunicação científica a partir do momento em que torna disponível o resultado de suas pesquisas para seu público. Nesse sentido Carpintero (1981, p. 34) assegura:

O estudo da comunicação parece particularmente verdadeiro no caso da ciência [...], uma análise detalhada do corpo das comunicações é um meio necessário na abordagem de uma imagem da ciência. Esta é a razão pela qual temos aplicado uma metodologia de pesquisas bibliométricas na ciência, mais especificamente, na Psicologia.

É ainda através da comunicação científica que um determinado pesquisador, ao publicar seus trabalhos nos canais formais começa a ganhar notoriedade, respeito e poder entre seus pares. Isso é corroborado por Witter (1992) ao afirmar que é pelos textos que se concretiza e se mantém o conhecimento, permitindo sua disseminação e estabelecendo as bases do poder de ser fazer ciência.

Nesses aspectos a ciência ganha contorno de crescimento, assim encontramos nos estudos de Derek de Solla Price (1976a) um importante pilar de sustentação de como mensurar o crescimento científico.

Em seus estudos Price (1976a, p. 2-5) relata a passagem da “pequena ciência” para “grande ciência” ao explicar que o crescimento da produção científica se dá por meio de quantificação de dados. Num primeiro momento de sua pesquisa, Price (1976a, p. 5) demonstrou através de uma análise numérica que os cientistas dobram a cada intervalo de 15 anos, o que “[...] conduziu a presente era científica, é responsável pela peculiar contemporaneidade que nos permite dizer que a maior parte da ciência é atual e que a maioria de seus praticantes ainda estão vivos”.

Derek de Solla Price também deixou em seu legado o fato de perceber que a ciência se fundamenta em saberes acumulados, ou seja, a cada nova geração de cientistas, maior será o potencial de produção e de especializações de saberes, necessitando de mais pesquisas e consequentemente mais sistemas de controle do que é produzido ou que resultará mais gastos para os órgãos financiadores e para o Estado. (AGUIAR, 2011).

Outro importante estudo de Price (1976a) foi a Lei do Elitismo. Para esse autor a distribuição da produtividade dos autores numa coordenada cartesiana é uma distribuição tão inclinada, que o inspirou a propor a Lei do Elitismo. Segundo esta Lei, se k representa o número total de contribuintes numa disciplina, \sqrt{k} representaria a elite da área estudada, assim como o número de contribuintes que gera a metade de todas as contribuições. A Lei do

Elitismo cujas aplicações têm repercussões imediatamente eficazes para a política científica. (URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, 2009; BRAGA, 1974).

Derek de Solla Price, inglês, Ph. D. em Física e Ph. D. em História da Ciência, deixou um legado de mais de 300 livros e artigos ao longo de mais de 35 anos de pesquisas em temas diversificados: descreveu a natureza da Ciência, da comunicação e da produtividade científica, através de leis internacionalmente aceitas: Frente de Pesquisa, Colégios Invisíveis, Crescimento Exponencial, Elitismo etc.; estabeleceu fundamentos para a política científica e tecnológica que têm sido largamente utilizados por vários países, o que torna sua leitura compulsória para todo cientista. (BRAGA, 1974).

Assim, ressaltamos que Price foi um dos maiores expoentes das pesquisas métricas da ciência e que a partir de seus estudos novos segmentos foram surgindo fortalecendo ainda mais esse campo de estudo.

4.1 Produção científica em Psicologia Escolar

Não é de hoje que a Psicologia recorre aos estudos de produtividade para diagnosticar o real estágio de desenvolvimento. Na década de 1980 Pfromm Netto (1981) já mostrava preocupação com a evolução do desenvolvimento da produção científica da Psicologia ao afirmar que o número de pesquisas está longe de corresponder ao aumento no número de cursos de Psicologia ou dos quadros docentes, ou seja, para o autor o crescente aumento de cursos na área de Psicologia não está sendo proporcional ao número de produções científicas nessa área.

Num outro estudo sobre produção científica em um periódico de Psicologia, Suehiro et al. (2007) também identificaram lacunas na área da Psicologia que precisam ser preenchidas com mais estudos que contemplem as etapas de escolarização de crianças e adolescentes, enfatizando que novos estudos sejam realizados para ampliar o conhecimento sobre os inúmeros fenômenos que ocorrem nessas fases do desenvolvimento humano.

Não obstante, a Psicologia Escolar, através de seus pesquisadores, vem aumentando sua produção científica a partir do final dos anos de 1980 e início dos anos 1990 se reafirmando como campo científico autônomo. Isso é fruto de um maior número de pesquisas que vêm se desenvolvendo na direção de consolidar a área como fértil espaço de estudo, de produção de conhecimento, de atuação e formação profissional. (MARINHO-ARAÚJO, 2010). Essa afirmação pode ser corroborada no trabalho de Granja (1995) ao afirmar que a produção de teses e dissertações do Programa de Psicologia da Universidade de São Paulo

(USP) relacionadas à área da Psicologia Escolar aumentou significativamente ao longo dos anos de 1980, saltando de 10 dissertações defendidas em 1980 para mais de 60 no ano de 1989.

Nesse sentido monitorar a produção científica da Psicologia Escolar a partir do acúmulo de suas pesquisas pode se tornar um espaço frutífero para identificar as lacunas, o estágio atual de seu desenvolvimento, seu rumo e sua tendência. Isso é corroborado por Oliveira et al. (2006, p. 284) ao afirmar que “analisar a produção científica de uma determinada área do conhecimento psicológico possibilita a compreensão da inserção e impactos causados por suas publicações”. Já para Witter (1999), analisar a produção científica possibilita o conhecimento e orientação da atuação do pesquisador, proporcionando a melhora da qualidade da vida do homem e o crescimento na área.

De acordo com Silva (2008) o conjunto de publicações de um determinado autor e/ou instituição e/ou grupo é chamado de produção científica. Witter (1999, p. 7) define a produção científica como:

[...] uma expressão abrangente que envolve produtos, muitos e variados, produtor, consumidores e um contexto histórico, econômico, educacional e social. É um processo complexo, cujos resultados objetivam, em última instância, ampliar e aprofundar conhecimentos que progressivamente melhorem a qualidade de vida do homem.

A produção científica é toda prova documental, independente do suporte desta – papel, ou meio magnético – sobre um determinado assunto de interesse de uma comunidade científica, que contribua para o desenvolvimento da ciência e para a abertura de novos horizontes de pesquisa. Além disso, investigações desse tipo auxiliam a tomada de decisões que influenciam os rumos da ciência, das políticas científicas e tecnológicas de determinada região, promovendo, assim, possíveis avanços na área. (LOURENÇO, 1997; COSTA et al., 2012).

Sendo assim, a produção científica é parte integrante de um processo cíclico que se inicia na geração de ideias, passa pelo desenvolvimento da pesquisa e termina na comunicação até que o momento que outro cientista se aproveita desses conhecimentos publicados e recomeça o ciclo novamente. Dessa forma a produção científica da Psicologia Escolar pode ser representada pelos trabalhos produzidos por pesquisadores da área e que são divulgados em formatos de livros, periódicos científicos, dissertações e teses.

No Brasil os estudos sobre produção científica tiveram um grande crescimento a partir das três últimas décadas do século XX no diversos segmentos da sociedade e a criação das

universidades e dos institutos de pesquisa contribuíram para esse avanço. (JOLY, 2010, WITTER, 1999; CARELLI, 2002).

Nesse contexto podemos elencar os seguintes estudos sobre produção científica: na área de Psicologia os trabalhos de Castro (1986), Witter (1986), Angelini e Agatti (1987), Matos (1988), Tomanik (1992), Granja (1995), Domingos (1999), Joly et al. (2004), Abade (2005), Suehiro et al. (2007), Jarros et al. (2008), Sampaio (2008), Pizzinato (2011), Yamamoto e Souza e Yamamoto (2011) e Costa et al. (2012); na Psicologia educacional os trabalhos de Di Dio (1975), Witter (1992), Angelini e Pfromm Neto e Rosamilha (2001), Santos et al. (2003), e Witter e Paschoal (2010), na área de Psicologia da Educação os trabalhos de Warde (1995); Schlindwein et al. (2006), Carvalho e Facci e Barroco (2010); já na Psicologia Escolar destacamos os trabalhos de Tanamachi (1992), Witter (1996), Witter e Yukimitsu (1996), Ventura (1999), Neves et al. (2002), Santos et al. (2003), Bariani et al. (2004), Oliveira et al. (2006), Rocha (2007) e Guzzo et al. (2010).

Na área de Psicologia Escolar, Tanamachi (1992) analisou os estudos produzidos nos programas de pós-graduação em educação e/ou psicologia, que oferecem área de concentração em psicologia de educação, psicologia educacional ou Psicologia Escolar, das universidades do estado de São Paulo, no período de 1984 a 1989, a fim de verificar as tendências e os avanços da psicologia na educação escolar, apontados por aquelas dissertações e teses cuja intenção tenha sido a de aproximar a psicologia da educação. Os resultados apontaram que a maior preocupação presente na maioria dos trabalhos analisados, diz respeito à realização de encontrar respostas condizentes com as reais necessidades de uma educação verdadeiramente democrática. A autora concluiu que é urgente sistematizar os resultados obtidos em consequência de uma prática desenvolvida com base nos pressupostos sugeridos e pensá-la cotidianamente em função destas alternativas teóricas.

Já Witter (1996) analisou a produção científica em suportes nacionais (3 periódicos nacionais e 2 anais de congressos) e internacionais (6 periódicos estrangeiros), entre os anos de 1990 a 1994. Os resultados revelam que há maior incidência de estudos na área de psicologia clínica. Quanto à temática, os trabalhos concentram-se nos processos psicológicos, disciplinas acadêmicas, aprendizagem geral e problemas de aprendizagem. Os dados também revelam que a atuação profissional é o tema mais estudado pelos pesquisadores.

Em 1996, Witter e Yukimitsu analisaram o conteúdo das comunicações científicas do I congresso de iniciação científica de Psicologia Escolar. Os resultados apontam que as pesquisas por tipo de levantamento são as que aparecem com maior frequência, já quanto à temática, a área de Psicologia Escolar é a mais recorrente entre os trabalhos apresentados.

Ventura (1999) buscou através da produção científica de uma pesquisadora da Pontifícia Universidade Católica de Campinas analisar o conhecimento produzido pela mesma a partir de sua participação em atividades docentes, administrativas, de produção bibliográfica e científica de acordo com uma área temática. No total foram recuperadas 61 produções científicas, sendo 32 de autoria individual e 29 de autoria múltipla. Quanto à produção escrita há predominância de resumos apresentados em congressos e de artigos escritos para informativos. Há ainda predominância na participação em conferência seguida da participação em mesas redondas. Quanto a temática a pesquisadora tem preferência pela Psicologia Escolar seguida da Pesquisa/Desenvolvimento.

Outro importante trabalho sobre produção científica, foi a pesquisa de Neves et al. (2002) que tinha como objetivo caracterizar a evolução das discussões sobre a formação e atuação na área da Psicologia Escolar no Brasil, em 102 trabalhos em 4 anos de congresso de psicologia escolar, entre os anos de 1991 e 1998, agrupados em 3 categorias. Os dados sobre as análises dessas categorias evidenciaram diversificação na produção do conhecimento na área de Psicologia Escolar; orientação de experiências de estágio numa direção mais preventiva e práticas profissionais que se referiram significativamente à atuação junto à comunidade escolar e aos professores.

O trabalho de Santos et al. (2003) analisa a produção científica da Psicologia Escolar e educacional apresentada em 304 painéis no I Congresso Brasileiro de Psicologia, Ciência e Profissão. Os resultados indicaram que houve uma diversificação das temáticas, porém com destaque para a área da Psicologia Escolar e Educacional como uma das mais representativas, apesar do pouco reconhecimento. Houve predominância de relatos de pesquisa em relação às outras categorias e a análise dos resumos desta modalidade mostrou que a maioria apresentava todos os itens necessários ao discurso científico.

O estudo de Bariani et al. (2004) abarca a produção científica da Psicologia Escolar em relação ao ensino superior. A pesquisa buscou investigar, por meio de uma busca bibliográfica em 34 pesquisas (teses, dissertações e artigos de revistas em Psicologia e Educação), entre os anos de 1995 e 1999, pesquisas sobre o ensino superior. As autoras concluíram que as fontes de informações mais utilizadas para as pesquisas foram estudantes iniciantes e concluintes. A principal temática é o processo ensino-aprendizagem, apresentando preferências nos estudos de delineamentos descritivos.

No ano de 2006, Oliveira et al. investigaram a produção científica de dez anos (1996 a 2005) de publicações da revista *Psicologia Escolar e Educacional*. Os resultados evidenciaram o aumento do número de artigos publicados nos últimos cinco volumes, bem

como manteve a regularização de sua periodicidade. A maior parte das publicações foi de pesquisas de campo e predominância em autoria coletiva. A análise do tema indicou frequência maior de pesquisas em algumas áreas, tais como a de testes, construção de instrumento, método de ensino e aprendizagem, leitura e criatividade, bem como sobre os aspectos afetivos emocionais. O nível escolar mais estudado foi o ensino superior e o menos focalizado nos artigos foi o ensino médio.

O trabalho de Rocha (2007) utilizou-se de um levantamento da produção científica de oito dos dez integrantes do Grupo de Trabalho (GT) de Psicologia Escolar/Educacional da ANPEPP. Os resultados apontam que existem diferenças dada aos temas nas pesquisas nas Instituições estudadas (Universidade de Brasília, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Pontifícia Universidade Católica da Campinas, Universidade Federal da Bahia, Universidade de São Paulo e Universidade Federal de Uberlândia) no campo da Psicologia Escolar que são ‘mau’ trabalhados, dentre estes estão, respectivamente: avaliação e medidas no contexto escolar educação infantil, necessidades especiais/ inclusão, atuação do psicólogo escolar, problemas de aprendizagem, história, criatividade e o brincar.

Guzzo et al. (2010) buscou, entre outros objetivos, na *Revista Psicologia Escolar e Educacional*, no período entre 1996 a 2009, como foi se configurando ao longo da história a Psicologia Escolar. Os resultados revelam que há oscilação no número de artigos publicados por ano; há predominância pelo relato de pesquisa, seguido do estudo teórico como modalidade de pesquisa; os instrumentos de pesquisas para coleta de dados mais utilizados são as entrevistas, questionários e escalas; quanto à autoria dos artigos, no ano de 1999, a maioria das produções era individual, enquanto, nos últimos três anos, a maioria dos artigos teve autoria coletiva, predominando aqueles com quatro autores; quanto à função da natureza da autoria, a pesquisa mostrou que doutores, mestres e estudantes de pós-graduação têm sido responsabilizados pela autoria da produção na área de Psicologia Escolar.

Como o objetivo de sintetizar nossa revisão sobre o que já havia sido publicado sobre produção científica em Psicologia Escolar, elaboramos o quadro 3:

Quadro 3 – Síntese dos trabalhos sobre produção científica relacionados a temática Psicologia Escolar

Autor	Ano da publicação do trabalho	Material utilizado	Abrangência do trabalho
Tanamachi	1992	Teses e dissertações	1984 – 1989
Witter	1996	9 periódicos (6 nacionais e 3	1990 – 1994

		estrangeiros) e 2 Anais de Congresso	
Witter e Yukimitsu	1996	1 Anais de Congresso	1997
Ventura	1999	1 curriculum vitae de uma pesquisadora	
Neves et al.	2002	4 Anais de Congresso	1991 – 1998
Santos et al.	2003	304 painéis de Congresso	
Bariani et al.	2004	34 publicações (11 artigos, 21 dissertações e duas teses)	1995 – 1999
Oliveira et al.	2006	1 título de periódico	1996 – 2005
Rocha	2007	Produção de 8 integrantes do GT em Psicologia Escolar/educacional	
Guzzo et al.	2010	1 título de periódico	1996 - 2009

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Como podemos observar, nenhum trabalho do quadro 3 teve uma abrangência longa temporal de análise, bem como limitaram-se a estudar apenas alguns tipos de publicação. Ainda em nenhum desses estudos que sistematizam a produção científica da Psicologia Escolar no Brasil teve a bibliometria como método de análise, nesse contexto nosso estudo se difere de todos os outros, pois além de não realizar um recorte temporal, analisaremos todos os tipos de produções presentes nas Bases de Dados da Biblioteca Virtual Psi ULAPSI Brasil.

Nesse sentido, os primeiros trabalhos de análise da produção científica em Psicologia iniciaram-se na década de setenta, com revisões históricas da produção. Nessa época utilizava-se a metodologia da revisão de literatura para realizar a análise. Nos anos oitenta e noventa observa-se o uso de estratégias que se aproximavam da cientometria. (SANTOS et al., 2003), onde, de certa forma, nosso trabalho se encaixa.

Assim percebemos que há um grande interesse por parte da comunidade científica da Psicologia Escolar desde 1996, com um aumento significativo de estudos a partir de 2000 em buscar, através do conjunto de estudos de sua produção científica, suas características e hiatos.

Em um trabalho recente, a professora e pesquisadora Claisy Maria Marinho-Araujo (2010) aponta através de sua pesquisa que acompanhar e divulgar a produção científica da

Psicologia Escolar torna-se fundamental para a atualização dos estudos sobre a pesquisa científica na área, além de oportunizar o mapeamento do saber construído e a organização de bases de dados para orientar futuras pesquisas, a indicação de caminhos para a melhoria da formação e atuação do psicólogo escolar e a criação de políticas públicas subsidiadas pelo conhecimento produzido. Assim, consideramos que nosso trabalho poderá contribuir no preenchimento dessas lacunas.

4.1.1 A presença da pós-graduação na produção científica em Psicologia Escolar

A pós-graduação no Brasil é um empreendimento relativamente recente, tardio na história de construção de nosso sistema educacional e inacabado do ponto de vista de suas características mais essenciais. Estudos sobre a História da Educação superior no Brasil ressaltam a criação tardia de cursos superiores e de universidades no país, assim como o papel fundamental da criação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para o processo de institucionalização da pesquisa e da pós-graduação. (TOURINHO, BASTOS, 2010).

A institucionalização dos cursos de pós-graduação no Brasil data do ano de 1968, por meio da Lei 5.40/68, também conhecida como Lei da Reforma Universitária e que tinha como objetivo formar docente para o ensino superior e qualificar profissionais nas diversas áreas do conhecimento, a fim de atuar em instituições públicas e privadas, estimular a pesquisa, gerar conhecimentos e contribuir para o progresso do Brasil. (SCHWARTZMAN, 2001).

Desde então a pós-graduação vem contribuindo para fomentar a pesquisa em nosso país, bem como para qualificação de profissionais nas mais diversas áreas de ensino.

Nesse sentido a CAPES, órgão criado em 1951, pelo Decreto nº 29.741 e que tem como objetivo assegurar a existência de pessoal em quantidade e qualidade suficientes para atender às necessidades dos empreendimentos públicos e privados que visam o desenvolvimento do país. (CAPES, 2012). A CAPES é a responsável por fomentar os Programas de Pós-graduação no Brasil, elaborar o Plano Nacional de Pós Graduação (PNPG), coordenar sua execução gerando políticas que demostram seu compromisso com os avanços científicos e tecnológicos do país.

Em março do ano de 1966 foi criado, na Psicologia, o primeiro programa de pós-graduação, no nível de mestrado no país, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, na área da Psicologia Clínica, seguido da USP (criando dois programas

simultaneamente), em 1970 nas áreas de Psicologia Experimental e Psicologia Escolar, e em 1972 houve a criação dos programas de mestrado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Pontifícia Universidade Católica de Campinas e o primeiro curso de doutorado em 1974, na USP. (SEIXAS, COELHO LIMA, COSTA, 2010). A partir desse marco novos programas de Pós-graduação em Psicologia foram surgindo. Esses crescimentos nos programas de pós-graduação, inevitavelmente, acabam gerando na comunidade científica da Psicologia um aumento em sua produção científica.

Atualmente, a CAPES recomenda 71 Programas de pós-graduação em Psicologia, dos quais 26 possuem somente mestrado, 1 possui só doutorado e 44 possuem mestrado e doutorado. Assim distribuídos por Estado: Paraná 4; Distrito Federal 6; São Paulo 17; Rio de Janeiro 10; Minas Gerais 5; Rio Grande do Sul 5; Paraíba 3; Pernambuco 3; Pará 2; Mato Grosso do Sul 2, Espírito Santo 2; Ceará 2; Rio Grande do Norte 2 e Alagoas, Amazonas, Bahia, Rondônia, Santa Catarina, Sergipe, Maranhão, Goiás todos com um programa cada. Desses apenas o programa da USP-SP apresenta-se como programa na área de Psicologia Escolar, cujo nome do programa é Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano.

Assim compete a CAPES avaliar os cursos de mestrado, mestrado profissional e doutorado que integram o Sistema Nacional de Pós Graduação.

Há cerca de 30 anos, a CAPES também vem desenvolvendo sistematicamente seu modelo de avaliação da pós-graduação. Até o ano de 1998 os critérios eram subjetivos, resultando que os programas mais antigos tinham se consagrado com conceito A (o mais alto), e os novos programas aguardavam o momento de adentrar a esta categoria. A partir dessa data, mudanças foram implementadas de modo a permitir que os Comitês de Avaliação pudessem definir os critérios de avaliação de acordo com o aspecto de cada programa (produção intelectual, atividades de formação, entre outros), assim como o peso para cada um deles para a área em questão. Atualmente os programas recebem uma nota de 1 a 5, sendo que se o programa atender alguns critérios de excelência, podem atingir conceitos 6 ou 7. Dentre os vários aspectos avaliados pela Coordenação, a pesquisa e a produção científica são os quesitos mais valorizados por praticamente todas as áreas. As exigências são crescentes; a cada período avaliativo resultados melhores precisam ser alcançados, às vezes para um Programa manter a mesma nota da avaliação anterior. Ressalta-se ainda que os dados sobre produção científica não são os únicos levados em conta no processo de análise dos programas, embora sejam considerados o item com maior peso nas decisões sobre a avaliação (FONSECA, 2001, TOURINHO, BASTOS, 2010).

Com isso, atualmente vemos proliferar uma gama de novos periódicos em psicologia (SAMPAIO, SABADINI, 2009; YAMAMOTO, COSTA, 2010) com vistas à divulgação para a produção de artigos científicos em detrimento aos livros, para que o programa vislumbre de melhor conceito perante a CAPES. Assim sendo, atualmente não sabemos ao certo o número exato de periódico em Psicologia, porém só na Base Index Psi Revistas Técnicas-científicas somam-se mais de 190 títulos diferentes.

Diante desse crescente aumento a base Qualis foi proposta no ano de 2001, como objetivos de qualificar, por meios de indicadores, os veículos utilizados para publicação nos três anos anteriores da Avaliação, pelos programas de pós-graduação.

A estratificação da qualidade dessa produção é realizada de forma indireta. Dessa forma, o Qualis afere a qualidade dos artigos e de outros tipos de produção, a partir da análise da qualidade dos veículos de divulgação, ou seja, periódicos científicos. A classificação de periódicos é realizada pelas áreas de avaliação e passa por processo anual de atualização. Esses veículos são enquadrados em estratos indicativos da qualidade - A1, o mais elevado; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C - com peso zero. (CAPES, 2012).

As revistas nacionais em Psicologia distribuem-se de forma equilibrada entre os diferentes estratos da Qualis. Tem-se que 29,7% foram avaliadas em B5 e 18,9% em B2. Os estratos A2, B1, B3 e B4 apresentam percentuais entre 10,9% e 14,9%. Há um pequeno número de periódicos avaliados em A1 – 2,9%. (BRASIL, 2012). Porém em nosso trabalho, especificamente na área de Psicologia Escolar não encontramos essa forma equilibrada de estratos Qualis.

Especificamente na área de Psicologia, os periódicos são avaliados sob a ótica de alguns critérios, como as bases de dados em que está indexado, se possui reconhecimento internacional, sua periodicidade, padronização dos títulos e a acessibilidade do periódico, principalmente pela Internet.

Nesse aspecto já é notório o uso frequente do jargão ‘Qualis A’. Programas de pós-graduação incentivam seus alunos a alcançarem essa meta, que consiste da publicação de artigos em revistas desse nível, já que o programa é avaliado pelos pontos alcançados por docentes e discentes como um dos itens mais importantes na avaliação dos programas. (MUGNAINI, 2011; PIZZINATO, 2011; SEIXAS, COELHO LIMA, COSTA, 2010).

Em 2010 os programas de pós-graduação em Psicologia foram responsáveis pela publicação de “2516 artigos”, o que mostra a pressão que estes programas enfrentam em termos de publicações como, de fato, a maior parte da produção científica brasileira está concentrada nos programas de mestrado e doutorado. (BRASIL, 2012, p.6).

De fato essa coacção também está presente na área de Psicologia Escolar, Guzzo et al. (2010) estudando as relações históricas entre a Psicologia e Educação presentes na revista *Psicologia Escolar e Educacional* detectou que 35,0% dos autores que produziram artigos para essa revista são professores de pós graduação e estudantes de pós graduação.

Essa constante pressão para que seja publicado um trabalho acaba, muitas vezes, levando a existência de periódicos de qualidade inferior e com pouco valor científico. Para Costa (2002, p. 87) “a pressão para publicar resulta, às vezes, em trabalhos medíocres, superficiais, ou mal escritos, sobre assuntos curiosos, mas de pouca relevância”. Na área de psicologia, além da pressão, Guedes (2011) relata que no Brasil tivemos muitos periódicos de vida efêmera. Nascidos em geral para atender à necessidade premente de escoar produção científica numa área de conhecimento ou numa instituição de pesquisa, contribuindo para o baixo valor científico de sua produção.

Instigado por esse fato, realizamos uma consulta no Catálogo Coletivo Nacional (CCN) (www.ccn.ibict.br), atrelado ao Instituto de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) para sabermos quantos periódicos haviam sido registrados em âmbito nacional sobre a temática ‘psicologia escolar’. Nossa busca apontou que não existe nenhum periódico brasileiro com o assunto ‘psicologia escolar’ registrado no CCN.

4.2 A bibliometria como uma ferramenta de análise da produção científica

O homem sempre buscou na matemática e/ou na estatística as explicações pelos vários fenômenos sociais que o inquietavam.

Em 1842 Joseph Rodes Buchaman criou o termo psicometria como um meio para medir a alma dos objetos. Com o passar do tempo, com os novos descobrimentos sobre as variações do comportamento humano, o termo psicometria passou como uma disciplina métrica interessada na mensuração psicológica, com duas vertentes: uma teórica e outra prática. Já por volta dos anos de 1930 surge o termo econometria como a aplicação de técnicas estatísticas a economia como prova de validação das teorias econômicas, bem como seus prognósticos e tendências. (GORBEA PORTAL, 2005).

De fato não é só a Psicologia e a Economia que buscaram nos números perspectivas quantitativas como necessidades de mensurar seu desenvolvimento, os cientistas da informação, são outro exemplo a destacar. Para Mugnaini e Carvalho e Campanatti-Ostiz (2006, p. 316) “a amplitude da ciência produzida em um país pode ser apontada pela mensuração de sua produção bibliográfica e a representação deste tipo de dado é um dos

papéis da Ciência da Informação”, que desenvolve-se como área interdisciplinar voltada para organização e estruturação dos documentos científicos, bem como registro, acesso, recuperação e uso da informação. (MOSTAFA, 2004).

Nesse sentido, quando tratamos de uma grande quantidade de informações, a necessidade de organizar torna-se real, assim, uma análise quantitativa pode reduzir os custos e o tempo de execução, assim se orienta a Bibliometria. (MUGNAINI; CARVALHO; CAMPANATTI-OSTIZ, 2006; COSTA et al., 2012).

Contextualizando os estudos métricos na linha do tempo, seus antecedentes se situam no ano de 1896, quando F. Cambell propôs pela primeira vez explorar a informação por temas. Posteriormente 1917, J. Cole e Nellie B. realizaram estudos equivalentes, denominados *Análisis Estadístico de la Literatura*, na revista *Science Progress*. (GORBEA PORTAL, 1994).

Em 1923, E.W. Hulme, em seu livro *Statistical Bibliography in relation to the growth of modern civilization*, propõe uma nova linha para os estudos da informação. Nesse sentido Hulme é o primeiro autor a acrescentar os termos *Bibliografía Estadística*, aplicado aos progressos estadísticos e tecnológicos dentro da comunicação científica. (CANALES BECERRA; MESA FLEITAS, 2002).

Passado algum tempo, em 1948, na Conferência da *Aslib em Leamington Spa*, Shiyali Ramamrita Ranganathan, bibliotecário indiano, sugeria a necessidade de os bibliotecários desenvolverem a bibliotecometria para designar a aplicação de métodos matemáticos e estatísticos, já que as bibliotecas lidavam com grande quantidade de números. Porém, foi somente em 1969, no seminário anual do *Documentation Research and Training Centre*, que ele apresentou um trabalho com alguns exemplos de aplicação da estatística na biblioteconomia. Foi com base neste trabalho de Ranganathan e em pesquisas realizadas no DRTC que Neelameghan esboçou a aplicabilidade da bibliotecometria, ou bibliometria, como se tornou conhecida. (VANTI, 2002; GARBEA PORTAL, 2005).

Porém o primeiro trabalho publicado sobre métodos bibliométricos se titula “*Historie des sciences et des sçavants depuis deux siencle*” de Alphonse de Condolle em 1885, que aplicava alguns métodos matemáticos num estudo para comparar as publicações científicas de 14 países europeus e dos Estados Unidos. (RUEDA-CLAUSEN GÓMEZ; VILLA-ROEL GUTÍERREZ; RUEDA-CLAUSEN PINZÓN, 2005).

Já o primeiro pesquisador a calcar o termo bibliometria foi o francês Paul Otlet em 1934 no seu livro *Traité de Documentation* que a definiu como parte definida da bibliologia que se ocupa da medida e da quantidade aplicada de livros. (GORBEA PORTAL, 2005). Para

Otlet a bibliometria se resumia no estudo do objeto livro, ou seja, a quantidade de palavras por páginas, linhas por página, peso do papel e preço.

No entanto existe outra corrente, a de que foi A. Pritchard, anglo saxônico, que em 1969 cunhou o termo bibliometria pela primeira vez, definindo-a como a aplicação das matemáticas e dos métodos estatísticos aos livros e outros meios de comunicação escrita. (SILVA; HAYASHI; HAYASHI, 2011).

No ano de 1983, o professor indiano do Centro de Treinamento e Pesquisa em Documentação, Ianna Kedage Ravichandra Rao, publica o livro *Quantitative Methods for library and information Science* (no Brasil traduzido como *Métodos quantitativos em biblioteconomia e ciência da informação*), com um forte componente estatístico em seus nove primeiros capítulos. No restante do livro o professor aborda as origens da bibliometria e suas Leis.

Em estudos mais recentes, Spinak (1998) define que a bibliometria compreende: A) aplicação de análises estatísticas para estudar as características uso e criação de documentos; B) estudo quantitativo da produção de documentos elencados nas bibliografias, ou seja, a bibliometria estuda a organização dos setores científicos e tecnológicos a partir de fontes bibliográficas e patentes para identificar seus autores, suas relações e suas tendências.

Já para Macias-Chapula (1998, p. 134) a bibliometria pode ser entendida como:

[...] o estudo dos aspectos quantitativos da produção, disseminação e uso da informação registrada a bibliometria desenvolve padrões e modelos matemáticos para medir esses processos, usando seus resultados para elaborar previsões e apoiar tomadas de decisão.

Assim, a bibliometria constitui em analisar a atividade científica ou técnica pelos estudos quantitativos das publicações. Ou seja, os dados quantitativos são calculados a partir de contagens estatísticas de publicações ou de elementos que reúnem uma série de técnicas estatísticas, buscando quantificar os processos de comunicação escrita. (SILVA; HAYASHI; HAYASHI, 2011)

Atualmente os estudos bibliométricos podem ser considerados indicadores da produção científica e são necessários para se compreender a dinâmica e a evolução da ciência. Nesse sentido os indicadores bibliométricos vêm sendo utilizados como instrumentos para análise da atividade científica e das suas relações com o desenvolvimento econômico e social, bem como para se obter as características de um determinado campo do conhecimento.

O emprego de indicadores bibliométricos apresenta uma série de vantagens para sua utilização na avaliação científica, por se tratar de dados verificáveis, reproduzíveis, que

apresentam resultados objetivos, numéricos, além de poderem ser aplicados a um grande volume de dados. (IGAMI, 2011).

Num recente artigo titulado *Contribución científica de México a la psicología entre los años 1995-2008 con base en el Social Sciences Citation Index de ISI Web of Knowledge* de Díaz-Escoto e Navarro e Ramírez Godoy (2010) afirmam que com os estudos bibliométricos é possível gerar uma série de indicadores, a saber:

- analisar a produtividade científica das instituições;
- localizar os autores mais produtivos nas diferentes áreas do conhecimento;
- medir o número de trabalhos publicados sobre algum tema;
- conhecer as revistas mais relevantes em determinada área;
- assinalar tendências historiográficas, entre outros.

Com o passar do tempo, a bibliometria foi se consolidando e gerando novos estudos. Nesse contexto três importantes Leis contribuíram para ao avanço desse saber: Lei de Lotka (mede a produtividade dos pesquisadores), Lei de Bradford (Lei de dispersão do conhecimento) e Lei de Zipf (modelo de distribuição e frequência de palavras de um texto).

A primeira Lei, a Lei de Lotka foi formulada em 1926 e elaborada a partir de um estudo sobre a produtividade de cientistas a partir da contagem de autores presentes no *Chemical Abstracts*, onde posteriormente a esses estudos estabeleceu os fundamentos da lei do quadrado inverso, afirmando que o número de autores que fazem n contribuições em um determinado campo científico é aproximadamente $1/n^2$ daqueles que fazem uma só contribuição e que a proporção daqueles que fazem uma única contribuição é de mais ou menos 60%. (URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, 2002).

Desde sua formulação inúmeros estudos têm sido realizados para investigar a produtividade de seus autores, o que até dezembro de 2000, cerca de 250 trabalhos compreendendo artigos, monografias, capítulos de livros, comunicações em congressos e literatura cinzenta, tinham sido produzidos, criticando, replicando ou reformulando esse modelo bibliométrico. (URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, 2003).

Baseado na Lei de Lotka, Price (1976a) aperfeiçoou-a a partir de seus estudos realizados. Price (1976a) concluiu que 1/3 da literatura é produzida de menos de 1/10 dos autores mais produtivos, levando a uma média de 3,5 documentos por autor e 60% dos autores produzindo um único documento. Dessa forma propõe a Lei do Elitismo onde se k representa o número total de contribuintes numa disciplina, \sqrt{k} representaria a elite da área estudada e a metade do total da produção é considerado o critério para se saber se a elite é produtiva ou não.

A Lei do Elitismo também já foi objeto de vários estudos para detectar a elite de autores de uma área do conhecimento, inclusive na Psicologia Escolar. Maroldi e Lima e Souza (2012) encontraram um grupo de elite de quinze autores pelo critério da contagem completa e um grupo de elite de sete autores pelo critério da contagem direta, pesquisa que contribuiu para identificar, de fato, quem são os autores mais produtivos nessa área.

A segunda Lei, a Lei de Bradford, também conhecida por Lei da Dispersão, incide sobre o conjunto de periódicos, isto é, através da medição da produtividade dos periódicos é possível estabelecer o núcleo principal e as áreas de dispersão de um determinado assunto. Ou seja, se dispormos os periódicos em ordem decrescente de produtividade de artigos sobre um determinado tema, pode-se distinguir um núcleo de periódicos mais particularmente devotados e vários grupos ou zonas que incluem o mesmo número de artigos que o núcleo, sempre que o número de periódicos existentes no núcleo e nas zonas sucessivas sejam de ordem de 1: n: n²: n³.... (ARAÚJO, 2006)

A Lei de Bradford é um instrumento útil para o desenvolvimento de políticas de aquisição e de descarte de periódicos, em nível de gestão de sistemas de recuperação da informação, gestão da informação e do conhecimento científico e tecnológico. É possível estimar a magnitude de determinada área bibliográfica e o custo de toda e qualquer fração específica da bibliografia, no todo. (GUEDES; BORSCHIVER, 2012).

A terceira Lei, a Lei de Zipf, foi formulada em 1949 é relacionada à frequência de ocorrência de palavras em um texto suficientemente grande e a ordem de série dessas palavras. No caso, Zipf estudou a obra *Ulisses* de James Joyce, e constatou uma correlação entre o número de palavras diferentes e a frequência de seu uso e concluiu que existe uma regularidade fundamental na seleção e uso das palavras e que um pequeno número de palavras é usado muito mais frequentemente. Assim cria a Lei do Menos Esforço, ou seja, existe uma economia no número de palavras, e se a tendência é usar o mínimo significa que elas não vão se dispersar, pelo contrário, uma mesma palavra vai ser usada muitas vezes, essas palavras mais usadas indicam o assunto do documento. (ARAÚJO, 2006).

Com o avanço dos estudos nessa área aliado as novas tecnologias da informação, novas possibilidades de pesquisas de avaliação da produção científica surgiram com funções semelhantes quanto aos métodos quantitativos, mas cada uma delas procura mensurar o conhecimento científico e o fluxo de informação sob diferentes abordagens e objetivos, dentre elas podemos citar a cientometria, informetria e mais recentemente a webometria. Para Macias-Chapula (1998) o objeto de estudo da cientometria são as disciplinas, assuntos, áreas e campos; já a informetria tem interesse nos estudos das palavras, documentos e bases de dados.

Para Vanti (2002) a webometria consiste na aplicação de métodos informétricos à *World Wide Web*.

No Brasil, a bibliometria se desenvolveu a partir de 1970 com pesquisas do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, hoje denominado Instituto Brasileiro de Informação científica e Tecnológica (IBICT), destacando estudos nos campos científicos nas áreas de Química, Geologia, Doença de Chagas, Esquistossomose e Cacau. (ARAÚJO, 2006). Este curso foi pioneiro na introdução da bibliometria no Brasil, envolvendo estudos de quantificação e descrição do conhecimento registrado.

Porém na década de 1980 há uma queda pelo interesse pelos estudos bibliométricos no Brasil e no exterior. Ao final dos anos de 1980 e início dos anos de 1990 com a possibilidade do uso dos computadores, há uma retomada nos estudos desse método quantitativo utilizado para acompanhar o desenvolvimento de uma determinada ciência. Essa consequência do avanço dos computadores aliado às telecomunicações, tem tornado possível o acesso e a manipulação de grandes volumes de informações de qualquer lugar do mundo, o que aumentou a necessidade e a procura do método bibliométrico como forma de mensurar uma determinada área do saber. Esses fatos são corroborados por Araújo (2006) ao afirmar que desde a primeira *International Conference on Bibliometrics and Theoretical Aspects of Information Retrieval*, em 1987, na Bélgica, essa disposição já havia se manifestado.

Em um trabalho titulado *Cartografia histórica e conceitual da bibliometria / informetria* no Brasil da professora Lena Vania Ribeiro Pinheiro e da bolsista Giselle Santos Silva (2008) podemos observar que as abordagens teóricas e aplicações bibliométricas entre pesquisadores brasileiros especialistas em metrias da comunicação científica, apontam para diversidade, fortalecimento e expansão desse campo de estudos, comprovados pelos cursos, crescimento de grupos de pesquisa e publicações no tema. As autoras verificaram também que a institucionalização da pesquisa tem sido fortalecida por uma série de iniciativas e eventos. Na BIREME, o SciELO abre maiores possibilidades de estudos bibliométricos, pelo instrumental disponível e, ao mesmo tempo, para o desenvolvimento de pesquisas com cientistas de vários campos do conhecimento.

Em recente estudo, Araújo e Alvarenga (2011) utilizando o método bibliométrico corroboram ao aportar uma retomada significativa no estudo da temática, tendo 2007 como o ano de maior produção. Revelam ainda uma multiplicidade na produção, que demonstra o interesse pela abordagem bibliométrica nas várias áreas de conhecimento no Brasil, ensejando análises sobre a interdisciplinaridade entre ciência da informação e outros campos de conhecimento. A pesquisa apontou ainda que a insigne pesquisadora e professora de

Psicologia, Geraldina Porto Witter, aparece com uma das pesquisadoras que mais orientou trabalhos em nível de Pós Graduação no campo da bibliometria.

Também encontramos na Psicologia trabalhos que reforçam que a bibliometria vem ganhando destaque a partir da década de 1990, dentre eles podemos elencar os trabalhos de Sampaio (2008), que estudou as citações das dissertações e teses defendidas no Instituto de Psicologia da USP de São Paulo; o trabalho de Coser (2009) que verificou as citações nos programas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o trabalho de Amorim (2010) que estudou o compromisso social do psicólogo a partir de um estudo bibliométrico.

Para tanto, ressaltamos que os indicadores bibliométricos não são um fim em si mesmos; eles são meios para fins específicos, contribuem com uma resposta para uma pergunta específica e servem de base para avaliações, recomendações ou ações futuras; conhecendo-se o histórico do desempenho passado, é possível planejar o futuro. (IGAMI, 2011).

Nesse sentido buscamos nesse trabalho, por meio das análises bibliométricas, alguns indicadores para identificarmos as características da produção científica relativa à Psicologia Escolar contidas na BVS-Psi ULAPSI Brasil.

5 MÉTODO

Nessa seção serão apresentadas a caracterização da pesquisa, os materiais e equipamentos utilizados e os procedimentos metodológicos, com detalhamento das estratégias adotadas para realizar a coleta e a análise dos dados.

5.1 Caracterização da pesquisa

De acordo com Cervo e Bervian e Silva (2006, p. 57):

[...] pesquisa é uma atividade voltada para a investigação de problemas teóricos ou práticos por meio do emprego de processo científicos. Ela parte, pois, de uma dúvida ou problema e, com o uso do método científico, busca uma resposta ou solução.

A realização desse trabalho deu a partir da conjugação de dois tipos de pesquisa: a bibliográfica e a exploratória. Na pesquisa bibliográfica buscaremos conhecer e analisar as contribuições científicas (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2006) sobre a Psicologia escolar e a bibliometria dando suporte na fundamentação de nosso referencial teórico. Também é uma pesquisa exploratória, pois buscaremos através da obtenção dos dados detectarmos com que frequência o fenômeno ocorre e quais são suas características (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2006). Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados, bem como, a forma de levantamento.

Salientamos que do ponto de vista ético nossa pesquisa está pautada na honestidade do pesquisador em subtrair das bases de dados somente os dados concretos, fidedignos. Ressaltamos que a Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia (BVS Psi ULAPSI Brasil), onde foram coletados e analisados os dados são de domínio público, podendo ser acessada pelo endereço eletrônico: www.bvs-psi.org.br.

Também será utilizada a abordagem quantitativa para “garantir resultados e evitar distorções de análise e de interpretação”. (DIEHL; TATIM, 2004, p. 51).

5.2 Materiais e equipamentos

Para o desenvolvimento dessa pesquisa utilizamos os seguintes equipamentos: micro computador com acesso a Internet e a base de dados; *pen drive* para armazenagem dos dados coletados; uso do *software* Excel 2010. O Excel permite criar tabelas, gráficos, calcular e analisar dados. É um *software* também chamado de planilha eletrônica. Em nossa pesquisa

utilizamos os recursos para cálculos de dados e elaboração de gráficos e tabelas para uma melhor visualização dos nossos dados; uso do *software* Word 2010. O Word é utilizado para criação de textos. Em nossa pesquisa o *software* foi utilizado para armazenar as informações obtidas durante as buscas na a Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia (Brasil). Ressaltamos que os pormenores serão descritos na seção Procedimentos Metodológicos.

5.3 Fonte de dados

Nessa pesquisa utilizou as bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia (BVS-Psi ULAPSI Brasil), pois de acordo com Oliveira et al. (2007) desde a criação da Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia Brasil (BVS-PSI), houve um diferencial no que se refere à divulgação da produção de conhecimento científico na Psicologia, que tornou a área distinta das demais no que se refere à divulgação da produção científica nacional.

Também de acordo com Witter e Noronha e Sampaio (2009, p. 430) “as bibliotecas virtuais têm sido uma das soluções mais eficazes para a reunião, organização e disseminação da informação na era atual”.

Esse fato é corroborado com Levacov (1997 apud SAMPAIO; SERRADAS, 2007, p.3):

À medida que o mundo se torna um conglomerado de computadores e pessoas interconectados, novos modos de trabalho colaborativo se fazem possíveis, dando origem a marcadas mudanças de comportamento e de modos de construir conhecimento. Cada vez é mais rápido e barato mover idéias e informações, em vez de pessoas. Coleções compartilhadas reduzem o trabalho relativo à manutenção das mesmas e permitem transcender os limites físicos da biblioteca e de seu orçamento.

A escolha dessa biblioteca virtual deu-se ainda a partir de um estudo criterioso de avaliação baseados nos trabalhos de Pereira et al. (2012) e Rowley (2002), por utilizar a metodologia BIREME já consolidada na área de saúde e por reunir um vasto material documental acerca do conhecimento da área de Psicologia Escolar, a temática de nosso estudo. Apresentaremos a seguir a metodologia BIREME e posteriormente caracterizaremos as bases de dados que compõem a BVS-Psi ULAPSI Brasil.

5.4 A BIREME

A BIREME é um Centro Especializado da Organização Panamericana de Saúde (PAS) e da Organização Mundial da Saúde (OMS) para a cooperação técnica em informação e comunicação científica em saúde na Região das Américas.

Estabelecido no Brasil desde o ano de 1967 como Biblioteca Regional de Medicina (BIREME), até final da década de 1970, sua operação é orientada ao desenvolvimento de capacidades e infraestruturas nacionais e regional para a gestão; acesso a informação científico técnico para o desenvolvimento da saúde; necessidade de desenvolver a capacidade dos países da América Latina e do Caribe de operar as fontes de informação científico-técnica de forma cooperativa; capacidade de promover o uso e de responder às demandas de informações científico-técnicas em saúde dos governos, dos sistemas de saúde e das instituições de ensino e investigação.

Em 1982 muda de nome para Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, mas mantém, entretanto, a sigla BIREME para dar maior visibilidade regional e internacional à produção científica e técnica em saúde da América Latina e do Caribe. Nesse mesmo ano o Index Medicus Latino-Americano evolui para a base de dados bibliográfica chamada Literatura Latino-Americana e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (LILACS), com ênfase na ampliação da cobertura em saúde pública.

A base de dados LILACS, criada em 1982, e produzida e operacionalizada pelo BIREME, que está sob a coordenação da Organização Pan-americana de Saúde. A LILACS, que tem por objetivo expresso o controle bibliográfico e a disseminação da literatura latino-americana da área da saúde, indexa materiais diversos, como teses, livros, capítulos de livros, relatórios técnico-científicos e periódicos. (YAMAMOTO, COSTA, 2009).

Já no final dos anos de 1980 a BIREME promove o uso de computadores nas bibliotecas, tanto para a produção descentralizada da base de dados LILACS quanto para a pesquisa bibliográfica em CD-ROM e posteriormente *online*. (BIREME, 2012).

No final dos anos de 1990 com a popularização da Internet como fonte das produções e fluxos de informações, seu modelo de cooperação técnica e científica evolui para a construção da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) como espaços comuns de onde as fontes de informação são geradas, atualizadas, armazenadas e operadas na Internet por produtores, integradores e intermediários, de modo descentralizado e obedecendo metodologias comuns para sua integração na BVS.

Com a construção e desenvolvimento da (BVS) a BIREME se propõe adotar a promoção da cooperação técnica em informação em direção a e entre os países da América Latina e do Caribe, com o objetivo de responder organizada e eficientemente às necessidades emergentes dos países de produzir e operar fontes de informação em saúde integradas na Internet.

A BVS organiza a informação em uma estrutura que integra e interconecta bases de dados referenciais; diretórios de especialistas, eventos e instituições; bases de dados de textos completos (periódicos científicos, teses, dissertações); instrumentos multimídia e metodológicos de apoio à educação e à tomada de decisão; Disseminação Seletiva de Informação em Saúde, orientados a responder as necessidades de informação de comunidades específicas de usuários; os Descritores em Ciências da Saúde e o Localizador de Informação em Saúde. (BIBLIOTECA..., 2012).

Conforme Witter e Noronha e Sampaio (2009) como a BVS-Psi ULAPSI Brasil foi desenvolvida através da metodologia BIREME todas as bases de dados operam de forma integrada e são sustentadas pelos mesmos recursos. Isso para o usuário é uma grande vantagem, pois a partir do conhecimento da operação de uma das ferramentas é possível utilizar as outras fontes de informação disponíveis, uma vez que empregam a mesma estrutura para recuperação da informação.

Assim podemos considerar que a BVS torna-se uma rede dinâmica de fontes de informação descentralizada, onde podemos recuperar e extrair informações para auxiliar os processos de decisão de saúde.

Julgamos necessário ter apresentado o histórico e a metodologia BIREME na criação e manutenção em bibliotecas virtuais, pois a BVS-Psi, a fonte de nossa pesquisa, foi desenvolvida a partir de sua metodologia.

5.5 A Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia (BVS-PSI ULAPSI Brasil)

A Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia (BVS-Psi ULAPSI Brasil) é fruto da parceria entre o Fórum das Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira, marcado pela presença do Conselho Federal de Psicologia (CFP), enquanto entidade desse Fórum, a Biblioteca Dante Moreira Leite do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e a BIREME. Tem como objetivo reunir, organizar e dar visibilidade ao conhecimento psicológico e foi embasada pelo princípio do acesso aberto, livre e democrático à informação

e ao conhecimento técnico e científico disponíveis nos países da América Latina. (WITTER; NORONHA; SAMPAIO, 2009; BIBLIOTECA..., 2012).

A BVS-Psi ULAPSI caracteriza-se como um projeto de extrema relevância, uma vez que busca facilitar o processo de organização, recuperação e uso da informação científica e técnica na área de Psicologia. (BIBLIOTECA..., 2012).

Lançada oficialmente em março de 2001, a BVS-Psi nasceu da iniciativa e necessidade de reunião em um portal de fontes de informações relevantes ao profissional e estudioso da Psicologia. (AMORIM, 2006).

No início de 2005, com o sucesso do modelo da BVS-Psi uma iniciativa para a organização e disseminação da informação em um espaço virtual altamente especializado promoveu a gestão da informação psicológica no Brasil. Este benefício foi ampliado para a América Latina pela União Latino Americana de Entidades de Psicologia (ULAPSI), buscando dar apoio a conhecimentos e práticas que possam responder às necessidades e urgências da sociedade da região. O objetivo maior da BVS-Psi ULAPSI é promover o acesso em linha eficiente, universal e equitativo às fontes de informações científicas e técnicas disponíveis nos países da América Latina e desde então as ações da BVS-Psi ULAPSI vêm dando maior visibilidade nacional e internacional aos conhecimentos produzidos na área de Psicologia. Ela se firma como um instrumento capaz de promover a reunião, organização e divulgação dos psicólogos brasileiros e latinos americanos. Assim, esperava-se com a criação da BVS-Psi ULAPSI quebrar as barreiras linguísticas e internacionalizar, de vez, o desenvolvimento da pesquisa em psicologia brasileira.

A BVS-Psi ULAPSI ainda oferece importante apoio ao ensino e também as meta-análises da literatura da área realizadas pelos autores (AMORIM, 2006; SAMPAIO, 2006, MALUF, 2005, grifo nosso). Destacamos que na Psicologia, Witter (2005) tem realizado várias pesquisas com características bibliométricas, a qual nomeia de metaciência, que são capazes de analisar as dimensões da produção científica de um determinado ramo do saber.

A BVS-Psi ULAPSI Brasil é composta por bases de dados bibliográficas, bases em texto completo, videoteca digital de Psicologia, livros eletrônicos de Psicologia em acesso aberto, bases em ciências da saúde e áreas correlatas, anais e resumos de congresso em psicologia, serviço de cópias de documentos e terminologias. Ela está assim subdividida:

- 1) **Bases de dados bibliográficas:** Acesso a bases de dados bibliográficas nacionais e internacionais que seguem a metodologia BIREME. Permite acesso a referências. São elas:

- A) *Index Psi Revistas técnico-científicas* – Base de dados que reúne a literatura técnico-científicas em Psicologia publicada em revistas, com acesso ao texto completo quando disponível em um portal reconhecido com mais de 36.900 itens. É mantida pela Rede Brasileira de Bibliotecas da Área de Psicologia– ReBAP e coordenada pela Biblioteca Virtual de Psicologia do Brasil. Ao todo é constituída por 190 periódicos indexados (lista obtida em 03-09-2012).
- B) *Index Psi divulgação científica* - Base de dados que reúne a literatura técnico-científica em Psicologia publicada em revistas, com acesso ao texto completo quando disponível em um portal reconhecido com mais de 36.900 itens. É mantida pela ReBAP e coordenada pela Biblioteca Virtual de Psicologia do Brasil.
- C) *Index Psi teses* - A base de dados Index Psi Teses, lançada em agosto de 2004, tem como objetivo reunir, organizar e divulgar as informações das dissertações e teses apresentadas aos programas brasileiros de pós-graduação em Psicologia. A atualização da base é garantida pelo trabalho da ReBAP. Compete a ReBAP coordenar as atividades de atualização e a qualidade dos registros inseridos na base de dados entre os Centros Cooperantes da ReBAP. Já aos Centros Cooperantes cabe cadastrar as informações referentes às dissertações e teses apresentadas aos programas de pós-graduação de sua instituição. As seguintes Instituições Cooperantes participam: Universidade de São Paulo (USP), Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMPINAS), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Universidade de Brasília (UnB), Universidade Católica de Brasília (UCB), Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal do Rio Grande do Sul – (UFRGS), Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), Universidade São Marcos, Universidade de São Paulo - USP - Campus de Ribeirão Preto-SP. Na *Index Psi teses* são disponibilizadas informações referenciais e, quando possível, o *link* para o texto completo desde as primeiras investigações até o ano corrente.
- D) *Index Psi livros* - O Index Psi Livros é o resultado de parcerias iniciadas em 1999 entre o Conselho Federal de Psicologia (CFP), a Biblioteca do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e as editoras brasileiras que publicam livros na área. O objetivo é selecionar, reunir, organizar e divulgar, em um único *site* a produção editorial

científica brasileira disponível aos interessados na área de psicologia. (BIBLIOTECA..., 2012).

2) Bases em textos completos: Fontes de informação que oferecem texto completo de artigos de periódicos. São elas:

- A) *Index Psi TCCs* - a Index Psi TCC reúne até 2010, os 275 Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) e relatórios de estágio inscritos no Prêmio Silvia Lane
- B) *PePSIC - Periódicos Eletrônicos em Psicologia* - Reúne uma coleção de revistas científicas em Psicologia e áreas afins de 12 países da América Latina e Caribe e mais de 12.778 artigos em texto completo.
- C) *Scielo - SciELO - Scientific Electronic Library Online* é um projeto consolidado de publicação eletrônica de periódicos científicos seguindo o modelo de *Open Access*, que disponibiliza de modo gratuito, na Internet, os textos completos dos artigos de mais de 290 revistas científicas do Brasil, Chile, Cuba, Espanha, Venezuela e outros países da América Latina
- D) *Portal Revistas USP* - Portal de Revistas da USP é uma biblioteca eletrônica, que publica as revistas produzidas pela Universidade de São Paulo e credenciadas pelo Programa de Apoio às Publicações Científicas Periódicas da USP.
- E) *Dicionário biográfico em Psicologia no Brasil*
- F) *RedALYC* - Rede de Revistas Científicas da América Latina e no Caribe, Espanha e Portugal. (BIBLIOTECA, 2012).

As outras bases de dados que compõem a BvS-Psi Brasil são:

Videoteca Digital de Psicologia: conta atualmente com um acervo de mais de 900 títulos de filmes e vídeos relacionados à temática da Psicologia. O acervo é formado por filmes comerciais, aulas, trabalhos e cursos de docentes do Instituto de Psicologia da USP, vídeos institucionais, palestras, congressos e seminários realizados no Instituto de Psicologia da USP ou catalogados a partir de portais *online* (como *Youtube*, *Google Videos* etc).

Livros Eletrônicos em Psicologia de Acesso Aberto: Portal dedicado à publicação de livros eletrônicos na área de Psicologia (*e-books*), considerando o princípio maior da BVS-Psi que é o acesso aberto ao conhecimento.

Bases em Ciências da Saúde e áreas correlatas: inclui cinco bases. LILACS, Portal Nacional BVS Brasil em Saúde, Biblioteca Virtual da FAPESP, Biblioteca COCHRANE e Portal de Evidências.

Anais e Resumos de Congressos em Psicologia: Eventos da área enviados por colaboradores e contendo o texto completo de Congressos, Seminários e outros eventos realizados em Psicologia.

SCAD- Serviço de cópia de documentos: SCAD - Serviço Cooperativo de Acesso ao Documento provê o acesso a documentos da área de ciências da saúde.

Terminologias em Psicologia: A terminologia em Psicologia, disponível em três línguas na BVS-Psi ULAPSI, vem sendo construída, desde 1973, pela Biblioteca Dante Moreira, do Instituto de Psicologia da USP e conta em 2011 com mais de 6.300 termos hierarquizados. Para definição dos termos foram consultadas várias fontes de informações como dicionários especializados, glossários, listas de cabeçalhos de assunto entre outras. A Terminologia Psi é, em grande parte, baseada nos descritores do Tesouro da *American Psychological Associations* (APA) considerada um importante instrumento da área, utilizado para indexação e atribuição de palavras-chave por muitas bibliotecas e autores, assim como editores de revistas de Psicologia. É utilizada como ferramenta para uso na indexação e na recuperação de artigos de revistas científicas, livros, anais de congressos, relatórios técnicos e outros tipos de materiais disponibilizados na Biblioteca Virtual. (BIBLIOTECA..., 2012).

5.6 Procedimentos metodológicos

Elegemos como ponto de partida os termos que iríamos buscar na Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia (BVS-PSI). Sabemos, através da literatura consultada, que vários termos são utilizados, como Psicologia Escolar; Psicologia Educacional; Psicologia da Educação. O que para os mais leigos possa representar a mesma coisa, para os pesquisadores da área há diferença. Nesse aspecto Meira (2000, p. 36) nos mostra que “mesmo que a terminologia utilizada não tenha uma importância em si mesma, ela pode trazer implicações de ordem teórica e prática”.

Para termos uma consistência científica na recuperação de nossos dados, consultamos o Vocabulário de Termos em Psicologia para identificar qual era o termo indexado na base de dados BVS PSI.

Elegemos então como primeira busca as palavras ‘Psicologia escolar’ no campo ‘termos em português’ para sabermos se esse mesmo termo era ou não indexado conforme a figura 3.

Figura 3 – Exemplo de Busca na Base Terminologia em Psicologia

Base de dados : **TERMINOLOGIA** Formulário avançado
 Pesquisar por : [Formulário livre](#)

	Pesquisar	no campo	
1	psicologia escolar	Termo em português	Índice
2	and	Termos	Índice
3	and	Termos	Índice

[CONFIG](#) [LIMPAR](#) [PESQUISAR](#)

Search engine: [IAH](#) v2.6.1 powered by [WWWISIS](#)
 BIREME/PAHO/WHO - Latin American and Caribbean Center on Health Sciences Information

Fonte: www.bvs-psi.org.br

Detectamos que o termo ‘psicologia escolar’ consta na base e é utilizado como um termo indexado (figura 4). Tem como definição “ramo da psicologia que dá ênfase ao treinamento e ao certificado legal dos psicólogos trabalhando em ambiente escolar”.

Figura 4 – Termos recuperado na Base Terminologia em Psicologia

SUA SELEÇÃO >> ENVIAR RESULTADO NOVA PESQUISA CONFIG FIM DA PAGINA

Base de dados : **TERMINOLOGIA**
 Pesquisa : **psicologia escolar** [Termo em português]
 Referências encontradas : 2 [refinar](#)
 Mostrando: 1..2 no formato [Longo]

página 1 de 1

1 / 2	TERMINOLOGIA
seleciona para imprimir	<p>TERMO EM PORTUGUÊS: PSICOLOGIA ESCOLAR</p> <p>TERMO EM INGLÊS: SCHOOL PSYCHOLOGY</p> <p>TERMO EM ESPANHOL: PSICOLOGIA ESCOLAR</p> <p>TERMO GERAL: Psicología educacional</p> <p>NOTA EXPLICATIVA: Ramo da psicologia que dá ênfase ao treinamento e ao certificado legal dos psicólogos trabalhando em ambiente escolar.</p> <p>SCOPE NOTE: Branch of psychology that emphasizes training and certification of school psychologists.</p> <p>SCOPE NOTE (ESPAÑHOL): Rama de la psicología que enfatiza el entrenamiento y da el certificado legal de los psicólogos trabajando en ambiente escolar</p>

Fonte: www.bvs-psi.org.br

Posteriormente, acessamos as bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia (BVS-PSI), disponível no sítio <http://www.bvs-psi.org.br/php/index.php> e realizamos as buscas separadamente, conforme figura 5. Como estratégia, optamos pelo módulo *formulário avançado*, de forma que inserimos o termo ‘psicologia escolar’ no campo

descriptor psi português. Importante ressaltar que em nenhuma de nossas buscas delimitamos o período, desta forma, consideramos do registro mais antigo até o mais recente.

Figura 5 – Estratégia de busca para o descriptor *Psicologia Escolar*

Fonte: <http://www.bvs-psi.org.br/php/index.php>

Os registros recuperados apresentam a seguinte estrutura, conforme a figura 6:

Figura 6 – Exemplo de registro na base Psi Revistas Técnico-científicas

Fonte: www.bvs-psi.org.br

A pesquisa analisou, em todos os registros recuperados (figura 5 e 6), os seguintes campos para a constituição dos indicadores:

- 1) Para coleta de artigos, relato de experiência, relato de pesquisa, relato de práticas profissionais, dossiê, história, entrevista, prêmio do estudante, artigos originais, resenha acadêmica, conferência, memorial, painel, debate, comunicação, palestra e homenagem:

Autoria: nomes dos autores do trabalho, quantidade de autores, gênero dos autores, estado da federação dos autores, vínculo institucional do primeiro autor e dependência administrativa do primeiro autor;

Tipologia dos registros: tipo de registro de acordo com sua tipologia;

Fonte: título do periódico e ano de publicação do periódico;

Descritores: termos utilizados.

- 2) Para coleta de Teses e Dissertações:

Autoria: gênero do autor;

Imprenta: Instituição de ensino em que o trabalho foi defendido, nível (mestrado ou doutorado), dependência administrativa da instituição a qual o aluno está vinculado, ano de defesa;

Descritores: termos utilizados.

- 3) Para coleta de livros:

Autoria: nomes dos autores do trabalho, quantidade de autores, gênero dos autores;

Imprenta: Nome da editora, ano de publicação;

Descritores: termos utilizados.

Após a recuperação dos registros, os dados foram transferidos para o *software* Word onde foi efetuada uma leitura atenta dos itens destacados acima. Por sua vez foram excluídos os mesmos registros recuperados em mais de uma base, isto é, os registros que se repetiam em mais de uma base foram considerados apenas uma vez, ou seja, os registros repetidos foram considerados somente pertencentes à Base Index Psi Revistas técnicos-científicas. Algumas vezes tivemos que recorrer ao *curriculum lattes* dos autores para obtermos seu nome correto ou outros dados referente aos títulos ou a imprenta, pois notamos alguns erros ortográficos ou até mesmo falta de informação em alguns campos das bases de dados.

Depurado os dados, os transferimos para o *software* Excel para realizar os indicadores bibliométricos da produção científica da Psicologia Escolar bem como formatar as tabelas e gráficos que serão apresentados na seção seguinte. Informamos que a data da coleta dos dados de todas as bases foi realizada no dia 20-02-2012.

6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Um dos aspectos relevantes nos estudos bibliométricos é o fato dos mesmos irem muito além de mostrar apenas os resultados matemáticos e estatísticos isoladamente sem uma contextualização social de onde a atividade científica foi gerada. Assim não é objetivo da bibliometria em coordenar um sistema matemático disperso e alheio à dinâmica da comunidade científica, faz-se necessário realizar uma leitura dos dados bibliométricos à luz de elementos do contexto sócio histórico para reconhecer seus padrões, suas qualidades e suas características a partir dos dados quantitativos. (ARAÚJO, 2006; RODRIGUES SANCHEZ, 2008).

Nesse sentido, para uma melhor sistematização dos resultados e respeitando as características de cada Base de Dados, dispostos em tabelas ou gráficos, optamos em construir indicadores de acordo com o resultado encontrado em cada Base pesquisada.

6.1 Identificação da produção científica em Psicologia Escolar

A tabela 1 nos mostra a distribuição da produção científica em Psicologia Escolar de acordo com cada base de dados. Reforçamos que em nenhum momento de nossa busca delimitamos o período temporal, ou seja, consideramos desde o registro localizado mais antigo (1962) até o mais recente (2011).

A base de dados Index Psi Revistas Técnico Científico, tabela 1, foi à base que mais recuperou registros em nossa busca, 209 no total, seguida da base Index Psi Teses, com 158 registros recuperados.

A base Index Revistas Técnico Científico é a base mais antiga da BVS-PSI ULAPSI Brasil, funcionando desde o ano de 1998. Atualmente reúne mais de 34.330 artigos indexados publicados desde 1949 até os dias atuais com a temática de Psicologia e áreas afins e com mais de 190 periódicos indexados. Nesse sentido pode-se dizer que a maior parte da produção nacional publicada em revistas científicas está reunida, organizada e disponibilizada nessa base de dados. (BIBLIOTECA..., 2012).

Já a base Psi TESES, lançada em 2004, reúne mais de 6.180 trabalhos, sendo mais de 1260 com textos completos.

Ainda de acordo com a tabela 1, as demais bases que mais recuperaram registros respectivamente foram: Portal Nacional BVS Brasil em Saúde, com 37 registros; SciELO,

com 26 registros; Index Psi LIVROS, com 15 registros; RedALYC, com 5 registros; Index Psi Divulgação científica, com 2 registros e Portal Revistas USP, com 1 registro recuperado.

Tabela 1 – Número de registros recuperados por Base de Dados

NOME DA BASE	FREQUÊNCIA ABSOLUTA	FREQUÊNCIA RELATIVA
Index Psi Revistas Técnico-Científicas	209	46,1%
Index Psi TESES	158	34,9%
Portal Nacional BVS Brasil em Saúde	37	8,2%
SciELO	26	5,7%
Index Psi LIVROS	15	3,3%
RedALYC	5	1,1%
Index Psi Divulgação Científica	2	0,4%
Portal Revistas USP	1	0,2%
TOTAL	453	100%

Fonte: <http://www.bvs-psi.org.br/php/index.php>

6.2 Indicadores de registros das publicações ao longo do tempo

A tabela 2 apresenta o número de registros ao longo de 50 anos da produção científica em Psicologia Escolar. Ainda de acordo com a tabela 2, verificamos que a produção total com a temática Psicologia Escolar foi de 453 trabalhos distribuídos em oito bases de dados.

Na Base de Dados Index Psi Revistas Técnico-Científicas observamos que o registro mais antigo recuperado data do ano de 1962 e o mais recente data de 2011. Para Amorim (2010) o reconhecimento da Psicologia como profissão no Brasil, só ocorrida em 1962, justifica a escassez de documentos imediatamente anteriores a essa época. Também a falta de um programa de pós-graduação ante a essa época aliado a falta de uma homogeneidade de concepções que relacionassem como ciências indissociáveis a Psicologia e a Educação, contribuem para a falta de publicações anteriores ao ano de 1962.

Notamos que na década de 1970 há poucas produções com a temática Psicologia Escolar, porém partir do ano de 1979, inclusive, há um aumento da produção científica em Psicologia Escolar na base Index Psi Revistas Técnico-científicas.

Num estudo sobre a formação dos psicólogos brasileiros, Cruces (2008, p.3) destaca que a década de 1970 é “considerado um período em que ocorre a expansão de ofertas de cursos e a falta de professores titulados na área”, o que reflete uma baixa produção nessa década. Ademais uma parcela dos atuais pesquisadores ainda estava se formando na graduação ou iniciando sua jornada na pós-graduação.

Na década de 1980 percebemos uma dispersão da literatura produzida, com picos de crescimento nos anos de 1983 e 1988. Numa pesquisa realizada por Leite e Guirado (1987), revelaram que as áreas de atividade principal apontadas pelos psicólogos foram: 1) *Consultórios* — 57,5%; 2) *Organizações* — 21,2%; 3) *Escolas* — 11,9%; 4) *Ensino de Psicologia* — 6,9%; 5) *Pesquisa* — 1,3%; 6) *Comunidade* — 1,1%. Esses dados nos mostram que 11,9% dos psicólogos tinham interesse em atuar em *escolas* e que apenas 1,3% tinham interesse pela *pesquisa*. Ademais ainda na década de 1980, a pesquisa de Leite e Guirado (1987) também apontou que a Psicologia Escolar apresentava-se como uma área multifacetária e em franco desenvolvimento científico, teórico e prático, o que reflete ainda a baixa produção científica nessa década.

A partir do ano de 1989 a produção científica demonstra certa estabilização que vai perdurar até o ano de 1996. Podemos afirmar que a produção científica desenvolve-se, de fato, a partir do ano de 1997, quanto atinge, com exceção ao ano de 2008, dois dígitos, isto é, mais que 10 trabalhos produzidos por ano. Esse aumento da produtividade na década de 1990 deve-se ao fato da maturidade científica de seus pesquisadores quando terminam seus cursos de mestrado e doutorado e começam a atuar em suas instituições de ensino superior.

Ainda no final da década de 1990 podemos creditar esse aumento de produtividade na temática de Psicologia Escolar ao fato da pressão que os programas de pós-graduação começavam a enfrentar dos órgãos de fomento a pesquisa e a explosão da Internet, que fez surgir novos canais de comunicação para que a comunidade científica possa divulgar suas descobertas científicas.

Na base Portal Nacional BVS Brasil em Saúde, tabela 2, o registro mais antigo data do ano de 1984 e mais recente data do ano de 2011. Entre os anos de 1984 até o ano de 1993, a comunidade científica em Psicologia Escolar produziu apenas três trabalhos. A partir do ano de 1994 o interesse mantém-se equilibrado, com ligeiro aumento nos anos de 2009 e 2010.

Na Base Scielo, tabela 2, o primeiro registro encontrado foi em 2004, mantendo-se uma produção baixa, porém constante até o ano de 2009. Nos anos de 2010 e 2011 há um grande aumento na produção científica.

Nas Bases RedALYC, Index Psi Divulgação Científica, Portal Revistas USP, tabela 2, detectamos que a presença da temática em Psicologia Escolar é muito pequena: RedALYC cinco registros datados de 1998, 2005, 2006 e 2010; Portal de Revistas USP um registro datado do ano 2007 e Index Psi Divulgação científica dois registros datados nos anos de 1991 e 1993, possivelmente em virtude das características dessas Bases.

Já na Base Psi Index TESES, tabela 2, verificamos que o primeiro registro data de 1978 e o mais recente é datado do ano de 2011. Entre os anos de 1992 até o ano 2000 a produção se mantém estável, variando de um registro a, no máximo, três registros. No ano de 2001 temos um grande aumento de publicações na temática de Psicologia Escolar, contabilizando vinte e um registros. Entre os anos de 2003 até 2005 temos, novamente, um aumento na produção, ainda que inconstante. Já entre os anos de 2006 até 2011, drasticamente, há uma diminuição na produção científica.

Na base Index Psi Livros, tabela 2, o primeiro registro data do ano de 1997 e o último datado de 2007. Nesse período a produção científica se mantém estável com um ou dois registros produzidos por ano, com ligeiro aumento no ano de 2005, quando foram produzidos quatro registros.

Tabela 2 – Número de registros recuperados ao longo do tempo por Base

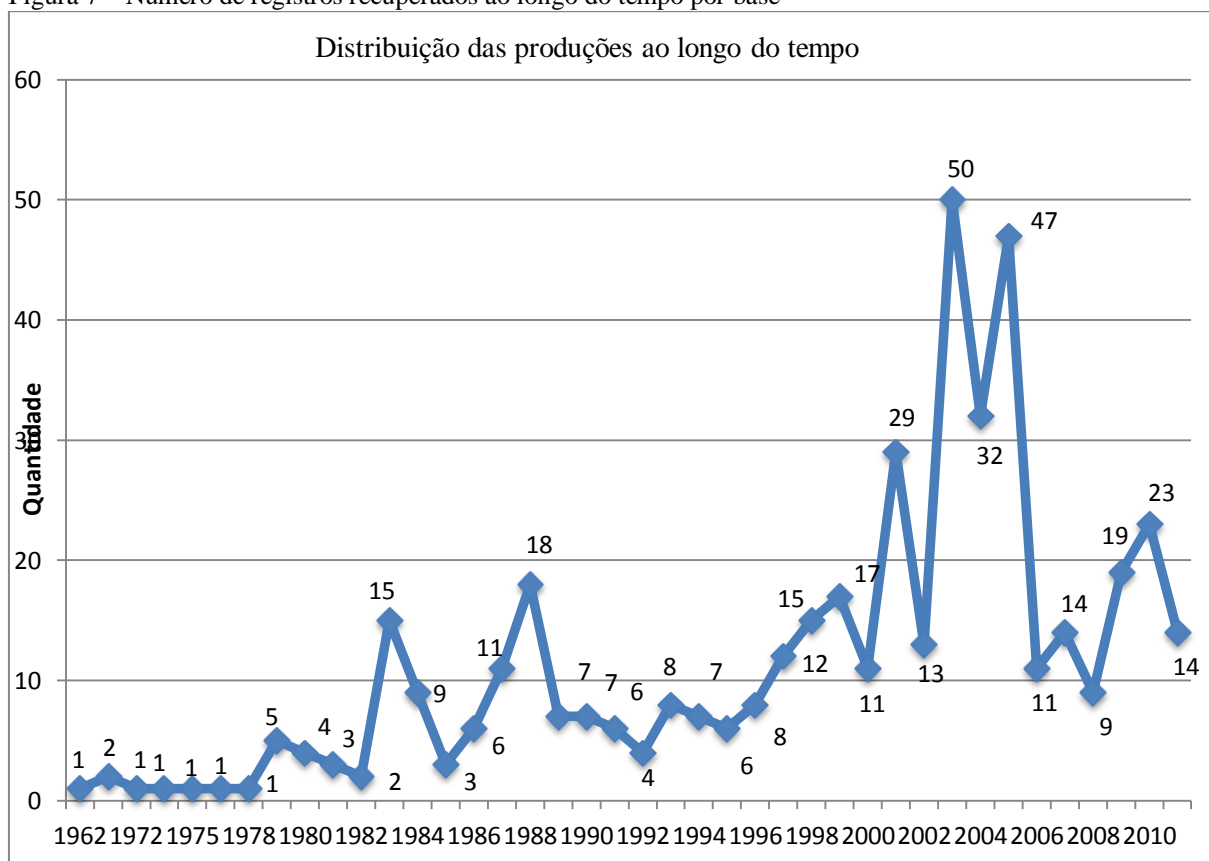
			R. TEC. CI.	BVS SAÚDE	SCIELO	REDALYC	USP	DIV. CI.	TESES	LIVROS
ANO	TOTAL	%	Freq.	Freq.	Freq.	Freq.	Freq.	Freq.	Freq.	Freq.
1962	1	0,2	1							
1970	2	0,4	2							
1972	1	0,2	1							
1973	1	0,2	1							
1975	1	0,2	1							
1977	1	0,2	1							
1978	1	0,3							1	
1979	5	1,1	5							
1980	4	0,9	4							
1981	3	0,7	2						1	
1982	2	0,4	2							
1983	15	3,3	15							
1984	9	2,0	8	1						
1985	3	0,7	3							
1986	6	1,3	6							
1987	11	2,4	9						2	
1988	18	4,0	18							
1989	7	1,5	7							
1990	7	1,5	3	2					2	
1991	6	1,3	5					1		
1992	4	0,9	3						1	
1993	8	1,8	5					1	2	
1994	7	1,5	3	2					2	
1995	6	1,3	1	2					3	
1996	8	1,8	5	1					2	
1997	12	2,6	8	1					2	1

1998	15	3,3	12			1			1	1
1999	17	3,8	13	1					3	
2000	11	2,4	7	2					2	
2001	29	6,4	4	2					21	2
2002	13	2,9	4	1					7	1
2003	50	11,0	6	1					41	2
2004	32	7,1	6	3	2				20	1
2005	47	10,4	8	1	1	2			31	4
2006	11	2,4	5	3	1	1			1	
2007	14	3,1	5	1			1		5	2
2008	9	2,0	7		1					1
2009	19	4,2	9	5	3				2	
2010	23	5,1	3	6	8	1			5	
2011	14	3,1	1	2	10				1	
TOTAL	453	100	209	37	26	5	1	2	158	15

Fonte: www.bvs-psi.org.br

Para uma melhor visualização da distribuição da produção científica da Psicologia Escolar ao longo do tempo, na figura 7 encontra-se a distribuição da quantidade de trabalho por ano.

Figura 7 - Número de registros recuperados ao longo do tempo por base



Fonte: www.bvs-psi.org.br

6.3 Indicadores de gênero de autoria nas Bases Index Psi Revistas Técnico-científicas, Portal Nacional BVS Brasil em Saúde, Scielo, Index Psi Livros, RedALYC, Portal Revistas USP e Index Psi Divulgação Científica

Os estudos de gênero, a noção de gênero e a própria teoria que articula estes estudos e que define esta noção surgiram nos Estados Unidos, nos anos sessenta, a partir das discussões e reivindicações trazidas pelo movimento feminista e da inserção acadêmica de intelectuais feministas, que passam a trazer para o interior da Universidade e para o campo da pesquisa social, as preocupações e as questões suscitadas pela condição feminina, tal como percebida e descrita naquele momento, e pelos embates políticos e teóricos em que o feminismo se vê envolvido. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012).

Nesse contexto durante vários séculos a participação da mulher nas atividades científicas quase nunca existiu. Para Leta (2003), a mudança nesse quadro inicia-se somente após a segunda metade no século XX, quando a necessidade crescente de recursos humanos para atividades estratégicas, como a ciência, o movimento de liberação feminina e a luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres permitiram a elas o acesso, cada vez maior, à educação científica e a carreiras, tradicionalmente ocupada por homens.

Os estudos de Costa et al. (1985, apud CASTRO; YAMAMOTO, 1988) identificam três fases, dentro desse processo de implantação do campo de estudos sobre mulher/gênero: 1. De 1975 a 1978, quando se tratou de dar visibilidade às mulheres e de criticar ou de desconstruir os paradigmas teóricos vigentes; 2. De 1978 a 1985, na qual se assistiu à consolidação de sua legitimidade e a uma grande expansão, tanto na direção da conquista de novos espaços quanto na da abertura de seu leque temático; e 3. A partir de 1985, fase em que se inicia um processo de construção institucional e de elaboração de teorias sobre as relações de dominação/subordinação entre os sexos, com o uso do conceito de gênero começando a ser difundido.

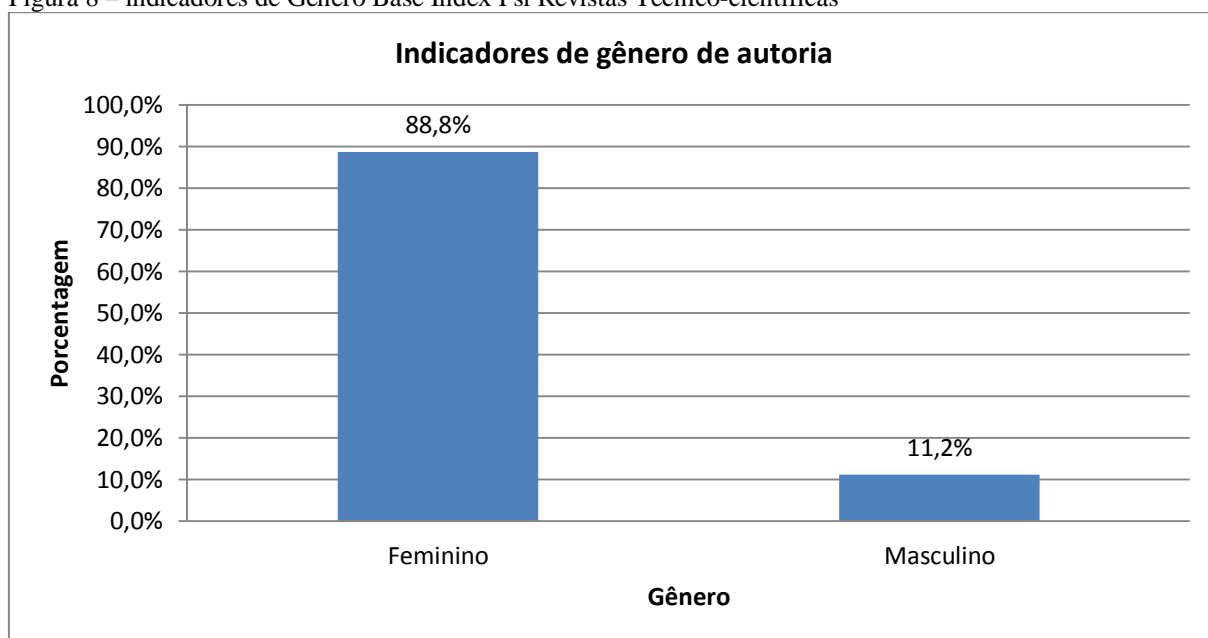
Numa pesquisa na Base Scielo para verificar a cooperação existente na produção científica nacional em relação ao gênero, Melo e Oliveira (2006, p. 318) asseveram que:

O sexo feminino ainda permanece marcado pelo estereótipo do papel dos "cuidados", escolhem as áreas vinculadas à educação, saúde e a assistência social. Os homens, seguindo no rastro do papel definido socialmente para o sexo masculino, buscam a aventura do descobrimento dos campos científicos como a engenharia, ciências exatas e da terra e as agrárias. Eles também são aprisionados no seu papel, mas numa concentração inferior a encontrada para as mulheres. Estas são em torno de 44% das pesquisadoras apenas nas áreas das ciências humanas e da saúde. Por sua vez, eles em engenharia e ciências exatas e da terra são aproximadamente 35% do total de pesquisadores.

Historicamente a área de Psicologia está inserida na categoria de profissão feminina (MELLO, 1975; FERRETI, 1976; LEWIN 1980; ROSAS; ROSAS: XAVIER, 1988; CAMPOS, 1989; CONSELHO... 1995; CASTRO; YAMAMOTO, 1988; DOMINGOS, 1999; SUEHIRO et al., 2007; NOGUEIRA, 2011) e especificamente a Psicologia Escolar também. (WITTER; YUKIMITSU, 1996; OLIVEIRA et al., 2006; BALBINO, 2008).

Em relação ao gênero, a figura 8 nos mostra que 88,8% são autores femininos e 11,2% são autores masculino. Nossos resultados confirmam o que outros trabalhos sobre Psicologia constaram, ou seja, a maioria dos autores que publicam em Psicologia Escolar é do gênero feminino.

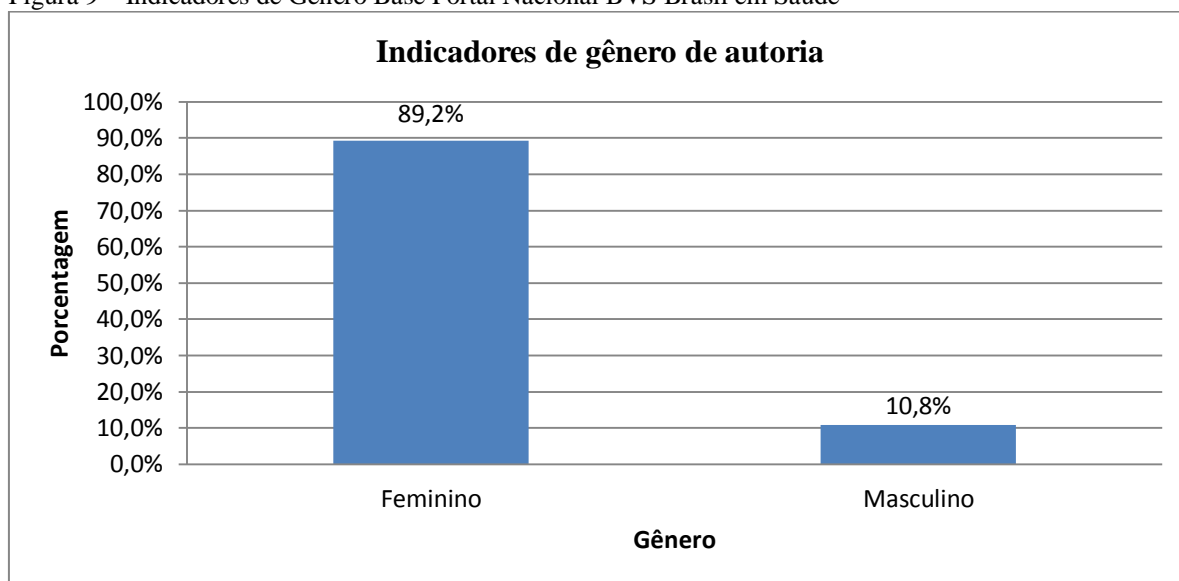
Figura 8 – indicadores de Gênero Base Index Psi Revistas Técnico-científicas



Fonte: www.bvs-psi.org.br

A figura 9 com 89,2% prevalece como maioria os autores do gênero feminino, ante 10,8% dos autores do gênero masculino.

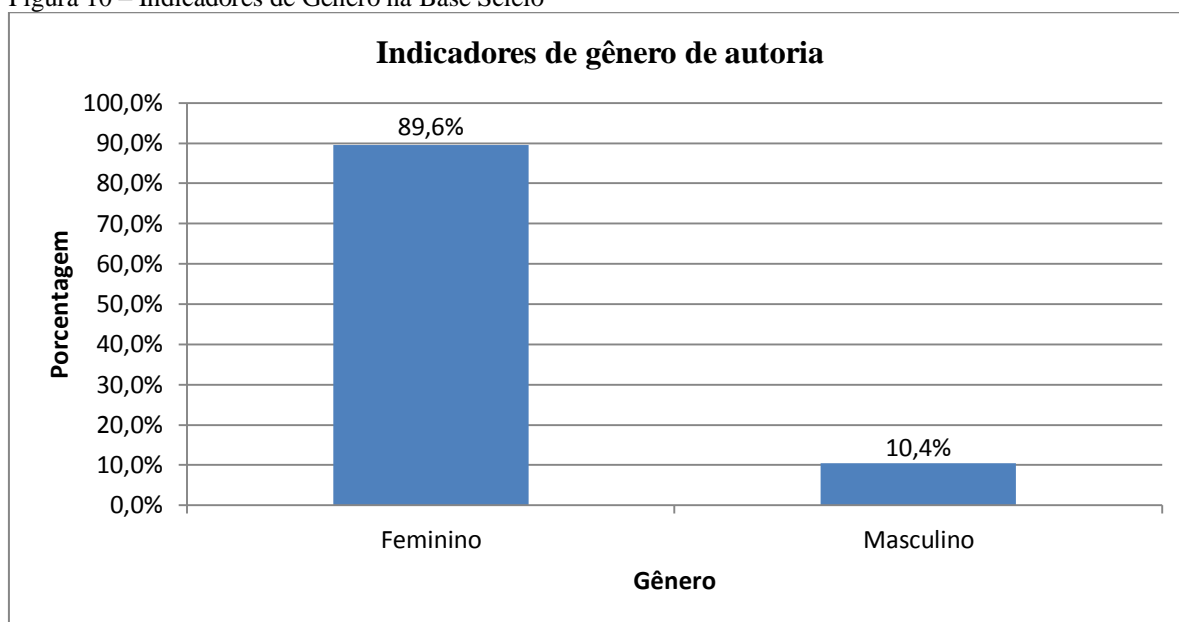
Figura 9 – Indicadores de Gênero Base Portal Nacional BVS Brasil em Saúde



Fonte: www.bvs-psi.org.br

Já a figura 10, 89,6% pertencem a categoria gênero feminino e 10,4% pertencem a categoria gênero masculino.

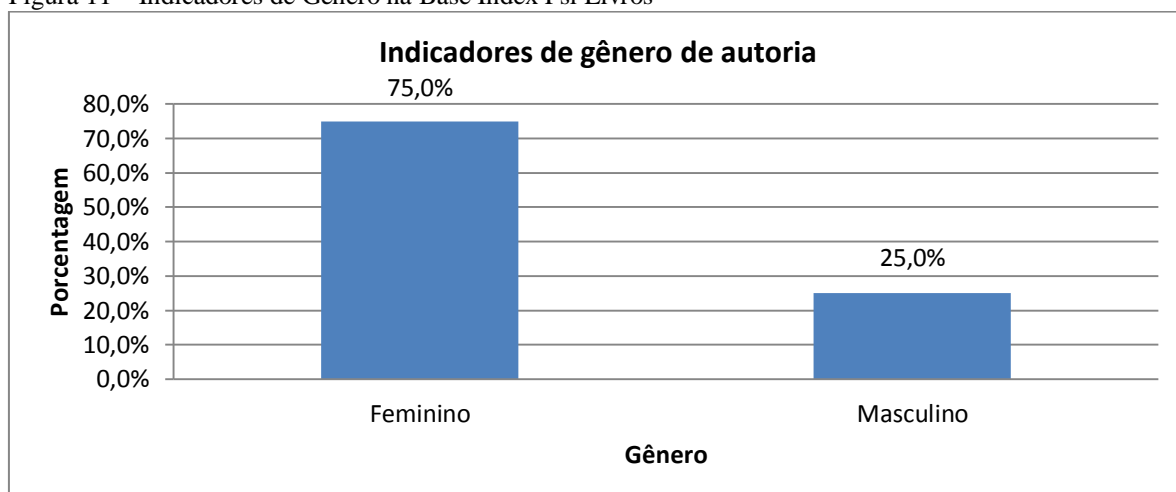
Figura 10 – Indicadores de Gênero na Base Scielo



Fonte: www.bvs-psi.org.br

A figura 11 também prevalece o gênero feminino com 75,0% das autorias e 25,0% das autorias são creditas ao gênero masculino. Nota-se que na Base Index Livros o gênero masculino aparece em maior destaque quando comparado às outras bases.

Figura 11 – Indicadores de Gênero na Base Index Psi Livros



Fonte: www.bvs-psi.org.br

Já a tabela 3, na Base RedALYC dez autores pertencem ao gênero feminino e um autor ao gênero masculino. Na base Portal Revista USP encontramos um autor do gênero feminino e na base Psi Divulgação Científica há um autor do gênero feminino e um autor do gênero masculino.

Tabela 3 – Indicadores de gênero nas Bases: RedALYC, Portal Revistas USP, Index Psi Divulgação Científica

	Base RedALYC	Portal Revista USP	Psi Divulgação Científica
Gênero	Frequência Absoluta	Frequência Absoluta	Frequência Absoluta
Feminino	10	1	1
Masculino	1	0	1

Fonte: www.bvs-psi.org.br

6.4 Indicadores de Estado nas Bases Index Psi Revistas Técnico-científicas, Portal Nacional BVS Brasil em Saúde, Scielo, RedALYC, Portal Revistas USP e Index Psi Divulgação Científica

Importante salientar nesse momento da pesquisa que consideramos a localidade das instituições a qual o primeiro autor está vinculado.

Os resultados alcançados possibilitarão um mapeamento dos Estados e regiões que mais contribuíram para a produção científica da Psicologia Escolar.

A produção científica representada pelos indicadores de Estado na tabela 4, nos mostra que os autores mais produtivos estão em São Paulo com 31,6% das produções, seguidos do Rio Grande do Sul com 17,7%; Rio de Janeiro com 11,0%; Distrito Federal com 9,1%; Paraná com 8,1%; Minas Gerais com 6,2%; Santa Catarina com 4,3%; Ceará com 3,3%; Paraíba

1,4%; Pernambuco 1,4%; Rio Grande do Norte 1,0%; Espírito Santo 1,0%; Não indicava 1,0%; Rondônia 0,5%; Goiás 0,5%, Portugal 0,5%; Uruguai 0,5%; Eslováquia 0,5% e Institucional 0,5% das produções. Nota-se que a tabela 4 apresenta a maior distribuição dos autores em Estados diversos do Brasil, diferente das tabelas 5 e 6, que apresentam poucos Estados contribuintes para a produção científica da psicologia escolar.

O Estado de São Paulo tem importante representatividade, pois concentra as maiores forças propulsoras do desenvolvimento dessa ciência e da profissão de psicólogo, aliado ao fato de que desde a década de 1940 os maiores investimentos em tecnologia concentram-se nesse Estado. São Paulo também possui a maior estrutura científica, subsidiada por 30% a 35% dos investimentos federais, impactando a produção científica no país e com grande número de programas de Pós-graduação em Psicologia. (CRUCES, 2008; ORGANIZAÇÃO..., 2010).

Verificou-se, quando somado por regiões, que 49,8% dos autores se concentram na região Sudeste, congruentes com outros estudos (YAMAMOTO; SOUZA; YAMAMOTO, 1999; OLIVEIRA et al. 2006; YAMAMOTO; AMORIM, 2010; GUZZO et al. 2010).

A região Sudeste possui uma grande representatividade na produção científica em Psicologia Escolar, pois concentra o maior número de programas de mestrado e doutorado, além de historicamente estar relacionada à ordem geopolítica e econômica. Por exemplo, os quatro Estados da região Sudeste possuem fundações de apoio à pesquisa, o que lhes garante recursos para financiar um grande número de pesquisas.

Ainda o processo histórico da pós-graduação no Brasil ocorreu maciçamente uma concentração, em todos os períodos, na região Sudeste, o que indica a baixa concentração de pesquisadores advindos de outras áreas. (CURY, 2004)

Numa pesquisa sobre as políticas de distribuição de recursos das agências de fomento em pesquisa, a CAPES e o CNPq, Bortolozzi e Gremski (2004) apontam que a região Sudeste concentrou 13.336 bolsas de estudo, enquanto a região Centro-Oeste contou com 758 e a região Norte com 351 bolsas concedidas pela CAPES. Nesse sentido e pelos achados de nossa pesquisa, concordamos com Féres-Carneiro et al. (2010) que as políticas públicas, em parte executadas pela CAPES para favorecer a descentralização e o crescimento da Pós- Graduação nas regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste, apesar dos evidentes êxitos, ainda está muito distante, inclusive na área da Psicologia, de assegurar uma distribuição menos concentrada na região Sudeste. Nesse sentido a enorme desproporção da produção científica em Psicologia Escolar é reflexo de uma clara influência do fator econômico em detrimento ao avanço e desenvolvimento dessa área do saber em diferentes regiões brasileiras.

No sentido de minimizar esses efeitos e equilibrar a produção científica nacional, Tourinho e Bastos (2010) dizem que há, em curso, nos últimos anos, um processo mais acelerado de expansão da pós-graduação nas regiões em que sua implantação se deu mais tardiamente e nas quais a atividade de pesquisa é mais incipiente. Em 1996, 63,3% dos cursos de Mestrado e 83,2% dos cursos de Doutorado do Brasil encontravam-se na região sudeste. Em 2008, estes percentuais caíram para 50,8 e 60,5% respectivamente. Em contrapartida, as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste ampliaram a sua participação de 21% para 28,8% (Mestrados) e de 7,6% para 21,3%.

Além do Sudeste observa-se que a região Sul aparece com 30,1% das produções. Num nível muito mais baixo de produções aparecem a região Centro-Oeste com 9,6%; Nordeste com 7,1%; Participação estrangeira com 1,5%; Não indicada 1,0%; Norte com 0,5% e Institucional 0,5%.

Notamos, portanto, que não existe uma distribuição equitativa da distribuição de capital entre os participantes na luta da Psicologia Escolar. Em todo campo se põem, com *forças mais ou menos desiguais* segundo a estrutura da distribuição do capital no campo (grau de homogeneidade), os dominantes, ocupando as posições mais altas na estrutura de distribuição de capital científico, e os dominados, isto é, os novatos, que possuem um capital científico tanto mais importante quanto maior a importância dos recursos científicos acumulados no campo. Os interesses (no duplo sentido da palavra) que os motivam e os meios que eles podem colocar em ação para satisfazê-los dependem estreitamente de sua posição no campo, isto é, de seu capital científico e do poder que ele lhes confere sobre o campo da produção e circulação científicas e sobre os lucros que ele produz. Os dominantes consagram-se às *estratégias de conservação*, visando assegurar a perpetuação da ordem científica estabelecida com a qual compactuam. (BOURDIEU, 2004).

Vale destacar o baixo interesse de autores estrangeiros, ou seja, apenas 1,5% dos autores estão interessados em publicar artigos nas revistas brasileiras. Isso acontece, possivelmente, pelo fato das próprias revistas não terem interesse em publicar artigos de autores internacionais.

Também, ainda, podemos desvelar que nem mesmo com a criação da BVS-Brasil, a temática Psicologia Escolar conseguiu disseminar seus conhecimentos e ampliar a visibilidade de sua produção científica a ponto de despertar interesse na comunidade científica internacional para publicação artigos nos periódicos brasileiros.

Tabela 4 - Indicadores de Estado na Base Index Psi Revistas Técnico-científicas

Estado	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
São Paulo	66	31,6%
Rio Grande do Sul	37	17,7%
Rio de Janeiro	23	11,0%
Distrito Federal	19	9,1%
Paraná	17	8,1%
Minas Gerais	13	6,2%
Santa Catarina	9	4,3%
Ceará	7	3,3%
Paraíba	3	1,4%
Pernambuco	3	1,4%
Rio Grande do Norte	2	1,0%
Espírito Santo	2	1,0%
Não indicava	2	1,0%
Rondônia	1	0,5%
Goiás	1	0,5%
Portugal	1	0,5%
Uruguai	1	0,5%
Eslovaquia	1	0,5%
Institucional	1	0,5%
TOTAL	209	100%

Fonte: www.bvs-psi.org.br

A tabela 5 apresenta São Paulo como o Estado mais produtivo com 48,4%, seguido, bem abaixo de Minas Gerais com 16,1%. Distrito Federal e Espanha, correspondem a 6,5% cada pelas produções. Muito abaixo, quando comparado ao Estado de São Paulo, a presença de autores vinculados a instituições de Amazonas, Ceará, Bahia, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio Grande do Sul e Rondônia com apenas 3,2% em cada Estado.

De acordo com a região, a maioria dos autores, ou seja, 64,9% pertencem à região Sudeste, seguidos, bem abaixo, do Distrito Federal com 6,5%. Na sequência aparece à região Sul com 6,4%, a região Norte também com 6,4%, a região Nordeste com 6,4% e a Região Centro-Oeste com 3,2% dos autores.

Tabela 5 - Indicadores de Estado na Base Portal Nacional BVS Brasil em Saúde

Estado	Frequência Absoluta	Frequência relativa
São Paulo	15	48,4%
Minas Gerais	5	16,1%
Distrito Federal	2	6,5%
Espanha	2	6,5%

Amazonas	1	3,2%
Ceará	1	3,2%
Bahia	1	3,2%
Mato Grosso do Sul	1	3,2%
Paraná	1	3,2%
Rio Grande do Sul	1	3,2%
Rondônia	1	3,2%
TOTAL	31	100%

Fonte: www.bvs-psi.org.br

A tabela 6 nos mostra, novamente, o Estado de São Paulo com 34,6%, porém em menor porcentagem, quando comparado com as tabelas 4 e 5, seguido do Distrito Federal com 19,2% e de Rondônia com 15,4%.

Ainda de acordo com a tabela 6 os autores são provenientes de Minas Gerais com 11,5%, e muito abaixo Bahia, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina e Cuba cada um com 3,8% de produtividade.

Quanto às regiões, o Sudeste apresenta 49,9% de participação, Distrito Federal com 19,2%, região Norte com 15,4%, bem abaixo aparece à região Sul com 7,6% e Nordeste com 3,8%.

Tabela 6 - Indicadores de Estado na Base Scielo

Estado	Frequência	
	Absoluta	Frequência relativa
São Paulo	9	34,6%
Distrito Federal	5	19,2%
Rondônia	4	15,4%
Minas Gerais	3	11,5%
Bahia	1	3,8%
Espírito Santo	1	3,8%
Paraná	1	3,8%
Santa Catarina	1	3,8%
Cuba	1	3,8%
TOTAL	26	100%

Fonte: www.bvs-psi.org.br

Na tabela 7, verificou-se na Base ReaALYC que três de seus autores pertencem ao Distrito Federal, um autor pertence a São Paulo e um autor pertence ao Estado do Maranhão. Na Base Portal Revista USP recuperou um único autor do Estado da Bahia. Já na Base Psi Divulgação Científica não conseguimos identificar o Estado de origem dos autores.

Tabela 7 - Indicadores de Estado nas Bases: RedALYC, Portal Revistas USP e Index Psi Divulgação Científica

	Base Redalyc	Portal Revista USP	Psi Divulgação Científica
Estado	Frequência Absoluta	Frequência Absoluta	Frequência Absoluta
São Paulo	1		
Distrito Federal	3		
Bahia		1	
Maranhão	1		
Não localizado			2

Fonte: www.bvs-psi.org.br

6.5 Indicadores de tipo de publicação nas Bases Index Psi Revistas Técnico-científicas, Portal Nacional BVS Brasil em Saúde, Scielo, RedALYC, Portal Revistas USP e Index Psi Divulgação Científica

Para categorizarmos qual o tipo de publicação da produção científica da Psicologia Escolar, entramos o *link* do campo ‘meio eletrônico’ que acompanha cada registro recuperado para definirmos sua tipologia. Quando o registro não apresentava a opção do campo ‘meio eletrônico’ recorremos nossa busca diretamente na fonte, consultando o acervo da biblioteca da Universidade Federal de Rondônia e à Biblioteca do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtermos o tipo de publicação.

Ressaltamos que a grande maioria das vezes o *link* indicado no campo ‘meio eletrônico’ encontrava-se errado ou desatualizado, o que nos forçou a buscar a informação desejada diretamente na própria fonte original do periódico/livro/teses.

Em relação à tipologia dos registros na Base Index Psi Revistas Técnico-Científicas, a produção científica da Psicologia Escolar que está representada na tabela 8, é composta por diversos tipos de documentos, assim distribuídos: a publicação mais frequente, com 75,6% são os *artigos*; muito abaixo aparece o *relato de experiência* com 6,2%; *entrevista* com 4,8%, *conferência* com 1,9%; *relato de pesquisa*, *história*, *resenha acadêmica* e *comunicação* ambas com 1,4%; *doisê*, *painel*, *debate* e *palestra* cada uma com participação de 1,0% e *prêmio do estudante*, *artigos originais*, *memória* e *homenagem* cada uma com 0,5%. Para situar melhor o leitor, no APÊNDICE A, encontra-se a definição dos tipos de documentos que recuperamos.

Importante ressaltar que essa base é composta por referências e artigos de periódicos, por isso não recuperamos outros tipos de documentos, como teses e livros, por exemplo.

Nossos resultados apontam que o tipo de publicação predominantemente da comunidade científica em Psicologia Escolar é o *artigo*, muito próximos dos estudos de Lima et al. (1998).

Isso ocorre, pois os comitês editoriais preferem esse tipo de publicação pelo fato destas contribuições originais elevarem a qualidade do periódico e seu estrato QUALIS, o que ‘força’ o pesquisador a adotar esse modelo de documento como o meio preferencial para divulgar suas pesquisas. Ainda, como já vimos anteriormente, o artigo científico é um dos canais mais antigos que existem já totalmente incorporados e aceitos pela comunidade científica, o que reflete na grande procura por esse tipo publicação.

Também a avaliação da área de Psicologia, há vários triênios, vem considerando que os itens de produção mais relevantes para a avaliação são: Artigos (ponderação a partir do Qualis); Capítulos (ponderação a partir do Qualis); Livros (ponderação a partir do Qualis); Teses e dissertações; Trabalhos completos em anais de eventos (peso muito pequeno) (HUTZ et al., 2010), o reforça a opção pelo *artigo* como meio de produção mais relevantes na Psicologia Escolar.

Encontramos ainda de acordo com a tabela 8, porém em pequena escala alguns trabalhos relativos a eventos, como *conferência* (1,9%); *Painel* (1,0%); *debate* (1,0%); *palestra* (1,0%), resultados da participação dos pesquisadores em Congressos, Encontros, Seminários. Esse tipo de publicação oriundo dos colégios invisíveis acaba abrindo novos horizontes para futuras publicações.

Tabela 8 – Indicadores de Tipo de Publicação na Base Index Psi revistas Técnico-científicas

Tipo de publicação	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Artigos	158	75,6%
Relato de experiência	13	6,2%
Entrevista	10	4,8%
Conferência	4	1,9%
Relato de pesquisa	3	1,4%
História	3	1,4%
Resenha acadêmica	3	1,4%
Comunicação	3	1,4%
Dossiê	2	1,0%
Painel	2	1,0%
Debate	2	1,0%
Palestra	2	1,0%
Prêmio do estudante	1	0,5%

Artigos originais	1	0,5%
Memória	1	0,5%
Homenagem	1	0,5%
TOTAL	209	100%

Fonte: www.bvs-psi.org.br

Na tabela 9 encontramos o *artigo* com 56,8% como o tipo de publicação predominante; *resenha* com 10,8%; *livro* e *tese* cada um com 8,1%; *relato de práticas profissionais* com 5,4% e *artigos de revisão*, *dossiê*, *experiências* e não definido cada um com 2,7%. Como podemos verificar novamente o *artigo* e o tipo de publicação mais utilizado pela comunidade científica da Psicologia Escolar.

Tabela 9 – Indicadores de Tipo de Publicação na Base: Portal Nacional BVS Brasil em Saúde

Tipo de publicação	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Artigos	21	56,8%
Resenha	4	10,8%
Livro	3	8,1%
Tese	3	8,1%
Relato de práticas profissionais	2	5,4%
Artigos de revisão	1	2,7%
Dossiê	1	2,7%
Experiências	1	2,7%
Não definido	1	2,7%
TOTAL	37	100%

Fonte: www.bvs-psi.org.br

A tabela 10, relativa aos resultados encontrados na Base Scielo, encontramos o *artigo* com 84,6% o tipo de publicação predominante; *artigo original* com 7,7%; *relato de experiência* e *artigos de revisão* cada um com 3,8%.

Tabela 10 – Indicadores de Tipo de Publicação na Base Scielo

Tipo de publicação	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Artigos	22	84,6%
Artigo original	2	7,7%
Relato de experiência	1	3,8%
Artigos de revisão	1	3,8%
TOTAL	26	100%

Fonte: www.bvs-psi.org.br

Na tabela 11 temos: na Base RedALYC o tipo de publicação *artigo* aparece em cinco registros; na Base Portal USP, a *pesquisa original* aparece com um registro e na Base Divulgação científica não conseguimos identificar os tipos de publicação.

Tabela 11 – Indicadores de Tipo de Publicação nas Bases: RedALYC, Portal Revistas USP e Index Psi Divulgação Científica

Tipo de publicação	Base RedALYC	Portal Revista USP	Psi Divulgação Científica
	Frequência Absoluta	Frequência Absoluta	Frequência Absoluta
Artigos	5		
Pesquisa Original		1	
Não localizado			2

Fonte: www.bvs-psi.org.br

6.6 Indicadores de produtividade dos periódicos nas Bases Index Psi Revistas Técnico-Científicas, Portal Nacional BVS Brasil em Saúde, Scielo, RedALYC, Portal Revistas USP e Index Psi Divulgação Científica

Os periódicos científicos desde quando começaram a ser publicados e até os dias atuais, são considerados como um dos meios mais importantes utilizados pelos cientistas como registros e divulgação dos resultados de suas descobertas científicas.

Como já vimos anteriormente aos periódicos são atribuídas quatro funções: a) estabelecimento da ciência certificada, ou seja, do conhecimento que recebeu o aval da comunidade científica; b) canal de comunicação entre os cientistas; c) divulgação mais ampla da ciência, arquivo ou memória científica; d) registro da autoria da descoberta científica. (MULLER, 1999).

Assim, de acordo com a tabela 12, o periódico com o maior número de trabalhos indexados com a temática Psicologia Escolar foi o periódico *Psico* com 16,3% de artigos.

O periódico *Psico* é uma publicação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com periodicidade trimestral, fundada no ano de 1971 e destinada a profissionais da Psicologia e áreas afins. Visa divulgar trabalhos nas modalidades relatos de pesquisa, revisões sistemáticas de literatura e resenhas de livros em língua portuguesa, inglesa e espanhol que privilegiem a temática da Psicologia. Seu Qualis pela CAPES é classificado com estrato A2 (na área de avaliação Psicologia), o que corresponde a segunda maior nota.

Procurando respostas do por que esse periódico, que não tem como missão principal publicar trabalhos especificamente em Psicologia Escolar é o que mais publica artigos indexados com essa temática, detectamos que no ano de 1983 (podemos verificar um grande pico na figura 7), a revista *Psico* publicou uma edição exclusivamente com os trabalhos apresentados no I Encontro de Psicólogos Escolares do Rio Grande do Sul (EPERGS). Os trabalhos apresentados na forma de *palestras, debates e painéis* foram posteriormente publicados nessa mesma edição. O EPERGS, promovido pelo Departamento de Psicologia Escolar da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, teve como objetivo debater os rumos da Psicologia Escolar no Estado do Rio Grande do Sul, mais uma vez os colégios invisíveis destacados na comunidade da Psicologia Escolar. Também no ano de 1988 (há um novo pico na figura 7), novamente, a revista *Psico* publica uma edição somente com trabalhos apresentados no V EPERGS.

Além de publicar artigos com a temática Psicologia Escolar nos anos de 1983 e 1988, a revista *Psico* publicou um artigo no ano de 1980; quatro artigos no ano de 1984; um artigo no ano de 1986; um artigo no ano de 1987 e um artigo no ano de 1991, o que mostra uma frequência irregular de publicações na temática de Psicologia Escolar e desinteresse por esta área a partir da década de 1990.

Ainda na tabela 12 encontramos o periódico *Psicologia Escolar e Educacional* com 14,8% de artigos indexados com a temática de psicologia escolar. O periódico *Psicologia Escolar e Educacional*, desde 1996 é um dos principais veículo de divulgação e pesquisas no campo da Psicologia Escolar e Educacional. Vinculado a ABRAPEE, seu interesse é publicar trabalhos incluindo processos básicos, experimentais, aplicados, naturalísticos, etnográficos, históricos, artigos teóricos, análises de políticas e sínteses sistemáticas de pesquisas, entre outros com essa temática. Também tem interesse em publicar revisões críticas de livros, instrumentos diagnósticos e *softwares*. O Qualis do *Periódico Psicologia Escolar e Educacional* é classificado em B1 (na área de avaliação psicologia), correspondendo a terceira melhor nota.

A revista *Arquivo Brasileiro de Psicologia* aparece com 13,9% dos artigos indexados e estrato A2; *Estudos de Psicologia (Campinas)* com 13,9% e estrato A2; *Psicologia: ciência e profissão* com 5,7% e estrato A2; *Psicologia em Estudo* com 5,3% e estrato A2; *Psicologia Argumento* com 4,8% e estrato B2; *Revista de Psicologia* com 2,9% e estrato B4; *Psicologia da Educação* com 2,4% e estrato B2; *Estilos da clínica* com 1,9% e estrato B2; *Psicologia: reflexão e crítica* com 1,9% e estrato A1; *Revista do Departamento de psicologia da UFF* com 1,9% e estrato C; Periódicos com 3 publicações com 2,4%; Periódicos com duas

publicações 2,4% e Periódicos com duas publicações com 9,1% completam os periódicos que mais artigos indexam com a temática Psicologia Escolar de acordo com a tabela 12. No APÊNDICE B, disponibilizamos a lista completa de todos os periódicos indexados.

Quando somados todos os periódicos que publicaram artigos com a temática Psicologia Escolar, atingiremos o número de 41 (tabela 12). Se considerarmos que a Base Index Psi Revistas Técnico-científicas possui 190 títulos diferentes indexados, logo percebemos que em apenas 21,5% dos periódicos que compõem essa Base publicam artigos com a temática Psicologia Escolar. Buscando possíveis respostas para esse fato, Hutz et al. (2010) estudando quais temas são mais aceitos pelos periódicos brasileiros em Psicologia, detectaram que maior parte dos periódicos, em sua linha editorial, explicita ter característica generalista, aceitando contribuições de todos os campos da Psicologia e de todas as vertentes teóricas que a compõem.

Isso nos mostra, então, que existe o interesse por parte dos periódicos em publicar artigos com a temática da Psicologia Escolar, porém a comunidade científica dessa área já tem seus próprios nichos de escolha de periódico para publicar os resultados de suas pesquisas.

Nota-se ainda que na tabela 12, dos onze títulos de periódicos indicados, apenas um recebeu o estrato A1 (*Psicologia: reflexão e crítica*) pela CAPES e que é uma publicação do Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e que preferencialmente publica trabalhos originais nas subáreas de *Psicologia do Desenvolvimento, Avaliação Psicológica e Processos Básicos*. Nesse sentido existe a possibilidade de uma grande descoberta na área de Psicologia Escolar ser publicada num periódico com estratos inferiores, diminuindo, dessa forma, a visibilidade da pesquisa, bem como a magnitude de sua descoberta.

Tabela 12 – Indicadores de produtividade de periódicos na Base : Index Psi Revistas Técnico-científicas

Título do periódico	Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Estrato Qualis
Psico	34	16,3%	A2
Psicologia Escolar e Educacional	31	14,8%	B1
Arquivo Brasileiro de Psicologia	29	13,9%	A2
Estudos de Psicologia (Campinas)	15	7,2%	A2
Psicologia: ciência e profissão	12	5,7%	A2
Psicologia em estudo	11	5,3%	A2
Psicologia argumento	10	4,8%	B2
Revista de psicologia	6	2,9%	B4
Psicologia da educação	5	2,4%	B2
Estilos da clínica	4	1,9%	B2
Psicologia: reflexão e crítica	4	1,9%	A1

Revista do Departamento de psicologia da UFF	4	1,9%	C
Periódicos com três publicações	5	2,4%	
Periódicos com duas publicações	5	2,4%	
Periódicos com uma publicação	19	9,1%	
TOTAL	209	100%	

Fonte: www.bvs-psi.org.br

A tabela 13, o periódico *Psicologia Escolar e Educacional* aparece com 16,2% e estrato B1; *Psicologia: teoria e prática* com 13,5% e estrato A1; *Psicologia: ciência e profissão* com 8,1% e estrato A2; *Psicologia em Revista (Belo Horizonte)* com 5,4%; Periódicos com uma publicação 37,8% completam a lista dos periódicos que indexam artigos com a temática da Psicologia Escolar. No APÊNCIDE C, apresentamos a lista completa.

Já na Base Portal Nacional BVS Brasil em Saúde (tabela 13), há uma porcentagem maior de periódicos interessados em publicar com a temática Psicologia Escolar, essa maior dispersão de periódicos que indexam o tema, pode levar aos interessados na área dificuldade na localização de um determinado artigo. Nesse sentido amplia-se a necessidade da importância da BVS-PSI ULAPSI Brasil em reunir em um só local grande parte do saber da psicologia.

Tabela 13 – Indicadores de produtividade de periódicos na Base: Portal Nacional BVS Brasil em Saúde

Título do periódico	Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Estrato Qualis
Psicologia escolar e educacional	6	16,2%	B1
Psicologia: teoria e prática	5	13,5%	A1
Psicologia: ciência e profissão	3	8,1%	A2
Psicologia em revista (Belo Horizonte)	2	5,4%	B2
Periódicos com uma publicação	14	37,8%	
Outros	6	16,2%	
Institucional	1	2,7%	
TOTAL	37	100%	

Fonte: www.bvs-psi.org.br

Na tabela 14, o periódico que mais indexa artigos na temática de Psicologia Escolar é o *Psicologia Escolar e Educacional* com 73,1% e estrato B1; *Psicologia em Estudo* com 7,7% e estrato A2; *Psicologia USP* com 7,7% e estrato B1; *Educação e Pesquisa* com 3,8% e estrato B1; *Psicologia: ciência e profissão* com 3,8% e estrato A2 e *Psicologia: teoria e pesquisa* com 3,8% e estrato A1. Por característica da Base Scielo, podemos observar que não

encontramos nenhum periódico com estrato inferior a B1, o que mostra o alto nível dos artigos indexados nessa Base.

Tabela 14 – Indicadores de produtividade de periódicos na Base Scielo

Título do periódico	Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Estrato Qualis
Psicologia Escolar e Educacional	19	73,1%	B1
Psicologia em estudo	2	7,7%	A2
Psicologia USP	2	7,7%	B1
Educação e pesquisa	1	3,8%	B1
Psicologia: ciência e profissão	1	3,8%	A2
Psicologia: teoria e pesquisa	1	3,8%	A1
TOTAL	26	100%	

Fonte: www.bvs-psi.org.br

Na tabela 15, encontramos os seguintes resultados: na Base RedALYC três artigos indexados foram publicados pela revista *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*; um artigo na *Psicologia: reflexão e crítica* e um artigo indexado na *Revista Brasileira de Orientação Profissional*. Na Base Portal Revista USP encontramos um artigo indexado na *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano* e na Base Psi Divulgação Científica encontramos dois artigos indexados na revista *Insight Psicoterapia*.

Tabela 15 - Indicadores de produtividade de periódicos nas Bases: RedALYC, Portal Revistas USP, Index Psi Divulgação Científica

	Base Redalyc	Portal Revista USP	Psi Divulgação Científica	Estrato Qualis
Título do periódico	Frequência Absoluta	Frequência Absoluta	Frequência Absoluta	
Boletim da Academia Paulista de Psicologia	3	0	0	B2
Insight psicoterapia	0	0	2	Sem estrato
Psicologia: reflexão e crítica	1	0	0	A1
Revista Brasileira de Crescimento e desenvolvimento humano	0	1	0	B1
Revista Brasileira de orientação profissional	1	0	0	B1

Fonte: www.bvs-psi.org.br

6.7 Indicadores de colaboração científica nas Bases Index Psi Revistas Técnico-Científicas, Portal Nacional BVS Brasil em Saúde, Scielo, RedALYC, Portal Revistas USP, Index Psi Divulgação Científica e Index Psi Livros

Um dos primeiros autores a estudar a colaboração científica nas autorias foi Price ao testar empiricamente as observações feitas por Smith e encontrar evidências do aumento de autoria múltipla na ciência. Para Price (1976b) a colaboração científica acontece no âmbito dos colégios invisíveis – as comunidades informais de pesquisadores que se comunicam, trocam informações e experiências e também publicam formalmente seus resultados de pesquisa. Estes pesquisadores se encontram em Congressos, Seminários, Conferências sobre seu ramo do saber e visitam-se por meio de intercâmbios institucionais.

Visando identificar se existe um intercâmbio de colaboração científica na Psicologia Escolar a partir dos registros, encontramos na figura 12 os seguintes indicadores de colaboração científica nas autorias: os dados revelam que maioria, ou seja, 62,2% artigos foram escritos por *um* autor; 20,1% são escritos por *dois* autores; 6,2% são escritos por *três* autores; 3,8% são escritos por *quatro* e *cinco* autores; 1,4% são escritos por *seis* autores; 1,0% são escritos por *sete* autores e 0,5% dos artigos selecionados são escritos por *oito* autores; 0,5% são de autoria *anônima* e 0,5% são de autoria *institucional*.

Antes de fazermos uma análise dos resultados relativos aos indicadores de colaboração científica, ressaltamos que a Base Index Psi Revistas Técnico-científicas indexa somente artigos de periódicos. Portanto não existe, nessa Base, a presença de teses, dissertações e livros (esse tipo de publicação será discutida em outras seções), que são, por natureza, escritas por um autor (teses e dissertações).

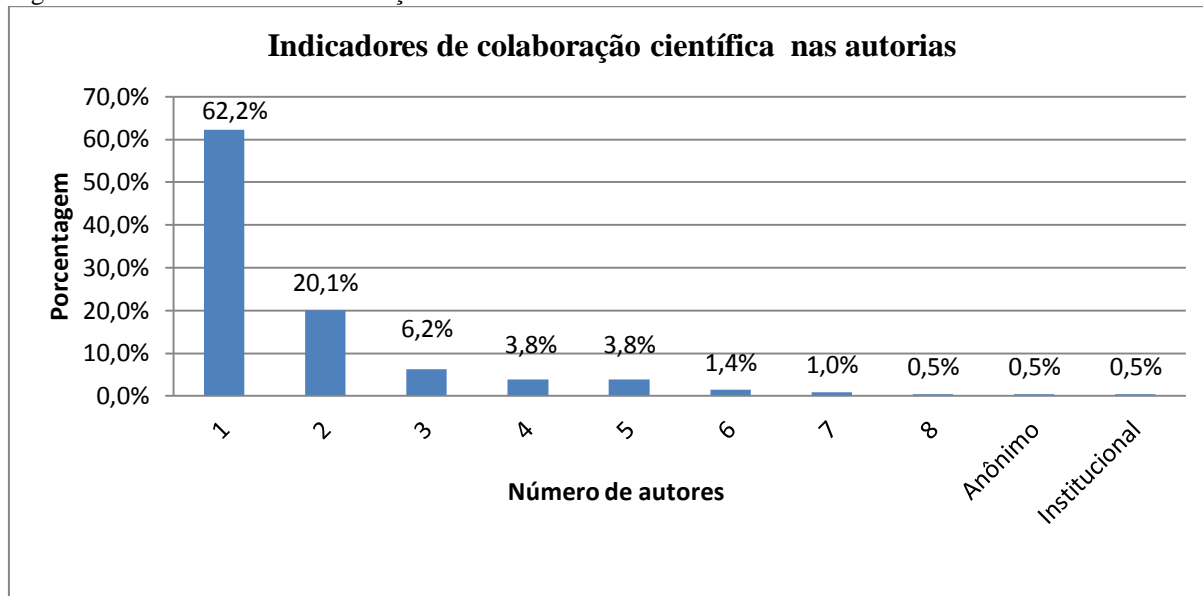
Porém encontramos alguns trabalhos, em pequena quantidade, que também por sua natureza (debates, palestras etc), são escritos de forma individual (tabela 8) o que pode explicar, em parte, os resultados encontrados nessa Base.

Nossos dados revelam que a maioria dos autores, 62,2%, da Psicologia Escolar preferem escrever seus artigos individualmente, apesar da tendência atual da ciência em que a maioria dos autores optam em escrever seus trabalhos em colaboração, os autores da Psicologia Escolar seguem a “tradição antiga da psicologia brasileira de publicar seus trabalhos com um só autor” (KERBAUY, 2005, p. 5).

Também de acordo com Velho (1997b) a autoria individual nas Ciências Humanas e Sociais, ocorre em menor escala, pois é preciso um grande esforço para atingir concordância

de conteúdo e estilos, tornando o processo muito conflitante. A colaboração, assim, deixa de ser vantajosa para os cientistas, pois todos partilham do mesmo paradigma.

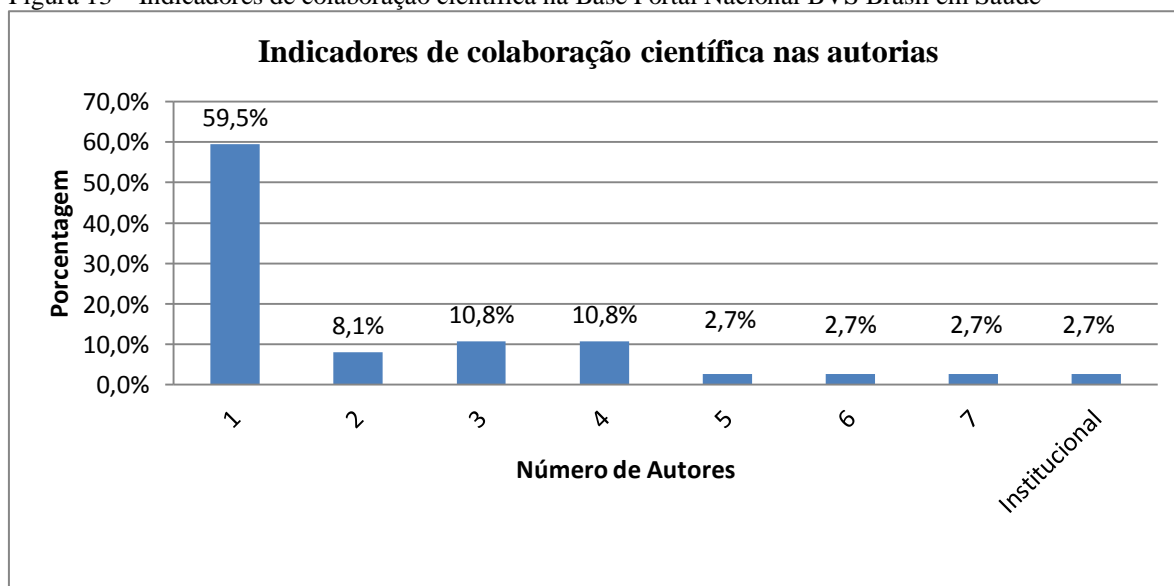
Figura 12 – Indicadores de colaboração científica na Base Index Psi Revistas Técnico-científicas



Fonte: www.bvs-psi.org.br

A figura 13, nos aponta que 59,5% dos autores preferem escrever artigos de forma *individual*; 8,1% dos artigos são escritos por *dois* autores; 10,8% são escritos por *três* e *quatro* autores; 2,7% são escritos por *cinco*, *seis* e *sete* autores e 2,7% são escritos de forma *institucional*. A Base Portal Nacional BVS Brasil indexa além de artigos de periódicos outros materiais (tabela 9), o que explica a preferência pela autoria individual.

Figura 13 – Indicadores de colaboração científica na Base Portal Nacional BVS Brasil em Saúde

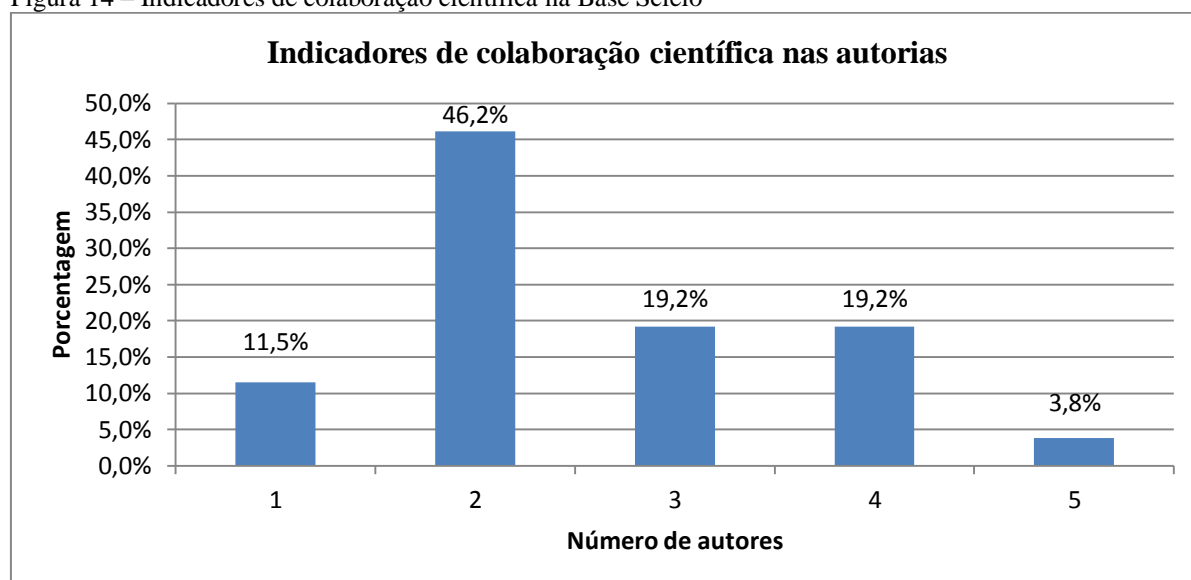


Fonte: www.bvs-psi.org.br

Na figura 14, 11,5% dos autores optam em escrever seus artigos de forma *individual*; a maioria, 46,2% escrevem artigos com *dois* autores; 19,2% escrevem artigos com *três* e *quatro* autores e 3,8% escrevem seus artigos com *cinco* autores. Especificamente nessa Base, os resultados estão próximos dos trabalhos de Santos et al. (2003) e Guzzo et al. (2010) que detectaram que a maioria dos trabalhos escritos na Psicologia Escolar são escritos em autoria múltipla.

O primeiro registro que recuperamos na Base Scielo, data do ano de 2004 e o mais recente data de 2011 (tabela 1), ou seja, trabalhos recentes, a tendência dos pesquisadores em Psicologia Escolar é a publicação em colaboração (figura 14).

Figura 14 – Indicadores de colaboração científica na Base Scielo



Fonte: www.bvs-psi.org.br

De acordo com a tabela 16, na Base RedALYC dois artigos foram escritos *individualmente*, dois artigos escritos por *dois* autores e um artigo escrito por *três* autores; na Base Portal Revista USP um artigo foi escrito de forma *individual* e na Base Psi Divulgação Científica dois trabalhos foram escritos também *individualmente*.

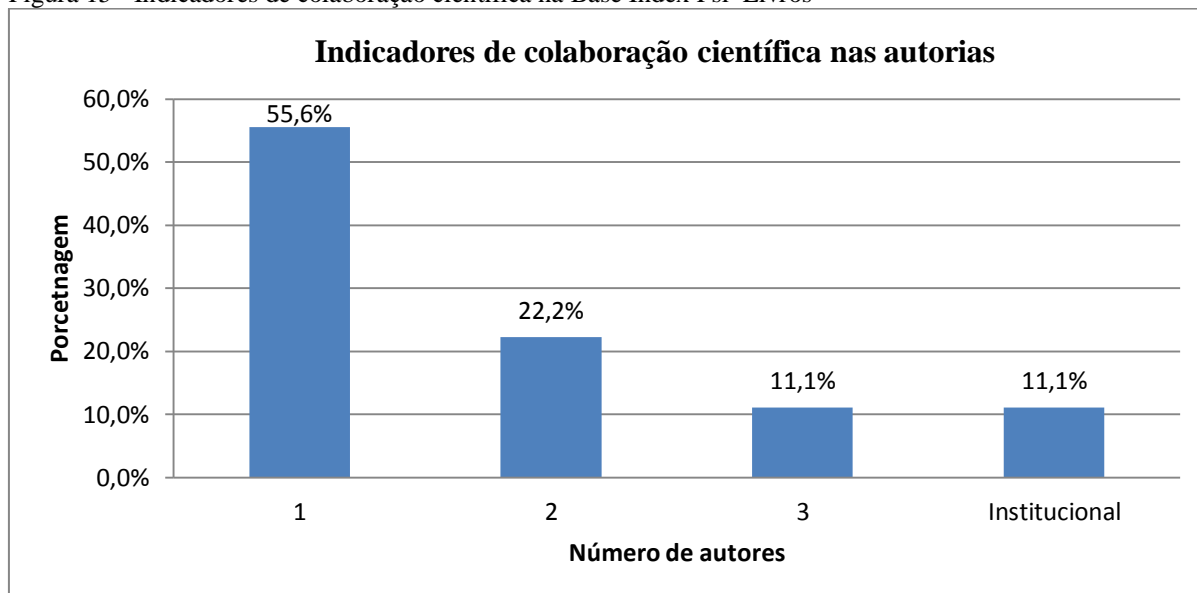
Tabela 16 – Indicadores de colaboração científica nas Bases: redALYC, Portal Revistas USP, Index Psi Divulgação Científica

Número de autores	Base Redalyc	Portal Revista USP	Psi Divulgação Científica
	Frequência Absoluta	Frequência Absoluta	Frequência Absoluta
1	2	1	2
2	2	0	0
5	1	0	0

Fonte: www.bvs-psi.org.br

Já na figura 15, a maioria dos livros foi escritos de forma *individual*; 22,2% foram escritos por *dois* autores; 11,1% foram escritos por *três* autores e 11,1% são escritos de forma *institucional*.

Figura 15 - Indicadores de colaboração científica na Base Index Psi Livros



Fonte: www.bvs-psi.org.br

6.8 Indicadores de produtividade de autores nas Bases Index Psi Revistas Técnico-Científicas, Portal Nacional BVS Brasil em Saúde, Scielo, Index Psi Livros, RedALYC, Portal Revistas USP e Index Psi Divulgação Científica

Como vimos anteriormente, atualmente as comunidades científicas brasileiras vem sofrendo uma enorme pressão para publicar os resultados de suas pesquisas. A Psicologia não ficou imune a essa pressão e com um agravante: a novidade hoje é que o chamado produtivismo aumentou consideravelmente o número de autores na área, sem que o número

de periódicos o acompanhasse, principalmente com interesse em publicar artigos especificamente com a temática da Psicologia Escolar. (GUEDES, 2011).

De acordo com Freitas (1998) e Pizzani (2008) é a antiga pressão institucional de *publicar ou perecer*, isso é fruto do sistema científico anglo-saxão. Também nos últimos anos os órgãos de fomentos de pesquisas estão forçando o pesquisador a publicar cada vez mais trabalhos científicos para alcançar um posicionamento profissional favorável. Assim esses pesquisadores buscam desenvolver o maior número de projetos e atividades que resultem em produtos quantificáveis representados pelos indicadores de resultados que vão fornecer elementos para registro, contabilização e avaliação do conjunto da produção entre os cientistas, pois existem cotas que devem ser cumpridas, especialmente para quem está vinculado a programas de pós-graduação.

Na tabela 17, apresentamos os resultados obtidos com relação à produtividade e a identificação dos autores na base de dados Index Psi Revistas Técnico-científicas.

No total foram recuperados 209 registros que geraram um total de 367 trabalhos (tabela 17). Os mais produtivos foram: Geraldina Porto Witter com 3,0%; Maria Helena Novaes Mira com 1,9%; Marilene Proença Rebello de Souza, Marilda Gonçalves Dias Facci, Solange Muglia Wechsler com 1,6%; Claisy Maria Marinho-Araújo, Maria Lucia Boarini, Mariita Bertassoni da Silva, Viviana do Carmo Rios Balbino e Raquel Souza Lobo Guzzo com 1,4%. Ainda encontramos 1,4% de autores três aparições, isto é, que apareceram três vezes, 9,0% de autores com duas aparições e 62,1% de autores que apareceram uma vez. No APÊNDICE D, apresentamos a relação completa.

A tabela 17 também nos mostra que a maioria dos autores contribuíram de forma diferencial quanto ao número de publicações, ou seja, enquanto 72,5% contribuíram com apenas uma, duas ou três publicações, 27,5% contribuíram com quatro ou mais trabalhos na área de Psicologia Escolar.

Verificando o *curriculum lattes* dos pesquisadores com seis ou mais trabalhos, detectamos que todos foram ou são professores universitários vinculados ainda a programas de pós graduação. Assim, considerando que a comunicação da produção científica é ligada ao desenvolvimento de pesquisas como um dos pilares de sustentação do princípio de indissociabilidade sobre o qual as universidades se sustentam (PUCCI, 1991) ficou evidenciado nos achados de nosso trabalho que a produção científica da Psicologia Escolar é gerada, em sua maioria por docente de importantes Universidades brasileiras, com destaque para as que apresentam ainda programas de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado.

Ressaltamos que não encontramos participação estrangeira entre os autores mais produtivos nas bases de dados pesquisadas, o que evidencia que essa Psicologia Escolar se caracteriza como uma ciência endógena (FORATTINI, 1996), isto é, está mais preocupada em encontrar soluções para os problemas locais, o que desperta pouco interesse nos pesquisadores internacionais.

Também o diálogo dos autores da comunidade científica nacional em Psicologia Escolar com a comunidade científica estrangeira, poderia, em certa medida, fazer avançar o intercâmbio de ideias e novos conhecimentos, ampliando, dessa forma, ainda mais a qualidade de produções científicas da área.

Notamos ainda pela tabela 17, que entre os autores mais produtivos não há presença de nenhum autor do gênero masculino, o que reforça que área da Psicologia Escolar configura-se como uma área predominantemente feminina.

Tabela 17 – Indicadores de autores na Base: Index Psi Revistas Técnico-científicas

AUTORES	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Geraldina Porto Witter	11	3,0%
Maria Helena Novaes Mira	7	1,9%
Marilene Proença Rebello de Souza	6	1,6%
Marilda Gonçalves Dias Facci	6	1,6%
Solange Muglia Wechsler	6	1,6%
Claisy Maria Marinho-Araújo	4	1,1%
Maria Lúcia Boarini	4	1,1%
Mariita Bertassoni da Silva	4	1,1%
Viviana do Carmo Rios Balbino	4	1,1%
Raquel Souza Lobo Guzzo	4	1,1%
Autores com três aparições	5	1,4%
Autores com duas aparições	33	9,0%
Autores com uma aparição	228	62,1%
Anônimo	2	0,5%
TOTAL	367	100%

Fonte: www.bvs-psi.org.br

Na tabela 18, a autora Evelyn Boruchovitch é a mais produtiva com 4,0%, seguida de Acácia Aparecida Angeli dos Santos, Maria Cristina Rodrigues Azevedo Joly, Maria Helena Souza Patto cada uma com 2,7%; autores com uma aparição somam 86,7% e institucional 1,3%. No APÊNDICE E, apresentamos a relação completa.

Tabela 18 – Indicadores de autores na Base Portal Nacional BVS Brasil em Saúde

Autores	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Evely Boruchovitch	3	4,0%
Acácia Aparecida Angeli dos Santos	2	2,7%
Maria Cristina Rodrigues Azevedo Joly	2	2,7%
Maria Helena Souza Patto	2	2,7%
Autores com uma aparição	65	86,7%
Institucional	1	1,3%
TOTAL	75	100%

Fonte: www.bvs-psi.org.br

Na tabela 19, as autoras mais produtivas são Carla Biancha Angelucci, Claisy Maria Marinho-Araújo e Vanessa Aparecida Alves de Lima cada uma com 4,5%; Iracema Neno Cecilio Tada, Regina Lúcia Sucupira Pedroza e Raquel Souza Lobo Guzzo cada uma com 3,0%; autores com uma aparição com 77,6%. No APÊNDICE F, apresentamos a relação completa.

Tabela 19 – Indicadores de autores na base Scielo

Autores	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Carla Biancha Angelucci	3	4,5%
Claisy Maria Marinho-Araújo	3	4,5%
Vanessa Aparecida Alves de Lima	3	4,5%
Iracema Neno Cecilio Tada	2	3,0%
Regina Lúcia Sucupira Pedroza	2	3,0%
Raquel Souza Lobo Guzzo	2	3,0%
Autores com uma aparição	52	77,6%
TOTAL	67	100,0%

Fonte: www.bvs-psi.org.br

A tabela 20, na Base RedALYC a autora mais produtiva é Claisy Maria Marinho-Araújo que publicou quatro trabalhos e autores com uma aparição somam-se sete; na Base Portal Revista USP Patrícia Carla Silva do Vale Zucoloto publicou um trabalho e na Base Psi Divulgação Científica Cacilda Acacia Pachler Tomimatsu e Sergio Antonio da Silva Leite cada um com uma aparição.

Tabela 20 – Indicadores de autores nas Bases: RedALYC, Portal Revistas USP, Index Psi Divulgação Científica

Base Redalyc	
Autores	Frequência Absoluta
Claisy Maria Marinho-Araújo	4
Autores com uma aparição	7
Portal Revista USP	
	Frequência Absoluta
Patrícia Carla Silva do Vale Zucoloto	1
Psi Divulgação Científica	
	Frequência Absoluta
Cacilda Acacia Pachler Tomimatsu	1
Sergio Antonio da Silva Leite	1

Fonte: www.bvs-psi.org.br

Separamos as tabelas 21 e 22 em indicadores para *livros* e indicadores para *organização de livros*, por considerarmos atividades distintas. Entendemos como *livros* um texto escrito por um ou mais autores, composto por um ou vários capítulos que estão relacionados entre si, vinculados a um determinado assunto. Já *organização de livros* é um conjunto de trabalhos diferentes reunidos, organizados por uma ou mais pessoas (cientistas, professores etc) que são responsáveis intelectualmente pela sua qualidade em torno de uma temática comum, nos seus diferentes aspectos.

A tabela 21 mostra um equilíbrio, isto é, todos os autores produziram cada um apenas um trabalho. A tabela 22 também há um equilíbrio, onde cada autor organizou e publicou um trabalho.

Chamo-nos atenção à baixa publicação desse tipo de documento. Um fato que pode explicar esse baixo número de publicação de livros pode ser em virtude dos autores, em função de melhorar a avaliação de seus programas de pós-graduação ao qual estão vinculados, preferirem hoje publicar em periódicos em detrimento aos livros. Para Hutz et al. (2010) a elevação da qualidade dos periódicos brasileiros em Psicologia e a internacionalização crescente da produção da área têm também papel importante em tal quadro de diminuição na produção de livros.

Tabela 21 – Indicadores de autores na Base Index Livros

Autores	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Maria Helena Souza Patto	1	7,70%
Cleo Fante	1	7,70%
José Augusto Pedra	1	7,70%
Elizabeth Piemonte Constantino	1	7,70%

César Donizetti Pereira Leite	1	7,70%
Sílvia Maria Cintra da Silva	1	7,70%
Albertina Mitjáns Martínez	1	7,70%
Claisy Maria Marinho-Araujo	1	7,70%
Sandra Francesca Conte de Almeida	1	7,70%
Raquel Souza Lobo Guzzo	1	7,70%
Leandro da Silva Almeida	1	7,70%
Solange Múglia Wechsler	1	7,70%
Conselho Federal de Psicologia	1	7,70%
TOTAL	13	100%

Fonte: www.bvs-psi.org.br

Tabela 22 – Indicadores de Organizadores na Base Index Livros

Organizadores	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Marisa Eugênia Melillo Meira	1	14,3%
Marilda Gonçalves Dias Facci	1	14,3%
Solange Múglia Wechsler	1	14,3%
Raquel Souza Lobo Guzzo	1	14,3%
Sandra Francesca Conte de Almeida	1	14,3%
Mônica Correia	1	14,3%
Beatriz de Paula Souza	1	14,3%
TOTAL	7	100%

Fonte: www.bvs-psi.org.br

Conforme relatamos na seção 3.2 foi Lotka quem em 1926 fundamentou a Lei do Quadrado Inverso ao mostrar que o número de autores que fazem n contribuições em uma área científica é aproximadamente $1/n^2$ daqueles que realizam uma só contribuição, e a proporção de autores que contribuem com um único trabalho, deve ser de 60% do total de autores. Ou seja, alguns pesquisadores publicam muito e muitos publicam pouco, como observado nas tabelas 17, 18 e 19.

6.9 Indicadores de vínculo institucional nas Bases Index Psi Revistas técnico-científicas, Portal Nacional BVS Brasil em Saúde, Scielo, RedALYC, Portal Revistas USP e Index Psi Divulgação Científica

Após identificarmos quem eram os autores mais produtivos da Psicologia Escolar, elaboramos, de acordo com o resultado de cada base, as tabelas 23, 24, 25 e 26 para detectarmos qual era o vínculo institucional dos autores mais produtivos.

Nesse aspecto consideramos como vínculo institucional a origem de onde o primeiro autor declarava pertencer em cada artigo de periódico selecionado. Para obtenção desses dados acessamos, via Internet, todos os artigos científicos recuperados. Quando o artigo não estava disponível *on line* visitamos a biblioteca da Universidade Federal de Rondônia e a Biblioteca do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para *in loco* detectarmos qual era o vínculo dos pesquisadores.

Registramos que muitos periódicos só disponibilizam volumes recentes de seus artigos via Internet, o que acaba diminuindo sua visibilidade. A amplitude da visibilidade dos artigos publicados em Psicologia Escolar poderia homogeneizar melhor a sua política científica de forma mais equitativa, equilibrando, dessa forma, um exame crítico das produções científicas não só do que acontece no eixo sul-sudeste, mas num todo.

A tabela 23 mostra que 11,2% dos autores que publicaram nos periódicos com a temática Psicologia Escolar são vinculados a Universidade de São Paulo; 8,6% a Universidade de Brasília; 8,6% não indicava seu vínculo; 7,1% a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 6,1% a Pontifícia Universidade Católica Campinas – SP; 4,1% a Universidade Estadual de Maringá; 3,6% a Universidade Federal de Santa Catarina; 3,0% a Universidade Federal de Uberlândia; 3,0% a Universidade Federal do Ceará; 3,0% a Universidade de São Paulo, Campus de Ribeirão Preto – SP; 2,5% a Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2,5% ao Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP); 2,5% a Pontifícia Universidade Católica do Paraná; 2,0% a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 1,5% a Universidade Mackenzie; 1,5% a Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” de Assis – SP; 1,5% a Universidade Federal Fluminense; 1,5% a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; 1,0% a Instituições com duas aparições e 0,5% a Instituições com uma aparição. No APÊNDICE G, encontra-se a relação completa.

No geral os dados revelam a autoria vinculada a muitas instituições, com destaque para os autores oriundos da Universidade de São Paulo. Esse fato deve-se ao pioneirismo da USP que ainda na década de 1970 cria o programa de mestrado em Psicologia Escolar tornando-a num grande centro de referência de estudos nessa área.

Tabela 23 – Indicadores de vínculo institucional Base: Index Psi Revistas Técnico-científicas

Instituição	Frequência absoluta	Frequência Relativa
Universidade de São Paulo - SP	22	11,2%
Universidade de Brasília	17	8,6%
Não indicado	17	8,6%
Pontifícia Universidade Católica do	14	7,1%

Rio Grande do Sul

Pontifícia Universidade Católica Campinas - SP	12	6,1%
Universidade Estadual de Maringá	8	4,1%
Universidade Federal de Santa Catarina	7	3,6%
Universidade Federal de Uberlândia	6	3,0%
Universidade Federal do Ceará	6	3,0%
Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto	6	3,0%
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	5	2,5%
Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP)	5	2,5%
Pontifícia Universidade Católica do Paraná	4	2,0%
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	4	2,0%
Universidade Mackenzie	3	1,5%
Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” de Assis - SP		1,5%
Universidade Federal Fluminense	3	1,5%
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	3	1,5%
Instituições com duas aparições	12	1,0%
Instituições com uma aparição	40	0,5%
TOTAL	209	100%

Fonte: www.bvs-psi.org.br

A tabela 24 revela que 12,9% dos autores são vinculados a Universidade São Francisco; 9,7% são autores vinculados a Universidade de São Paulo; 6,5% a Universidade Estadual de Campinas, a Universidade de Brasília e a Universidade Federal de Uberlândia; ABRAPEE, Faculdades Metropolitanas Unidas, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Universidad de Oviedo, Universidade de Fortaleza, Universidade de Franca, Universidade de Santo Amaro, Universidade do Estado da Bahia, Universidade Federal de Alfenas, Universidade Federal do Amazonas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de São Carlos, Universidade Federal de Rondônia e Universitat Jaume I cada uma com 3,2%.

A Universidade São Francisco é uma instituição particular de ensino superior, localizada na cidade de Itatiba-SP. Possui um Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia em nível de Mestrado e Doutorado em quatro linhas, com destaque para a linha

Avaliação em Psicologia Educacional. Atualmente seu programa de pós-graduação em Psicologia é recomendado pela CAPES com conceito 6. Destacamos que conceitos superiores a 5 somente são atribuídos a programas com elevado padrão de excelência e que tenham cursos de doutorado, o que a credencia como a Universidade com o maior número de autores que publicaram artigos nessa base.

Tabela 24 – Indicadores de vínculo institucional Base: Portal Nacional BVS Brasil em Saúde

Instituição	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Universidade São Francisco	4	12,9%
Universidade de São Paulo	3	9,7%
Universidade Estadual de Campinas	2	6,5%
Universidade de Brasília	2	6,5%
Universidade Federal de Uberlândia	2	6,5%
ABRAPEE	1	3,2%
Faculdades Metropolitanas Unidas	1	3,2%
Pontifícia Universidade Católica do Paraná	1	3,2%
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	1	3,2%
Universidad de Oviedo	1	3,2%
Universidade de Fortaleza	1	3,2%
Universidade de Franca	1	3,2%
Universidade de Santo Amaro	1	3,2%
Universidade do Estado da Bahia	1	3,2%
Universidade Federal de Alfenas	1	3,2%
Universidade Federal do Amazonas	1	3,2%
Universidade Federal de Juiz de Fora	1	3,2%
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	1	3,2%
Universidade Federal de Minas Gerais	1	3,2%
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	1	3,2%
Universidade Federal de São Carlos	1	3,2%
Universidade Federal de Rondônia	1	3,2%
Universitat Jaume I	1	3,2%
TOTAL	31	100%

Fonte: www.bvs-psi.org.br

Podemos observar que na tabela 25, 19,2% dos autores possuem vínculo institucional com a Universidade de Brasília; 11,5% com a Pontifícia Universidade Católica de Campinas e a Universidade Federal de Rondônia; 7,7% com a Universidade Federal de Uberlândia e a Universidade Presbiteriana Mackenzie; com 3,2% cada, temos o Centro Universitário Filadélfia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Secretaria de Estado de Educação de Rondônia (SEDUC/RO), Unianhanguera, Universidad de La Habana, Universidade

Comunitária Regional de Chapecó, Universidade de São Paulo, Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal do Espírito Santo, Universidade São Marcos.

A Pós-graduação deu início às atividades do Curso de Psicologia em sua inauguração na Universidade de Brasília, em 1964, com o curso de Mestrado. Atualmente a Universidade de Brasília conta com quatro programas de mestrado e doutorado: Ciências do Comportamento; Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde; Psicologia Clínica e Cultura e Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, sendo também uma Universidade com grande destaque na área da Psicologia Escolar.

Tabela 25 – Indicadores de vínculo institucional na Base Scielo

Instituição	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Universidade de Brasília	5	19,2%
Pontifícia Universidade Católica de Campinas	3	11,5%
Universidade Federal de Rondônia	3	11,5%
Universidade Federal de Uberlândia	2	7,7%
Universidade Presbiteriana Mackenzie	2	7,7%
Centro Universitário Filadélfia	1	3,8%
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	1	3,8%
Secretaria de Estado de Educação (SEDUC/RO)	1	3,8%
Unianhanguera	1	3,8%
Universidad de La Habana	1	3,8%
Universidade Comunitária Regional de Chapecó	1	3,8%
Universidade de São Paulo	1	3,8%
Universidade Federal da Bahia	1	3,8%
Universidade Federal de Juiz de Fora	1	3,8%
Universidade Federal do Espírito Santo	1	3,8%
Universidade São Marcos	1	3,8%
TOTAL	26	100%

Fonte: www.bvs-psi.org.br

Já na tabela 26, na Base RedALYC, três autores possuem vínculo institucional com a Universidade de Brasília; um autor possui vínculo com o Instituto Geist e um autor possui vínculo com a Universidade Federal de São Carlos; na Base Portal Revista USP um autor possui vínculo com a Universidade Federal da Bahia e na Base Index Psi Divulgação não conseguimos localizar os vínculo institucional de seus autores.

Tabela 26 – Indicadores de vínculo institucional nas Bases: RedALYC, Portal Revistas USP, Index Psi Divulgação Científica

Instituição	Base Redalyc Frequência Absoluta	Portal Revista USP Frequência Absoluta	Psi Divulgação Científica Frequência Absoluta
Universidade de Brasília	3		
Instituto Geist	1		
Universidade Federal da Bahia		1	
Universidade Federal de São Carlos	1		
Não localizado			2

Fonte: www.bvs-psi.org.br

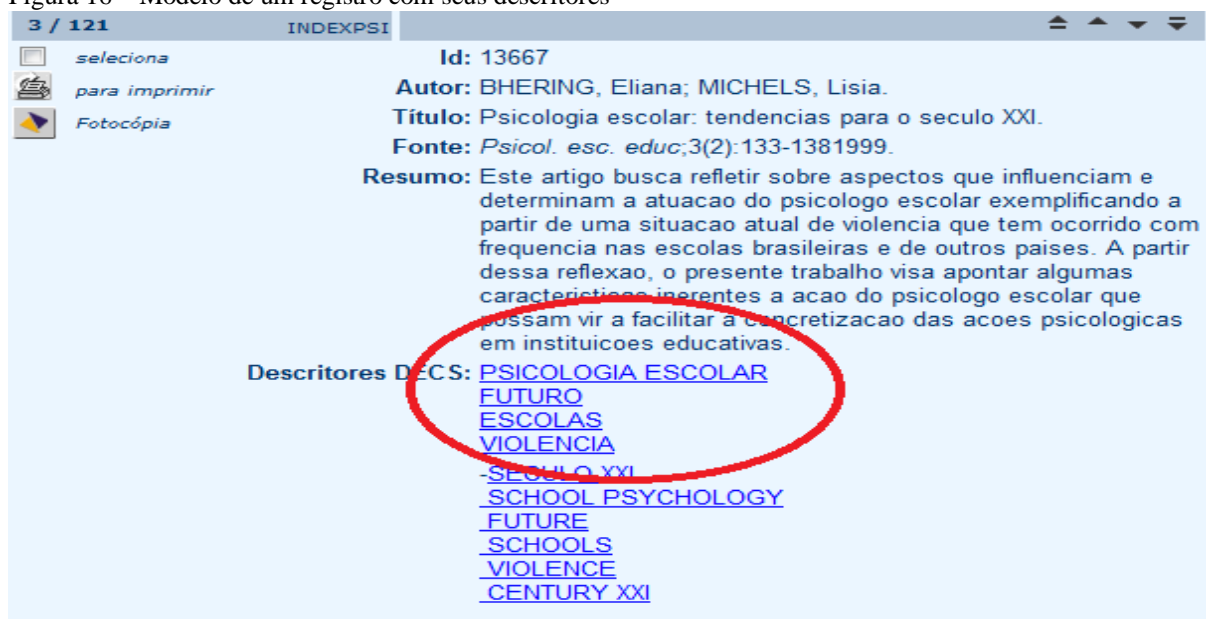
6.10 Indicadores de descritores nas Bases Index Psi Revistas Técnico-científicas, Portal Nacional BVS Brasil em Saúde, Scielo, Index Psi Livros, RedALYC, Portal Revistas USP e Index Psi Divulgação Científica

Antes de apresentarmos os indicadores, gostaríamos de realizarmos uma breve explicação do que são ‘descritores’.

Descritores são termos normalizados a partir de um vocabulário controlado. A área da Psicologia conta com valiosos vocabulários controlados que auxiliam na atribuição dos descritores e, conseqüentemente, na recuperação da informação. No Brasil, autores, bibliotecários e usuários contam com a *Terminologia Psi*, disponível na BVS-PSI ULAPSI Brasil, que busca normalizar os termos da área, assegurando a indexação e a recuperação eficientes da informação psicológica. (SABADINI, SAMPAIO, KOLLER, 2009).

Informamos que em cada registro recuperado, além do descritor *psicologia escolar*, outros descritores acompanhavam o registro, dessa forma consideramos todos para efeito da pesquisa, como segue um exemplo na figura 16.

Figura 16 – Modelo de um registro com seus descritores



Fonte: www.bvs-psi.org.br

Com relação aos descritores relacionados à Psicologia Escolar a tabela 27 indica que 100% dos registros recuperados possuíam o descritor *psicologia escolar*. O segundo descritor com maior frequência foi *psicologia educacional* com 23,4%, seguido de *psicólogos escolares* com 17,7%; *educação* com 8,6%; *formação em psicologia* também com 8,6%; *identidade profissional* com 6,2%; *prática profissional* com 5,7%; *psicologia clínica* com 4,8%; *aprendizagem* com 5,3%; *Brasil* com 4,8%; *Alfabetização* com 4,8%; *atuação do psicólogo* com 4,8%; *entrevistas* com 4,3%; *escolar* com 3,8%; Descritores com sete frequências com 3,3%; Descritores com seis frequências com 2,9%; Descritores com cinco frequências com 2,4%; Descritores com quatro frequências com 1,9%; Descritores com três frequências com 1,4%; Descritores com duas frequências com 1,0% e Descritores uma com apenas frequência 0,5%. No APÊNDICE H, apresentamos todos os descritores.

No total foram recuperados 622 descritores (tabela 27) relacionados à Psicologia Escolar, demonstrando que existe uma vasta quantidade de assuntos relacionados a esse campo do saber. Ademais existem alguns descritores (educação, Brasil, alfabetização, entrevistas) que por si só são muito amplos, ou seja, não sintetizam, de fato, um conceito para relacionarmos qual é a real tendência no enfoque de estudos no campo da Psicologia Escolar.

Alguns descritores (aprendizagem, escolas) nos indicam uma possível tendência nos estudos que focam o campo do funcionamento escolar, porém como cabe ao psicólogo escolar à responsabilidade pela saúde mental dos atores envolvidos no ambiente escolar (pais,

professores, alunos etc) e em nenhum dos estudos recuperados são apontados tais sujeitos, reafirmamos que essa pode ser uma ligeira tendência de estudos.

Chama-nos a atenção de que em 23,4% (tabela 27) dos registros recuperados, o descritor *psicologia educacional* vem acompanhado do descritor *psicologia escolar*, o que significa dizer que, de fato, a crise identitária da Psicologia Educacional e Escolar persiste, pois longo do tempo, foram muitos os objetos de estudo, finalidades, métodos e técnicas de investigação e intervenção no campo de conhecimento da Psicologia Educacional e Escolar (BARBOSA; SOUZA, 2012).

Tabela 27 – Indicadores de descritores Base Index Psi Revistas Técnico-científicas

Descritores	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Psicologia escolar	209	100,0%
Psicologia educacional	49	23,4%
Psicólogos escolares	37	17,7%
Educação	18	8,6%
Formação em psicologia	18	8,6%
Identidade profissional	13	6,2%
Prática profissional	12	5,7%
Brasil	11	5,3%
Aprendizagem	11	5,3%
Psicologia Clínica	10	4,8%
Alfabetização	10	4,8%
Atuação do psicólogo	10	4,8%
Entrevistas	9	4,3%
Escolas	8	3,8%
Descritores com sete frequências	6	3,3%
Descritores com seis frequências	4	2,9%
Descritores com cinco frequências	2	2,4%
Descritores com quatro frequências	8	1,9%
Descritores com três frequências	14	1,4%
Descritores com duas frequências	31	1,0%
Descritores com uma frequência	132	0,5%

Fonte: www.bvs-psi.org.br

Na tabela 28, o descritor *psicologia escolar* aparece em 100,0% dos registros recuperados, seguido pelo descritor *psicologia educacional* com 29,7%; *educação* 13,5%; *psicologia* com 13,5%; *aprendizagem* com 8,1%; *baixo rendimento escolar* com 8,1%; *ensino fundamental* com 5,4% e *produção científica* com 5,4% e Descritores com uma frequência com 2,6%. No APÊNDICE I, apresentamos todos os descritores.

Tabela 28 – Indicadores de descritores na Base Portal Nacional BVS Brasil em Saúde

Descritores	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Psicologia escolar	37	100,0%
Psicologia educacional	11	29,7%
Educação	5	13,5%
Psicologia	5	13,5%
Aprendizagem	3	8,1%
Baixo rendimento escolar	3	8,1%
Ensino fundamental	2	5,4%
Produção científica	2	5,4%
Descritores com uma frequência	70	2,6%

Fonte: www.bvs-psi.org.br

Na tabela 29, a palavra-chave mais frequente foi *psicologia escolar* aparece em 96,2% dos registros recuperados, seguido da palavra-chave *atuação profissional* com 19,2%; *formação do psicólogo* com 11,5%; *fracasso escolar* com 11,5%; *inclusão escolar* com 11,5%; *aprendizagem* com 7,7%; *história da psicologia* com 7,7%; *psicologia educacional* com 7,7% e palavras chaves com uma frequência com 3,8%. Salientamos que em um registro recuperado o termo pesquisado *Psicologia Escolar* não apareceu no campo *palavras-chaves*. No APÊNDICE J, apresentamos todos os descritores.

Tabela 29 – Indicadores de palavras-chaves na Base Scielo

Palavras-chaves	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Psicologia escolar	25	96,2%
Atuação do psicólogo	5	19,2%
Formação do psicólogo	3	11,5%
Fracasso escolar	3	11,5%
Inclusão escolar	3	11,5%
Aprendizagem	2	7,7%
História da Psicologia	2	7,7%
Psicologia educacional	2	7,7%
Palavras-chaves com uma frequência	40	3,8%

Fonte: www.bvs-psi.org.br

A tabela 30, o descritor *psicologia escolar* aparece em 100,0% dos registros, seguido de *psicólogos escolares* com 33,3%; *formação do psicólogo* com 26,7%; *atuação do psicólogo* com 13,3%; *ética profissional* com 13,3%; *psicologia educacional* com 13,3%; Descritores com uma frequência com 6,7%. No APÊNDICE K, apresentamos todos os descritores da Base Index Psi Livros.

Tabela 30 – Indicadores de descritores Base Index Psi Livros

Descritores	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Psicologia escolar	15	100,0%
Psicólogos escolares	5	33,3%
Formação do psicólogo	4	26,7%
Atuação do psicólogo	2	13,3%
Ética profissional	2	13,3%
Psicologia educacional	2	13,3%
Descritores com uma frequência	20	6,7%

Fonte: www.bvs-psi.org.br

Na tabela 31, na Base ReadALYC o descritor *psicologia escolar* aparece em cinco registros e treze descritores aparecem com uma frequência; na Base Portal Revista USP o descritor *psicologia escolar* aparece em um registro, seguido de seis descritores com uma frequência; na Base Psi Divulgação científica o descritor *psicologia escolar* aparece em dois registros, juntamente com *fracasso escolar* e *psicólogos escolar* com frequência de um registro cada.

Tabela 31 – Indicadores de descritores nas Bases: Redalyc, Portal Revistas USP, Index Psi Divulgação Científica

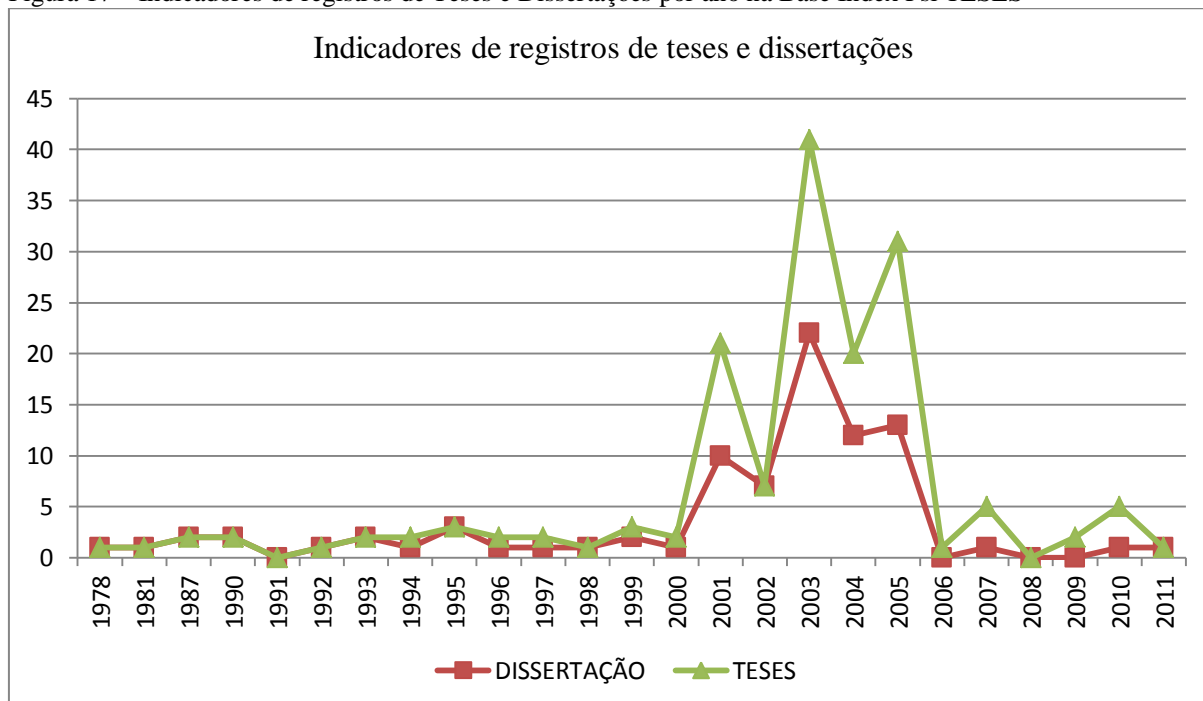
	Base Redalyc	Portal Revista USP	Psi Divulgação Científica
Descritores	Frequência Absoluta	Frequência Absoluta	Frequência Absoluta
Psicologia Escolar	5	1	2
Fracasso escolar			1
Psicólogos escolares			1
Descritores com uma frequência em cada base	13	6	

Fonte: www.bvs-psi.org.br

6.11 Indicadores da produção científica em Psicologia Escolar na Base Index Psi TESES

Nesta seção apresentamos análise da produção científica em Psicologia Escolar presente na Base de Dados Index Psi TESES. A Base de Dados Index Psi TESES reúne informações das dissertações e teses apresentadas aos programas brasileiros de pós-graduação em Psicologia.

Figura 17 – Indicadores de registros de Teses e Dissertações por ano na Base Index Psi TESES



Fonte: www.bvs-psi.org.br

Com a finalidade de identificarmos o número de registros indexados por ano nessa Base, elaboramos a figura 17 a qual nos mostra que o primeiro registro recuperado data do ano de 1978 e o registro mais recente data do ano de 2011, abrangendo um total de 34 anos de produção. Assim a primeira dissertação encontrada data do ano de 1978 e a primeira tese data do ano de 1994.

Podemos notar que entre os anos de 1978, inclusive, até o ano 2000, inclusive, a produção científica permanece estável e com poucos trabalhos produzidos, não ultrapassando mais que cinco teses ou dissertações por ano.

Notamos um aumento considerável entre os anos de 2001, inclusive, até o ano de 2005, inclusive, depois a produção de teses e dissertações volta aos baixos patamares de produção relatados anteriormente.

Uma das explicações para esse aumento na produção entre os anos de 2001 até 2005, possivelmente deve-se a motivação inicial dos centros cooperantes, que são os responsáveis em cadastrar as teses e dissertações, pelo lançamento na BVS-PSI ULAPSI Brasil da Base Index Psi TESES.

Instigados agora em encontrar respostas pela baixa produção entre os anos de 2006 até 2011 (nesse período recuperamos três dissertações e onze teses, total de quatorze), realizamos uma pesquisa com o descritor *psicologia escolar*, delimitando a busca entre os anos de 2006

até 2011 na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (<http://bdtd.ibict.br/>) que integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa brasileiras, e também estimula o registro e a publicação de teses e dissertações em meio eletrônico.

Nessa busca encontramos trinta documentos entre teses e dissertações, número muito maior daquele que encontramos na Base Index Psi TESES (quatorze), o representa, de fato, que os centros cooperantes não estão cadastrando as teses e dissertações na Base.

Nesse contexto, podemos afirmar que mesmo com o advento da Internet em tornar as teses e dissertações acessíveis de forma *on line*, esses tipos de documentos ainda podem ser considerados como literatura cinzenta, pois seu acesso ainda é difícil, bem como sua visibilidade ainda é muito baixa.

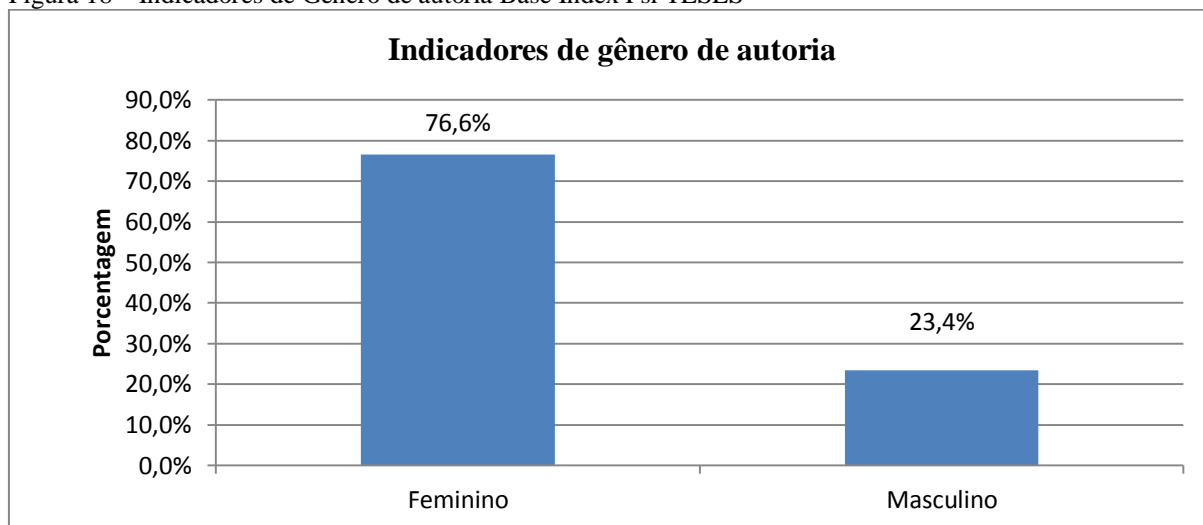
Tabela 32 – Indicadores de qualificação Base Index Psi TESES

Qualificação	Frequência absoluta	Frequência relativa
Dissertação	86	54,4%
Teses	72	45,6%
TOTAL	158	100%

Fonte: www.bvs-psi.org.br

Dos 158 trabalhos recuperados com a temática Psicologia Escolar, 54,4% são constituídos de dissertações e 45,6% são constituídos de teses. (tabela 32).

Figura 18 – Indicadores de Gênero de autoria Base Index Psi TESES



Fonte: www.bvs-psi.org.br

A grande maioria das teses e dissertações foram escritas pelo gênero feminino (76,6%) e 23,4% foram escritas pelos gênero masculino (figura 18). Esses dados corroboram com os encontrados nas outras bases (figuras 8, 9, 10 e 11) que essa área do conhecimento conta com um número maior de pessoas do gênero feminino.

Tabela 33 – indicadores de vínculo institucional na Base Index Psi TESES

Vínculo Institucional	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Universidade de São Paulo - SP	133	84,2%
Pontifícia Universidade Católica de Campinas	13	8,2%
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	3	1,9%
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2	1,3%
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	2	1,3%
Universidade Federal de Santa Catarina	2	1,3%
Universidade São Marcos	1	0,6%
Universidade Católica de Pernambuco	1	0,6%
Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto	1	0,6%
TOTAL	158	

Fonte: www.bvs-psi.org.br

Na tabela 33, verifica-se que nove diferentes Instituições de Ensino Superior produziram 158 teses ou dissertações com a temática Psicologia Escolar, porém de forma desigual. A Universidade de São Paulo – SP produziu 84,2% das teses e dissertações; Pontifícia Universidade Católica de Campinas com 8,2%; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul com 1,9%; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo com 1,3%; Universidade Federal do Rio Grande do Norte com 1,3%; Universidade Federal de Santa Catarina com 1,3%; Universidade São Marcos com 0,6%; Universidade Católica de Pernambuco com 0,6% e Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto com 0,6%.

Ainda de acordo com a tabela 33, 95%, ou seja, a grande maioria de toda a produção de teses e dissertações é oriunda do Estado de São Paulo, o que demonstra uma distribuição desigual, mesmo sabendo que se ampliaram as ofertas de programas de mestrado e doutorado em outras regiões do país.

Como já observamos anteriormente as Universidades brasileiras são as principais balizadoras no que tange ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia no país. Todas as Universidades (tabela 33) que mais produziram trabalhos, com exceção da Universidade São Marcos, oferecem a pós-graduação em grau de mestre e doutor.

Tabela 34 – Indicadores de dependência administrativa na Base Index Psi TESES

Dependência administrativa	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Pública	138	87,3%
Particular	20	12,7%
TOTAL	158	100%

Fonte: www.bvs-psi.org.br

Como a pesquisa brasileira ainda se concentra em instituições de Ensino Superior, dentro, portanto, dos cursos de pós-graduação que em sua grande maioria são vinculados a Instituições de caráter público, a produção na área da Psicologia Escolar não difere dessa constatação. A produção avaliada de teses e dissertações apresentou-se concentrada em 87,3% nas Universidades públicas e 12,7% nas Universidades particulares (tabela 34).

Tabela 35 – Indicadores de descritores na Base Index Psi TESES

Descritores	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Psicologia escolar	158	100,0%
Desenvolvimento humano	76	48,1%
Psicanálise	17	10,8%
Fracasso escolar	10	6,3%
Adolescentes	9	5,7%
Ensino fundamental	9	5,7%
Formação do psicólogo	9	5,7%
Psicologia educacional	9	5,7%
Educação especial	8	5,1%
Etnografia	8	5,1%
Educação	7	4,4%
Psicólogos escolares	7	4,4%
Descritores com seis frequências	4	3,8%
Descritores com cinco frequências	10	3,2%
Descritores com quatro frequências	7	2,5%
Descritores com três frequências	25	1,9%
Descritores com duas frequências	40	1,3%
Descritores com uma frequência	187	0,6%

Fonte: www.bvs-psi.org.br

Com relação aos descritores relacionados à Psicologia Escolar a tabela 35 indica que 100% dos registros recuperados possuíam o descritor *psicologia escolar*, seguido do descritor *Desenvolvimento humano* com 17,4%; *psicanálise* com 3,9%; *fracasso escolar* com 2,3%;

adolescentes com 2,1%; *ensino fundamental* com 2,1%; *formação do psicólogo* com 2,1%; *psicologia educacional* com 2,1%; *educação especial* com 1,8%; *etnografia* com 1,8%; *educação* com 1,6%; *Psicólogos escolares* com 1,6%; Descritores com seis frequências com 1,4%; Descritores com cinco frequências com 1,1%; Descritores com quatro frequências com 0,9%; Descritores com três frequências 0,7%; Descritores com duas frequências 0,5% e Descritores com uma frequência 0,2%. No APÊNDICE L, apresentamos todos os descritores.

No total foram recuperados 596 descritores (tabela 35) relacionados à temática Psicologia Escolar, demonstrando também, que na Base Index Psi TESES, existe uma vasta quantidade de assuntos relacionados, indicando que a área possui uma grande abrangência de conteúdos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal de nosso trabalho foi identificar a produção científica da Psicologia Escolar através das Bases de Dados que compõem a Biblioteca Virtual BVS-Psi ULAPSI Brasil. Por meio da análise bibliométrica, foi possível elaborar vários indicadores que representam o atual estágio de desenvolvimento dessa importante subárea da Psicologia.

A Base que recuperou o maior número de registros foi a Index Psi Revistas técnico-científicas. Mas mencione-se que entre os anos de 2009 e 2010, há um crescimento considerável na Base Portal Nacional BVS Brasil em Saúde e nos anos de 2010 e 2011 destaca-se a Base Scielo, o que pode indicar uma preferência da comunidade científica da Psicologia Escolar em publicar seus trabalhos nessas duas Bases.

No indicador gênero encontramos nas principais Bases pesquisadas a predominância do gênero feminino nas publicações.

Quanto ao indicador de Estado podemos considerar que nas Bases Index Psi Revistas técnico-científicas; Portal Nacional BVS Brasil em Saúde e na Base Scielo a liderança das publicações está no Estado de São Paulo, e os Estados de Minas Gerais e Distrito Federal possuem relevância também nessas três Bases.

Os *artigos* se constituem a forma preferencial como o tipo de publicação mais utilizada pela comunidade científica da Psicologia Escolar.

No indicador produtividade de periódicos a revista Psicologia Escolar e Educacional é o canal preferencial nas Bases Index Psi Revistas técnico-científicas; Portal Nacional BVS Brasil em Saúde e Base Scielo, apesar de seu estrato Qualis ser B1, o terceiro mais alto. Os outros canais preferencias são de estrato A2, ou seja, as revistas Arquivo Brasileiro de Psicologia; Estudos de Psicologia (Campinas) e Psicologia: ciência e profissão. A revista Psicologia: teoria e prática é outro canal preferencial da comunidade científica da Psicologia Escolar que possui o estrato A1, na Base Portal Nacional BVS Brasil em Saúde.

Reforçamos aos pesquisadores da área que no CCN não há a temática em Psicologia Escolar registrado, ou seja, não se recupera nenhum periódico com este assunto.

Na Base Index Psi Revistas técnico-científicas o indicador de colaboração científica predominante é o individual, seguido de autoria dupla. Ressaltamos que esse dado se justifica em virtude do longo tempo dos registros recuperados, de 1962 até 2011 e, grande parte dos trabalhos anteriores a década de 2000 eram individuais, inferimos que a autoria em dupla decorre da exigência dos órgãos de fomento a pesquisa para publicação.

Já na Base Portal Nacional BVS Brasil em Saúde também há o predomínio de autoria individual, todavia, de forma praticamente equilibrada, há destaque para o regime de autoria dupla, tripla e quádrupla, o que reforça que a autoria individual está sendo gradativamente substituída pelo regime de co-autoria.

Entretanto é na Base Scielo, cujo primeiro registro é do ano de 2004, que nota-se que o regime de autoria individual, de fato, perde força, dando lugar ao regime de autoria dupla, sendo também relevantes as autorias triplas e quádruplas.

Quanto aos indicadores de autores na Base Index Psi Revistas técnico-científicas percebemos que os mais produtivos são aqueles que estão vinculados a programas de Pós Graduação.

As instituições que mais se destacam no indicador vínculo institucional do primeiro autor são a USP; UnB; PUCCAMP e UFU, esta última exceto na base Index Psi Revistas técnico-científicas.

Os descritores que mais acompanharam o termo *Psicologia Escolar* são: *Psicologia Educacional*; *Psicólogos escolares*; *Educação*; *Atuação do Psicólogo*. Alertamos aos pesquisadores da área que foram utilizadas centenas de descritores, muitos deles amplos ou vagos, que por si só não caracterizam bem um determinado conteúdo, como por exemplo, o descritor *Educação* ou *Brasil*.

Na Base Index Psi TESES pudemos perceber que a partir do ano de 2006 as bibliotecas cooperantes não estão alimentando a Base com as Teses e Dissertações defendidas, pois em uma consulta na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações encontramos um número muito maior de trabalhos produzidos com a temática Psicologia Escolar.

Também na Base Index Psi TESES os indicadores referentes ao tipo de dependência administrativa, há um amplo predomínio de instituições públicas, onde os trabalhos são defendidos.

Quanto aos descritores, destaca-se o termo Desenvolvimento humano além do descritor *Psicologia Escolar*. Nesse sentido também foram recuperados centenas de descritores o que revela uma dispersão da quantidade de assuntos relacionados.

Assim sugerimos aos pesquisadores da área da Psicologia Escolar consultar a Base Terminologia em Psicologia para que os descritores que serão utilizados nos trabalhos sejam de fácil recuperação e correlacionados com a Psicologia Escolar.

É importante salientar que tivemos dificuldades no levantamento de dados sobre a temática Psicologia Escolar nas Bases de Dados da BVS Psicologia UPAPSI Brasil por falta,

muitas vezes, de padronização dos dados e informações imprecisas, principalmente no que tange ao nome dos autores. Também grande parte dos *links* que dão acesso direto ao texto encontra-se desatualizados dificultando nossas buscas, pois tivemos que recorrer a outros meios, como o *lattes* ou ao próprio *google* para localizar as informações que necessitávamos.

Esperamos que os indicadores elaborados ao longo de nossa pesquisa possam cooperar para o desenvolvimento e fortalecimento da Psicologia Escolar, como também contribuir para identificar as possíveis lacunas que ainda necessitam de maior atenção por parte da comunidade científica dessa área.

Também esperamos com esse trabalho colaborar para a divulgação da Base BVS Psicologia ULAPSI Brasil como uma importante fonte de informação para as pesquisas na área de Psicologia.

Por fim, ressaltamos que a falta de estudos semelhantes em análise da produção científica na área da Psicologia Escolar criou uma limitação comparativa e mais conclusiva em nossa abordagem. Assim sugerimos que novos trabalhos sejam realizados em outras Bases de Dados para aprofundamento dos conhecimentos desse campo do saber.

REFERÊNCIAS

ABADE, F. L. Orientação profissional no Brasil: uma revisão histórica da produção científica. **Rev. bras. orientac. Prof.**, São Paulo, v.6 n.1 jun. 2005.

AGUIAR, R. R. G. B. de. **Um olhar sobre a história:** características e tendências da produção científica na área de história do Brasil (1985 – 2009). 156 f. Dissertação (Mestrado). Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2011.

ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. de. **Política ou polícia de gênero:** estudos de gênero, movimentos sociais e identidades. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/politica_policia_de_genero.pdf>. Acesso em: 21 out. 2012.

ALCAÍN PARTEARROYO, M. D.; RUÍZ-GÁLVEZ PAPÍ, M. Evolución de las revistas españolas de psicología. **Papeles del Psicólogos**, n. 70, jun. 1998.

AMORIM, K. M. de O. **Compromisso social do psicólogo em artigos publicados em periódicos científicos no Brasil.** 266 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.

AMORIM, A. M. Design e construção de nova interface para a BVS Psicologia (BVS-PSI Brasil) e a experiência de criação do protótipo da BVS UAPSI: facilitando a vida de usuários. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 3, n.2, 2006.

ANGELINI, A. L.; AGATTI, A. P. R. A investigação psicológica no Brasil. **Revista latinoamericana de psicología**, v. 19, n. 1, p. 31-50, 1987.

ANGELINI, A. L.; PFROMM NETTO, S.; ROSAMILHA, N. Análise de conteúdo da psicologia educacional. **Psicologia escolar e educacional**, Campinas, v.5, n.1, 2001.

ANTUNES, M. A. M. Psicologia e educação no Brasil: um olhar histórico crítico. In: MEIRA, M. E. M.; ANTUNES, M. A. M. (Org.). **Psicologia escolar:** teorias e críticas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

ARAÚJO, C. A. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em questão**, Porto Alegre, v. 12, n.1, p. 11-32, jan./jun. 2006.

ARAÚJO, C. A. A. **A ciência como forma de conhecimento.** Disponível em: <http://www.unicid.br/pos_graduacao/media/a_ciencia_como_forma_de_conhecimento.pdf>. Acesso em: 30 maio 2012.

ARAÚJO, R. F.; ALVARENGA, L. A bibliometria na pesquisa científica da pós graduação brasileira de 1987 a 2007. **Enc. Bibli:** R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis, v. 16, n. 31, p.51-70, 2011.

BALBINO, V. da C. R. **Psicologia e psicologia escolar no Brasil:** formação acadêmica, práxis e compromisso com as demandas sociais. São Paulo: Summus, 2008.

BALDAN, M.; ARCE, A. **A representação da pedagogia tradicional e da escola nova segundo a propaganda e a produção teórica dos personagens do movimento renovador brasileiro** - um estudo da coleção “escola nova brasileira” de José Scaramelli (1931). Disponível em: <

http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_files/p3zX2YD.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2011.

BARBOSA, D. R. **Estudos para uma história da Psicologia Educacional e Escolar no Brasil**. 662 F. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BARBOSA, R. M.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. Psicologia escolar no Brasil: considerações e reflexões históricas. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.27, n.3, p. 393-402, jul./set.2010.

BARBOSA, D. R.; SOUZA, M. P. R. de. Psicologia educacional ou escolar? Eis a questão? **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo. v.16, n.1, Jan./Jun. 2012.

BARIANI, I. C. D. et al. Psicologia escolar educacional no ensino superior: análise da produção científica. **Psicologia Escolar e Educacional**, v.8, p.17-27, 2004.

BIBLIOTECA Virtual em Saúde Psicologia (Brasil). **BVS-Psi Brasil**. Disponível em: <<http://www.bvs-psi.org.br/php/index.php>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

BIREME. Organização Panamericana de Saúde. **História**. Disponível em: <http://new.paho.org/bireme/index.php?option=com_content&view=article&id=33&Itemid=43&lang=pt>. Acesso em: 12 jul. 2012.

BOCK, A. M. B. Psicologia da Educação: cumplicidade ideológica. In: MEIRA, M. E. M.; ANTUNES, M. A. M. (Org.). **Psicologia escolar: teorias e críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

BORGES, M. M. **A esfera: comunicação acadêmica e novos media**. 801 f. Tese (Doutorado). Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Coimbra, 2006.

BORTOLOZZI, F.; GREMSKI, W. Pesquisa e pós-graduação brasileira – assimetrias. **R B P G**, v. 1, n. 2, p. 35-52, nov. 2004.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais das ciências: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BRAGA, G. M. Informação, ciência, política científica: o pensamento de Derek de Solla Price. **Ci. Inf.**, Rio de Janeiro, v.3, n.2, p.155-177, 1974.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Comunicado nº 001/2012 – área de psicologia – atualização do webqualis da área**. Brasília: CAPES, 2012.

CAMPOS, V. A. **Supervisão** clínica: um instrumento de avaliação do desempenho clínico. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 1989.

CANALES BECERRA, H.; MESA FLEITAS, M. E. Bibliometría, Informetría, Cienciometría: Su Etimología y Alcance Conceptual. **Revista cubana de la ciencia**, 2002.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Qualis periódicos**. Disponível em: < <http://www.capes.gov.br/avaliacao/qualis>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

CARELLI, A. E. **Produção científica em leitura**: dissertações e teses (1990-1999). Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2002.

CARPINTERO, H. La ‘ciencia de la ciencia’ y la investigación psicológica en el mundo contemporáneo. In: CARPINTERO, H.; PEIRO, J. (Ed.). **Psicología Contemporánea**: teoría y metodos cuantitativos para el estudio de su literatura científica. Valencia: Alfaplas, 1981.

CARVALHO, T. O. de; MARINHO-ARAÚJO, C. M. Psicologia escolar no Brasil e no Maranhão: percursos históricos e tendências atuais. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v.13, n.1, Jan./Jun. 2009.

CARVALHO, D. C. de; FACCI, M. G. D.; BARROCO, S. M. S. A produção científica do GT de Psicologia da educação da ANPED e a apropriação de teorias psicológicas. **Psicol. educ.**, São Paulo, n.31, Ago. 2010.

CASTRO, C. M. Há produção científica no Brasil? In: SCHWARTZMAN, S.; CASTRO, C. M. **Pesquisa universitária em questão**. São Paulo: Ícone, 1986.

CASTRO, A. E. F.; YAMAMOTO, O. H. A psicologia como profissão feminina: apontamentos para estudo. **Estudos de psicologia**, v.3, n.1, p. 147-158, 1988.

CEDÓN, B. V. Bases de dados para informação para negócios. **Ci. Inf.**, Brasília, v.31, n.2, Maio/Ago. 2002.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Prentice hall, 2006.

CHRISTOVÃO, H. T. Da comunicação informal para a comunicação formal: identificação científica da frente de pesquisa através de filtros de qualidade. **Ci. Inf.**, Rio de Janeiro. V.8, n.1, p.3-36, 1979.

COMUNICAÇÃO e construção do conhecimento. Disponível em: <http://cfcul.fc.ul.pt/textos/OP.%20Comunicacao%20e%20Construcao%20do%20Conh.%20C.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2012.

CONSELHO Regional de Psicologia. **Psicologia**: formação, atuação profissional e mercado de trabalho. São Paulo: CRP, 1995.

CÔRTEZ, P. L. Considerações sobre a evolução da ciência e da comunicação científica. In: POBLACION, D. A.; WITTER, G. P.; SILVA, J. F. M. da (Org.). **Comunicação e produção científica**: contexto, indicadores e avaliação. São Paulo: Angellara, 2006.

COSER, E. M. D. D. **A produção científica em psicologia e suas fontes**: um estudo preliminar. Monografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

COSTA, E. V. da. Entrevista. In: MORAES, J. G. V. de (Org.). **Conversas com historiadores brasileiros**. São Paulo: Editora 34, 2002.

COSTA, J. P. da et al. Quem estuda a profissão de psicólogo no Brasil? **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 64, n. 2, 2012.

COSTA, A. L. F.; YAMAMOTO, O. H. Publicação e avaliação de periódicos científicos: paradoxos da avaliação *qualis* de psicologia. **Psicol. estud.**, Maringá, v.13, n.1, Jan./Mar. 2008.

CRANE, D. **Invisible colleges**: diffusion of knowledge in scientific communities. Disponível em: <<http://garfield.library.upenn.edu/classics1989/A1989AU43700001.pdf>>. Acesso em: 6 ago. 2012.

CRUCES, A. V. V. A pesquisa na formação de psicólogos brasileiros e suas políticas públicas. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v.28, n.2, dez. 2008.

CUNHA, M. B. das. **Para saber mais**: fontes de informação em ciência e tecnologia. Brasília: Briquet de Lemos, 2001.

CURRÁS, E. **Tratado sobre ciencia de la información**. Rosário: Universidad Nacional de Rosário, 1996.

CURY, C. R. J. Graduação/Pós-graduação: a busca de uma relação virtuosa. **Educação & Sociedade**, v. 25, n.88, p.777-793, 2004.

DEUS, J. D. de (Org.). **A crítica da ciência**: sociologia e ideologia da ciência. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

DÍAZ-ESCOTO, A. S.; NAVARRO, E.; RAMÍREZ GODOY, M. E. Contribución científica de México a la psicología entre los años 1995-2008 con base en el Social Sciences Citation Index de ISI Web of Knowledge. **Bibl. Univ**, v.13, n.1, p. 16-35, ene./jun. 2010.

DI DIO, R. A. T. A pesquisa de psicologia educacional no Brasil. **Boletim de psicologia**, v. 26, p. 19-27, 1975.

DIEHL, A. A.; TATIM, D. C. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**: métodos e técnicas. São Paulo: Prentice hall, 2004.

DOMINGOS, N. A. M. **Produção científica**: análise de resumos de dissertações e teses em Psicologia (1992/1996). Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 1999.

FÉRES-CARNEIRO, T. et al. Lacunas, Metas e Condições para a Expansão da Pós-Graduação em Psicologia no País. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.23 Suplemento 1, p. 11-24, 2010.

FERRETTI, C. J. A mulher e a escolha vocacional. **Cadernos de Pesquisa**, v. 16, p. 20-40, 1976.

FONSECA, C. Avaliação dos programas de pós-graduação: do ponto de vista de um nativo. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v.7, n.16, Dez. 2001.

FORATTINI, O. P. A tríade da publicação científica. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v.30, n.1, 1996.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 50. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FREITAS, M. H. de A. Avaliação da produção científica: considerações sobre alguns critérios. **Psicol. esc. educ.**, Campinas, v.2 n.3, 1998.

FUNARO, V. M. B. de O.; NORONHA, D. P. Literatura cinzenta: canais de distribuição e incidência nas bases de dados. POBLACIÓN, D. A.; WITTER, G. P.; SILVA, J. F. M. da. **Comunicação e produção científica**: contexto, indicadores e avaliação. São Paulo: Angellara, 2006.

GARVEY, W. D. **Communication**: the essence of science; facilitating information among librarians, scientists, engineers and students. Oxford: Pergamon, 1979.

GORBEA PORTAL, S. Principios teóricos y metodológicos de los estudios métricos de la información. **Investigación Bibliotecológica**, v. 8, v.17, p. 23-32, jul./dic. 1994.

_____. **Modelo teórico para el estudio métrico de la información documental**. Gijón: Ediciones Trea, 2005.

GRANJA, E. C. **Análise da produção científica do curso de Pós Graduação do Instituto de Psicologia da USP, no período de 1980 a 1989**. 174 f. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, 1995.

GUEDES, M. do C. Equívocos na publicação científica: algumas considerações. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 22, n.2, p. 387-398, 2011.

GUEDES, V. L.; BORSCHIVER, S. **Bibliometria**: uma ferramenta estatística para a gestão da informação e do conhecimento, em sistemas de informação, de comunicação e de avaliação científica e tecnológica. Disponível em: <http://www.cinform.ufba.br/vi_anais/docs/VaniaLSGuedes.pdf> Acesso em: 10 ago. 2012.

GUZZO, R. S. L. et al. Psicologia e educação no Brasil: uma revisão da história e possibilidades nessa relação. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v.26, n. especial, 2010.

HUTZ, C. S. et al. Perfil, avaliação e metas de produção intelectual dos Programas de pós-graduação em Psicologia. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v.23, supl.1, 2010.

IGAMI, M. P. Z. **Elaboração de indicadores de produção científica com base na análise cientométrica das dissertações e teses do IPEN**. 180 f. Tese (Doutorado). Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares. Autarquia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

JARROS, R. B. et al. Estudo bibliométrico da produção brasileira na interface da psicologia com espiritualidade-religiosidade. **PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora**, v. 9, n. 2, p. 251-258, Jul./Dez. 2008.

JOLY, M. C. R. A. et al. Análise de Teses e Dissertações em Avaliação Psicológica Disponíveis na BVS-PSI Brasil. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 30, n.1, p.174-187, 2010.

_____ et al. Análise da produção científica em avaliação psicológica informatizada. **Aval. psicol.**, Porto Alegre, v.3 n.2, Nov. 2004.

KERBAUY, R. R. Autoria e co-autoria: efeitos negativos e positivos. **Estud. psicol.** Campinas, v.22, n.1, Jan./Mar. 2005.

KOBASHI, N. Y.; SANTOS, R. N. M. dos. Institucionalização da pesquisa científica no Brasil: cartografia temática e de redes sociais por meio de técnicas bibliométricas. **TransInformação**, Campinas, v.18, n.1, p.27-36, jan./abr. 2006.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

LE COADIC, Y. F. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LETA, J. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Estud. av.**, São Paulo, v.17, n.49, Set./Dec. 2003.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

LEITE, S. A. de S.; GUIRADO, M. Pós-graduação: um caso para pensar... **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v.7, n.1, 1987.

LEWIN, H. Educação e força de trabalho feminino no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, v. 32, p.45-59, 1980.

LIMA, M. F. de. Produção científica: tipologia e autoria de publicações de docentes da PUC-Campinas (1990-1994). **Transinformação**, Campinas, v.10, n.1, jan./abril 1998.

LÓPEZ-CÓZAR, E. D.; RUIZ PÉREZ, R. **La comunicación y edición científica: fundamentos conceptuales**. Granada: Universidad de Granada, 2009.

LOURENÇO, C. de A. Automação de bibliotecas: análise da produção via biblioinfo (1986-1994). In. WITTER, G. P. **Produção científica**. Campinas: Átomo, 1997.

MACIAS-CHAPULA, C. A. O papel da informetria e da cienciometria e sua perspectiva nacional e internacional. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 134-140, maio/ago. 1998.

MAINARDES, J.; PINO, A. Publicações brasileiras na perspectiva vigotskiana. **Educ. Soc.**, Campinas, v.21, n.71, Jul. 2000.

MALTRÁS BARBA, B. **Los indicadores bibliométricos: fundamentos y aplicación al análisis de la ciencia**. Salamanca: Ediciones Trea, 2003.

MALUF, M. R. Disseminação da pesquisa de psicólogos brasileiros e sua vinculação com o contexto internacional. **Boletim academia paulista de psicologia**, n.3-5, p. 49-55, 2005.

MALUF, M. R.; CRUCES, A. V. V. Psicologia educacional na contemporaneidade. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v.28 n.1, jun.2008.

MARINHO-ARAÚJO, C. M. Psicologia escolar: pesquisa e intervenção. **Em Aberto**, Brasília, v. 23, n. 83, p. 17-35, mar. 2010.

MARINHO-ARAÚJO, C. M.; ALMEIDA, S. F. C. de. **Psicologia escolar: construção e consolidação da identidade profissional**. Campinas: Alinea, 2005.

MAROLDI, A. M.; LIMA, L. F. M.; SOUZA, A. M. L. Elitismo na Psicologia Escolar: um estudo a partir da produtividade de seus autores. In: **II Seminário de Psicologia**, 2012, Porto Velho. II Seminário de Psicologia, 2012.

MARTINEZ, A. M. O que pode fazer o psicólogo na escola? **Em Aberto**, Brasília, v. 23, n. 83, p. 39-56, mar. 2010.

MASSARANI, L.; MOREIRA, I. de C. Divulgació de la ciència: perspectives històriques y dilemas permanents. **Quark**, n. 12, abril/jun. 2004.

MATOS, M. A. **Produção e formação científica em psicologia**. Brasília: CFP, 1988.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MEIRA, M . E. M. Psicologia escolar: pensamento crítico e práticas profissionais. In: TANAMACHI, E. de R.; PROENÇA, M.; ROCHA, M. L. da. **Psicologia e educação: desafios teóricos-práticos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

MEIS, L.; LETA, J. **O perfil da ciência brasileira**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.

MELO, H. P. de; OLIVEIRA, A. B. A produção científica brasileira no feminino. **Cad. Pagu**, Campinas , n.27 Jul/Dez. 2006.

MELLO, S. L. **Psicologia e Profissão em São Paulo**. São Paulo: Ática, 1975.

MORAIS, R. de. **Filosofia da ciência e da tecnologia**. 5. ed. São Paulo: Papyrus, 1998.

MERTON, R. K. **Sociologia: teoria e estrutura**. São Paulo: Mestre Jou, 1968.

_____. Os imperativos institucionais da ciência. In: DEUS, J. D. de (Org.). **A crítica da ciência: sociologia e ideologia da ciência**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979.

MONTEIRO, R. et al. **Crítérios de autoria em trabalhos científicos**: um assunto polêmico e delicado. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-97412004000400002>. Acesso em: 10 out.2011.

MOSTAFA, S. P. As ciências da informação. **São Paulo em Perspectiva**, v.8, n.4, p. 22-27, 2004.

MUGNAINI, R. Avaliação da produção científica nacional: contextualização e indicadores. In: POBLACIÓN, D. A. et al. **Revistas científicas**: dos processos tradicionais às perspectivas alternativas de comunicação. Cotia: Ateliê, 2011.

MUGNAINI, R.; CARVALHO, T. de; CAMPANATTI-OSTIZ, H. Indicadores de produção científica: uma discussão conceitual. In: POBLACIÓN, D. A.; WITTER, G. P.; SILVA, J. F. M. da. **Comunicação e produção científica**: contexto, indicadores e avaliação. São Paulo: Angellara, 2006.

MUELLER, S. O círculo vicioso que prende os periódicos nacionais. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, n.zero, dez. 1999.

_____. A publicação da ciência: áreas científicas e seus canais preferenciais. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, v.6, n.1, 2005.

MUELLER, S. P. M.; CARIBÉ, R. de C. do V. Comunicação científica para o público leigo: breve histórico. **Inf. Inf.**, Londrina, v.15, p. 13-30, 2010.

NEVES, C. E. B. Ciência e tecnologia no Brasil. In: SOARES, M. S. A. (Org.). **A educação superior no Brasil**. Brasília: CAPES, 2002a.

NEVES, M. M. B da J. et al. Formação e atuação em psicologia escolar: análise das modalidades de comunicações nos congressos nacionais de psicologia escolar e educacional. **Psicol. cienc. prof.**, v.22, n.2 Brasília jun. 2002b.

NOGUEIRA, P. A ciência das mulheres. **Unespciência**, v.2, n. 17, p. 18-25, 2011.

OLIVEIRA, K. L. et al. Produção científica de 10 anos da revista psicologia escolar e educacional (1996/2005). **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 10, n. 2. p. 283-292, Jul./Dez. 2006.

_____. et al. Produção científica em avaliação psicológica no contexto escolar. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, v.11, n. 2, p. 239-251, Jul./Dez. 2007.

OLIVEIRA, D. **Brasil sobe duas posições em ranking de produção científica e chega ao 13. do mundo**. Disponível em: <http://www.jornaldaciencia.org.br>. Acesso em: 05 nov.2011a.

OLIVEIRA, E. da S. G. **Psicologia e tendências pedagógicas no Brasil**: perfis de atuação do psicólogo. Disponível em: < <http://www.cliopsyche.uerj.br/livros/cliol/psicologiaetendencias.htm>>. Acesso em: 5 nov. 2011b.

OLIVEIRA, C. B. E. de; MARINHO-ARAÚJO, C. M. **Psicologia escolar: cenários atuais. Estudos em psicologia**, Rio de Janeiro, ano 9, n.3, p. 648-663, 2009.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

PEÑARANDA ORTEGA, M.; QUIÑONES VIDAL, L.; LÓPEZ GARCÍA, J. J. Veinte años de Anales de Psicología: una revista con raíces académicas (1984-2004). **Anales de psicologia**, v. 21, n.2, p.181-198, 2005.

PEREIRA, M. de N. F. et. al. **Base de dados na economia do conhecimento: a questão da qualidade**. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=8518>>. Acesso em: 16 ago. 2012.

PFROMM NETTO, S. A psicologia no Brasil. In: FERRI, M. G. MOTOYAMA, S. (Coord.). **História das ciências no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1981.

PINHEIRO, N. de A.; ALVES, C. P. **Concepção do fracasso escolar para alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA**. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/339.%20a%20concep%C7%C3o%20do%20fracasso%20escolar%20para%20alunos%20da%20educa%C7%C3o%20de%20jovens%20e%20adultos.pdf>. Acesso em: 30 out. 2011.

PINHEIRO, L. V. R.; SILVA, G. S. Cartografia histórica e conceitual da bibliometria / informetria no Brasil. In: CONFERENCIA IBERO-AMERICANA DE PUBLICACOES ELETRONICAS NO CONTEXTO DA COMUNICACAO CIENTIFICA, 2, 17-21 nov. 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** CIPECC 2008.

PIZZINATO, A. 40 anos da revista Psico: uma revisão bibliométrica. **Psico**, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 303-309, jul./set. 2011.

PIZZANI, L. **O estado da arte da produção científica em educação especial na biblioteca virtual em saúde (BVS): um estudo bibliométrico**. 161 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de São Carlos, 2008.

POPPER, K. R. **Lógica das ciências sociais**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2004.

PRICE, D. J. de S. **A ciência desde a Babilônia**. São Paulo: Itatiaia, 1976a.

_____. **O desenvolvimento da ciência**. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1976b.

PISCIOTTA, K. Redes sociais: articulação com os pares e com a sociedade. In: POBLACIÓN, D. A.; WITTER, G. P.; SILVA, J. F. M. da. **Comunicação e produção científica: contexto, indicadores e avaliação**. São Paulo: Angellara, 2006.

PUCCI, B. **A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão**. Piracicaba: Impulso, Piracicaba, 1991.

ROCHA, N. M. D. Psicologia Escolar e Educacional: a contribuição da ANPEPP. In: CONGRESSO NORTE NORDESTE DE PSICOLOGIA, 5., 2007. **Anais...** Maceió: CNNP, 2007.

RODRIGUEZ SANCHEZ, Y. Trilogia para visión científica: las publicaciones científicas, las bases de datos y la bibliometria. **Biblios**, Lima, n. 31, p. 1-9, 2008.

ROWLEY, J. **A biblioteca eletrônica**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2002.

ROSAS, P.; ROSAS, A.; XAVIER, I. B. Quantos e quem somos? In: Conselho Federal de Psicologia (Org.). **Quem é o psicólogo brasileiro?** São Paulo: Edicon, 1988.

RUBIO LINIERS, M. C. Bibliometría y Ciencias Sociales. **Proyecto clio**, n.7, 1999.

RUEDA-CLAUSEN GÓMEZ, C. F.; VILLA-ROEL GUTIÉRREZ, C.; RUEDA-CLAUSEN PINZÓN, C. E. **Indicadores bibliométricos**: origen, aplicación, contradicción y nuevas propuestas. Disponível em: <http://wikieducator.org/images/e/e9/Indicadores_bibliom%C3%A9tricos.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2012.

SABADINI, A. A. Z. P.; SAMPAIO, M. I. C.; KOLLER, S. H. (Org.). **Publicar em psicologia**: um enfoque para revista científica. In: SABADINI, A. A. Z. P.; SAMPAIO, M. I. C.; KOLLER, S. H. Preparando um artigo. São Paulo: ABECiP, 2009.

SAMPAIO, M. I. C. La gestión de la información en Psicología en América Latina: un pequeño paso para una gran meta. **Bibliotecas & Tecnologías de la Información**, v. 3, n. 1, p. 37-37, 2006.

_____. Bibliometria aplicada às teses e dissertações de Psicologia. **SNBU**, n.30, 2008.

SAMPAIO, M. I. C.; SERRADAS, A. Visibilidade do conhecimento na América Latina e a Biblioteca Virtual de Psicologia. In: **Seminário Internacional de Bibliotecas Digitais Brasil - SIBDB**, São Paulo, 2007.

SAMPAIO, M. I. C.; SABADINI, A. A. Z. P. Autoria, co-autoria e colaboração. In: SAMPAIO, M. I. C.; SABADINI, A. A. Z. P.; KOLLER, H. (Org.). **Publicar em psicologia**: um enfoque para revista científica. São Paulo: Casa do psicólogo, 2009.

SANTOS, A. A. A. dos et al. I congresso nacional de psicologia-ciência e profissão: o que tem sido feito na psicologia educacional. **Psicologia escolar e educacional**, Campinas, v.7, n.2, p. 135-144, 2003.

SCHLINDWEIN, L. M. et al. Grupo de trabalho psicologia da educação: uma análise da produção acadêmica (1998-2004). **Psicol. educ.**, São Paulo, n.22, jun. 2006.

SCHWARTZMAN, S. A ciência da ciência. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v.12, n.11, p. 54-59, mar./abril 1984.

_____. **Um espaço para a ciência**: a formação da comunidade científica no Brasil. Brasília: MCT, 2001.

SEIXAS, P. de S.; COELHO-LIMA, F.; COSTA, A. L. F. Caracterização de dissertações/teses que versam sobre a profissão de psicólogo no Brasil. YAMAMOTO, O. H.; COSTA, A. L. F. **Escritos sobre a profissão de psicólogos no Brasil**. Natal: EDUFRN, 2011.

SILVA, M. R. **Configuração do campo da educação no Brasil**: estudo bibliométrico da revista brasileira de educação e da revista brasileira de história da educação. 207 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

SILVA, M. R. da; HAYASHI, M. C. P. I. O que Bourdieu tem a dizer à bibliometria? In: SEGUNDO, J. E. S.; SILVA, M. R. da; MOSTAFA, S. P. (ORG.). **Os pensadores e a Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2012.

SILVA, M. R. da; HAYASHI, C. R. M.; HAYASHI, M. C. P. I. Análise bibliométrica e cientométrica: desafios para especialistas que atuam no campo. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**. Ribeirão Preto, v.2, n.1, p. 110-129, jan./jun. 2011

SILVA, J. F. M. da; RAMOS, L. M. S. V. C.; NORONHA, D. P. Base de dados. In: POBLACIÓN, D. A.; WITTER, G. P.; SILVA, J. F. M. da. **Comunicação e produção científica**: contexto, indicadores e avaliação. São Paulo: Angellara, 2006.

SOUZA, B. de P. **Orientação à queixa escolar**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007a.

SOUZA, M. P. R. de. A psicologia escolar e o ensino de psicologia: dilemas e perspectivas. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v.8, n.2, p.258-265, jun. 2007b.

_____. Reflexões a respeito da atuação do psicólogo no campo da psicologia escolar/educacional em uma perspectiva crítica. In: CAMPOS, H. R. **Formação em psicologia escolar**: realidades e perspectivas. Campinas: Alínea, 2007c.

_____. Psicologia escolar e educacional em busca de novas perspectivas. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRapee)**, v.13, n.1, p. 179-182, Jan./Jun. 2009.

SPINAK, E. Indicadores cienciométricos. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 141-148, maio/ago. 1998.

STUMPF, I. R. C. Passado e futuro das revistas científicas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 3, 1996.

SUEHIRO, A. C. B. et al. Produção científica da revista Psico-USF de 1996 a 2006. **Psico-USF (Impr.)**, Itatiba-SP, v.12, n.2, jul./dez. 2007.

TANAMACHI, E. de R. Psicologia escolar: tendências e avanços da psicologia na educação escolar. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 1992.

TARGINO, M. das G. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação & Sociedade**: estudos, v. 10, n. 2, 2000.

THORNGATE, W. Professional issues: questions professionnelles: the economy of attention and the development of Psychology. **Canadian Psychology**, v.3, n.3, p. 262-272, 1990.

TOMANIK, E. A. **Ser e não ser: a pesquisa em psicologia no Brasil e a questão da cientificidade**. 250 f. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1992.

TOURINHO, E. Z.; BASTOS, A. V. B. Desafios da pós graduação em psicologia no Brasil. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.23 Suplemento 1, p. 35-46, 2010.

URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, R. A Lei de Lotka na bibliometria brasileira. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 14-20, maio/ago. 2002.

_____. A Lei de Lotka: o modelo langrangiano de Poisson aplicado à produtividade de seus autores. **Perspect. cienc. inf.**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 188-207, jul./dez. 2003.

_____. Elitismo na literatura sobre a produtividade dos autores. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 38, n. 2, p. 69-79, maio/ago. 2009.

VAN RAAN, A. F. J. The use of bibliometric analysis in research performance assessment and monitoring of interdisciplinary scientific developments. **Technikfolgenabschätzung**, n. 1, p. 20-29, Jah./März, 2003.

VANTI, N. A. P. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 152-162, maio/ago. 2002.

VELHO, L. A ciência e seu público. **Transinformação**, Campinas, v.9, n.3, p. 15-32, set./dez. 1997a.

_____. **Notas sobre a pós graduação em Ciências Sociais e Humanas: por que em que das ciências naturais?** Brasília: UNESCO, 1997b.

_____. **Redes regionais de cooperação em C&T e o Mercosul**. Disponível em: <http://seer.cgee.org.br/index.php/parcerias_estrategicas/article/viewFile/156/150>. Acesso em: 9 ago. 2012.

VENTURA, C. S. C. Psicologia escolar: análise da produção de uma docente-pesquisadora. In: WITTER, G. P. (Org.). **Produção científica em psicologia e educação**. Campinas: Alínea, 1999.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura. Representação da UNESCO no Brasil. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/>>. Acesso em: 22 jun. 2012.

WAENY, M. F. C.; AZEVEDO, M. L. B. de. A psicologia escolar e sua história. **Psi Site do CRPSP**, São Paulo, s.n., 2009.

WARDE, M. J. Psicologia e educação: a produção discente na pós-graduação em educação no Brasil (1982 a 1991). **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 1, nov. p.43-61, 1995.

WITTER, C. **Psicologia Escolar**: produção científica, formação e atuação (1990-1994). Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo. São Paulo, 1996a.

WITTER, G. P. Uma década (1970-1979) de psicologia: adendos à história da psicologia do Brasil. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE PSICOLOGIA DE RIBEIRÃO PRETO, 10., Ribeirão Preto, 1986. **Anais...** Ribeirão Preto: SPRP, 1986.

_____. **Atuação do psicólogo escolar e educacional do Brasil**: perspectivas através de textos (1980-1992). Átomo: Campinas, 1992.

_____. **Catálogo de publicações dos docentes (1990 – 1994)**: PUCCAMP. Campinas: PUCCAMP, 1996b.

_____. **Produção científica**. Campinas: Átomo, 1997.

_____. **Produção científica em psicologia e educação**. Campinas: Alinea, 1999.

_____. (Org.). **Metaciência e psicologia**. Campinas: Alínea, 2005.

WITTER, G. P.; NORONHA, D. P.; SAMPAIO, I. C. Redes de informação: usuários de uma fonte especializada em psicologia. In: POBLACIÓN, D. A.; MUGNAINI, R.; RAMOS, L. M. S. V. C. (Org.) **Redes sociais e colaborativas em informação científica**. São Paulo: Angellara, 2009.

WITTER, G. P.; PASCHOAL, G. A. Produção científica na área educacional: realização acadêmica na adolescência. **Psicol. Pesq.**, V.4, n.2, p.135-143, dez. 2010.

WITTER, C.; YUKIMTISU, M. T. C. P. Análise de conteúdo das sessões de comunicação científica do I Congresso Nacional de Psicologia Escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v.1, n.1, 1996.

YAMAMOTO, O. H.; COSTA, A. L. F. A avaliação de periódicos científicos brasileiros da área de psicologia. In. SAMPAIO, M. I. C.; SABADINI, A. A. Z. P.; KOLLER, H. (Org.). **Publicar em psicologia**: um enfoque para revista científica. São Paulo: Casa do psicólogo, 2009.

YAMAMOTO, O. H.; SOUZA, C. C. de; YAMAMOTO, M. E. **A produção científica na psicologia**: uma análise dos periódicos brasileiros no período 1990-1997. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/veiculos_de_comunicacao/PRC/VOL12N2/19.PDF>. Acesso em: 12 ago. 2011

ZIMAN, J. **A força do conhecimento**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

_____. **Conhecimento público**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

APÊNDICE A – Tipo de publicação

Artigos: Escrito que foi aprovado para publicação ou publicado num periódico científico.

Artigo de revisão: Estudo sobre um determinado assunto, em que são reunidas, analisadas e discutidas as informações já publicadas.

Comunicação: Documento que dá ciência de um evento ou decisão.

Conferência: Reunião de indivíduos ou representantes de várias entidades para discutir e/ou tomar decisões sobre assuntos de interesse comum.

Dissertação: Documento escrito, científico, teórico ou literário, apresentado a uma banca examinadora para obtenção do grau de mestre.

Dossiê: Conjunto formado por documentos de providências diversas, reunidos artificialmente, com o objetivo de informar, e agrupados por assunto.

Entrevista: Uma conversa com o indivíduo a respeito de sua formação ou outros detalhes pessoais e profissionais, sua opinião em assuntos específicos levantados pelo entrevistador etc.

Livro: Documento formado pela reunião de folhas ou cadernos, geralmente impressos e constituindo uma unidade bibliográfica.

Relato de experiência: É a descrição, de maneira mais informal, e sem o rigor exigido na apresentação de resultados de pesquisa, que se incorpora no texto e dá, muitas vezes, mais vida e significado para leitura do que se fosse apenas um texto analítico.

Relato de pesquisa: Documento que descreve a metodologia utilizada e os pormenores científicos resultantes de uma pesquisa sobre determinado assunto.

Resenha: Notícia breve e objetiva de um livro.

Tese: Documento que relata os resultados ou as conclusões de uma pesquisa científica original, submetido pelo autor, como suporte à candidatura para obtenção do título de doutor.

APÊNDICE B – Indicadores de produtividade de periódicos na Base Index Psi Revistas Técnico-científicas

Periódicos com três publicações: Psicologia USP; Boletim Psicologia; Paidéia; Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada; Expressão Psicologia;

Periódicos com duas publicações: Estudos de Psicologia (Natal); Barbarói; Psicologia: teoria e prática; Psicologia: teoria e pesquisa; Boletim de Psicologia Escolar

Periódicos com uma publicação: Seminário de Psicologia; Mudanças; Ideias; Alethéia; Temas de Psicologia; Pesquisa e prática psicossociais; Boletim – academia paulista de Psicologia; Revista mal-estar e subjetividade; Revista Brasileira de terapia comportamental e cognitiva; Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul; Pensando famílias; Psicologia USP; Psicologia clínica: pós-graduação e pesquisa; Cadernos de Psicologia (Belo Horizonte. 1993); Revista da sociedade Psicologia Triângulo Mineiro; Interações; Revista de Psicologia Normal e Patológica; Psique (Belo Horizonte)

**APÊNDICE C – Indicadores de produtividade de periódicos na Base Portal Nacional
BVS Brasil em Saúde**

Periódicos com uma publicação: Psicologia em estudo; Revista do Departamento Psicologia UFF; Revista da SPAGESP; Estilos da clínica; Psico Thema; Psicologia: reflexão e crítica; Psicopedagogia; Papeles del psicólogo; Psicologia Argumento; Psikhe; Boletim de Psicologia; Arquivos Brasileiros de Psicologia; Mnemosine; Estudos pesquisa em Psicologia

APÊNDICE D- Indicadores de autores na Base Index Psi Revistas técnicos-científicas

Autores com três aparições: Maria Regina Maluf; Eunice Maria L. S. de Alencar; Maria de F. L. Boschi; Sandra F. C. de Almeida; José F. B. Lomonaco

Autores com duas aparições: Andreia V. Zanella; Carmen R. Giongo; Cynthia B. E. de Oliveira; Albertina M. Martinez; Marisa C. Rodrigues; Silvana C. Tuleski; Zaira F. de R. G. Leal; Roseli F. L. Calda; Silvia Maria C. da Silva; Marisa M. B. da J. Neves; Edla G. C. de Andrada; Beatriz B. Cunha; Maria José Ribeiro; João Batista Martins; Lucia M. Fernandes; Quinha L. de Oliveira; Dulce H. P. Soares; Maria Luiza R. Becker; Carmen L. Hussein; Regina M. P. L. Ergolato; Lísia R. F. Michels; Elizabeth L. de Marchi; Regina M. A. P. Bega; Rosemeire S. Plepis; Rosangela Brogin; Cecília Maria B. Coimbra; Cristiane M. Burin; Elcie F. S. Masini; Marisa F. Euzirik; Sérgio A. da S. Leite; Vera Lucia F. Machado; Zilda A. P. Del Pretti

Autores com uma aparição: Andrea P. Titon; Lilian C. Urnau; Lucilaide G. de Medeiros; Fabíola de S. B. Aquirio; Alacir V. V. Cruces; Rejana M. Barbosa; Karla P. H. Martins; Tereza G. R. Matos; Regina H. M. de O. Maciel; Lisiane O. Menegotto; Estephanea C. Fernandes; Antonio Carlos G. Santos; Vviviane Vieira; Janete Haussen; Mauro Luis Vieira; Maria da A. Barreto; Paula A. F. R. Calafangel; Zilanda P. de Lima; Tatiana O. de Carvalho; Flavia Miranda Oliveira; Emerson F. Raseria; Luciane L. Miranda; Tiago R. de Lima; Paulo A. Sousa Teixeira; Flora L. Chaves; João Paulo P. Barros; Luiza E. L. R. Valle; Maria C. V. Rosa Tacca; Angela V. branco; Maria O. F. F. Lima; Isabel C. Bariance; Pedro V. B. Milanesi; Renato G. G. Carvalho; Nádia M. Eidt; Andrea N. Mechenni; Elisangela F. da Silva; Dirlene Sponchiado; Patricia D. Colchou; Nilza S. Tessaro; Valéria G. da Silva; Cintia G. Roma; Rúbia S. Almeida; Candida de Alves; Gabriela N. Neves; Ludmila P. Silva; Regina L. S. Pedroza; Paula A. de Oliveira; Jacqueline S. Rubac; Aline Lima Tavares; Marli L. T. Zibetti; Cristiana C. G. Campos; Cecília P. Alves; António Carlos da Silva; Elbio N. C. Guardia; Luiz D. Leal; Rosana A. Albuquerque; Maria de Fátima L. Bochi; Miriam L. H. M. Dulci; Aline O. M. N. de Lima; Valdete M. Ruiz; Maria Helena Fávero; Conceição de Maria Machado; Claudia de Rossetti; Carolina A. Silva; Giuliano L. da Silva; Leila A. Stein; Luciana de O. Hulli; Viviane Prado B. Marçal; Sylvia D. Barrera; Danile C. da S. Teixeira; Maria Carolina Y. G. da Silva; Gisele W. Tridapaeli; Maria I. S. Tozatto; Yonne M. Reis; Vera P. Novaes; Arnaldo A. Penazzo; Laura N. C. Calejou; Maria da Glória Silveira; Marisa I. S. Castanho; Sanny S. da Rosa; Joel Martins; Anna M. N. de Souza; Elisabeth T. Teixeira; Maria I. H. Peixoto; Roseli C. de R. C. Baumel; Telma Z. Mazer; Maria de Lourdes B. Sanchez; Luis André Kossobuzki; Suzana da R. Tolfo; Elzira T. A. Oliveira; Liliane da R. Coll; Silvana P. Nunes; Marizete C. Cantareli; Diana C. de Carvalho; Sandra P. A. Ferreira; Maria da Graça Dias; Cintia C. Freller; Carla B. Angellucci; Andrea C. Dias; Beatriz de P. Souza; A. N. Bonadio; Flávia R. S. Lins; Teresinha E. R. L. Macedo; Sonia Santa Catarina; Merie B. Moukachar; Maria M. C. Hubner; Monica C. L. Chaperman; Beatriz de P. Batista; Acácia A. A. Santos; Bernadete A. Gatti; Eliana Bhering; Anton Furman; Crystiane C. Pandolfi; Emi A. Ota; Gisele Strini; Ivanylce V. B. O. Buzolin; Luciarina M. Casagrande; Lucila M. dos Santos; Angelo M. Neto; Lilia F. Lobo; Kilda M. Motta; Ana Maria S. S. Poelman; Nocolau T. Arcaro; Sandra de S. L. Stirbulou; Nilce P. Mejias; Jussara A. Raymundo; Regina Dias; Sonia Leite; Oswaldo H. Yamamoto; Daniela D. de Medeiros; Vera L. Angelin; Geraldo J. de Paiva; Regina D. B. Barros; Maria do S. M. C. Arrais; Therezinha M. B. di Piazza; Claudio S. Hutz; Aparecida de M. Souza; Helena Scarparro; Terezinha Rech; Beatriz V. B. Schimitt; Itala M. S. de Puga; Suely

TeiteBaum; Therezinha L. de Albuquerque; Edna Maria Maturano; Bert O. Richmond; Bety Brunstein; Liose Biasio; Suzana N. Moreira; Tania R. Ebert; Angela R. C. de Azevedo; Jacqueline P. Moreira; Maria L. A. de Moraes; Helena M. V. M. de Andrade; Celito F. Mengarda; Jorge G. Krug; Marisa F. Elzirik; Marcelo Verdi; Denise da F. Maia; Ruth Cabral; Rosa M. P. Duarte; Marlene Guidaro; Sonia S. V. Graminha; Ester L. Franceschini; Vera Maria Befi; Maria I. de Sá; Francisco Campos; Irene Z. de S. Earp; Wanda Papaleo; Maria da G. H. Leite; Marilia Bussoloti; Marlene A. G. C. Arnoldi; Maria T. B. P. Vieira; Isolda de A. Gunther; Euza M de R. Bonamigo; Nilva C. P. Bristoli; Lannoy Dorin; Maria L. S. de Moura; Leda Gomes; Jumara S. V. de Verde; Paulo R. M. Ribeiro; Maria C. F. Guimarães; Zelia M. M. Biasoli-Alves; Diva Sanches; Maria E. Motta; Nancy V. F. Almeida; Carmelia G. de Lima; Claudio J. Silva; Maria E. B. Barros; Thomas Oakland; Adriana T. Novaes; Aneliza Borsato; Angela Lamberty; Cintia G. de Oliveira; Claudia R. M. Martins; Sheila B. Viton; Silvana P. Pinto; Eliane Domingues; Glaucia V. Pinheiro; Jaqueline R. K. Tacada; Rosana L. da Silva; Maria A. B. Souza; Gislaine S. Salvan; Mariluce F. da Silva; Silvia A. da Rocha; Sonia M. F. D. Sguarezi; Vera Lucia T. Gomes; Roseli S. C. Cavalcanti; Almir Del Prette; Aline C. Torres; Samuel Pfromm Netto; Carla Witter; Maria T. C. P. Yukmitsu; Maria A. T. Bruns; Eliana M. da S. Rosado; Neila P. Benzi; Sirlei Cafrunij; Maria da Graça Moraes; Juraci T. de Figueiredo; Cristiane B. de Lima; Ivana S. C. Feijó; Lucia de F. C. Salvari; Cristina M. de S. B. Dias

APÊNDICE E – Indicadores de autores na Base Portal Nacional BVS Brasil em Saúde

Autores com uma aparição: Marisa C. Rodrigues; Jaqueline P. Dias; Marcia de F. R. L. de Freitas; Alexei Indurski; Vitor Butkus; Laíssa Eschitetti; Nair I. S. Santos; Gisele C. R. F. da Silva; Katya L. Oliveira; Lucicleide M de Cantalice; Elis Regina da Rocha; Edna R. C. Neves; Miriam Cruvinel; Ricardo Primi; Sueli F. R. Guimarães; Paula C. M. Rezende; Cárita P. de Lima; Flaviana F. Naves; Marina B. e Silva; Ana K. A. Checchia; Graciele S. Nascimento; Kelly C. M. Scapim; Claudia A. B. Silveira; Maria de F. E. M. Lima; Cyntia B. E. Oliveira; Claisy M. Marinho-Araújo; Neyfsom C. F. Matias; Adriana C. B. Suehiro; Fabian J. M. Rueda; Evelin Z. de Oliveira; Silvia V. de Pacanano; Maria C. P. Lima; Juan Oliver; Jesus Rosel; Jana Pilar; Claudia Gomes; Vera L. T. de Souza; Luis A. Perez; Paloma G. Castro; Vanessa A. A. de Lima; Isaú de H. Matos; Zilda A. P. Del Prette; Elizabete C. da Veiga; Miriam R. de Souza; Claudia Araf; Jane P. Trujillo; Marly de J. Silveira; Walkiria F. Duarte; Sandra F. C. de Almeida; Ludmila de M. Rabelo; Veronica S. Cabral; Eveline R. Mouta; Marcia de R. Barreto; Heloisa Barbosa; Sonia R. Loureiro; Edna M. Maturano; Maria B. M. Linhares; Vera L. S. Machado; Rosangela A. Silva; Maria E. M. Ragonesi; Marilene Proença R. de Souza; Marília Amorim; Yvonne G. Khouri; Denise S. R. Mazzuchelli; Mitsuko A. M. Antunes

APÊNDICE F – Indicadores de autores na Base Scielo

Autores com uma aparição: Adinete S. C. Mezzalira; Ana Paula Gomes; Raquel P. Tizzli; Walter M. de F. Silva Neto; Maria V. M. Dazzari; Flávia S. M. Asbaha; Edna Martins; Beatriz P. M. Mazzolin; Elisabete Bassani; Hiran Pinel; Conrado Ramos; Altemir J. G. Barbosa; Catarina F. Conti; Beatriz L. Stutz; Adriane C. Jansen; Patricia Vaz de Lessa; Marilda G. D. Facci; Alia Barrios; Angela V. Branco; Diana C. Fontes; Claudia S. de Souza; Maria J. Ribeiro; Silvia M. C. da Silva; Patrícia B. Marques; Marisa I. S. Castanho; Iuna P. Sábia; Isabel C. Bariani; Edimariz Buin; Raquel de C. Barros; Carolina de A. Escher; Tatiana Vokay; Nathalie G. Ohl; Aneline M. Nicolau; Caroline Honda; Guilherme A Beatón; Izabella M. Sant´ana; Tânia S. A. Brasileiro; Marilne Proença R. de Souza; Celso S. Tondin; Débora Dedonatti; Irene S. Bonamigo; Polliana G. Soares; Renato D. Luz; Mariana S. Nakamura; Maria H. R. Junqueira; Jaqueline Kalmus; Renata Paparelli; Maria H. de S. Patto

APÊNDICE H – Indicadores de descritores na Base Index Psi Revistas Técnico-científicas

Descritores com 7 frequências: Psicólogos educacionais; Criatividade; Fracasso escolar; Interação professor-aluno; Educação em escola pública; Dificuldades de aprendizagem

Descritores com 6 frequências: Formação do psicólogo; Professores; Psicologia; Aprendizagem escolar

Descritores com 5 frequências: Transtornos de aprendizagem; História

Descritores com 4 frequências: Psicologia social; Relação pais-filhos; Avaliação psicológica; Ambiente escolar; Orientação vocacional; Ensino; Prática Institucional; Educação de primeiro grau

Descritores com 3 frequências: História da psicologia – Brasil; Formação profissional; Atitudes do professor; Técnicas projetivas; Leitura; Rendimento escolar; Desenvolvimento cognitivo; Comportamento verbal; Pré-escola; Testes de inteligência; Escolas de segundo grau; Prevenção; Currículo; Áreas de atuação profissional;

Descritores com duas frequências: Ensino público; Estudantes universitários – psicologia; Psicologia organizacional; Saúde mental; Intervenção psicológica; Vygotsky, Lev Semenovich; Motivação; Distúrbios de aprendizagem; Formação de professores; Adolescência; Ensino superior; Ajustamento escolar; Teoria da aprendizagem; Compreensão da leitura; Futuro; Psicólogos; Diagnóstico; Psicometria; Conselho educacional; Educação pré escolar; Pesquisa; Inteligência; Teste de aptidão; Estudo comparativo; Supervisão; Pós graduação; Desempenho acadêmico; Avaliação educacional.

Descritores com uma frequência: Jovens; Fenomenologia; Orientadores vocacionais; Ensino de psicologia; Educação em escola privada; Debates; Comunicação; Superdotados; Traços de personalidade; Dificuldades de leitura; Sílabas; Habilidade; Maturidade educacional; Contar histórias; Conceitos; Escolha de profissão; Transtorno de comportamento; Desenvolvimento educacional; Aptidão; Crise de identidade; Mudanças sociais; Escolas institucionais; Pobreza; Desenvolvimento; Auto-estima; Psicologia aplicada; Crianças em idade escolar; Diferenças transculturais; Relacionamentos pais-escola; Desenvolvimento profissional; Habilidades sociais; Comunicação não-verbal; Análise de conteúdo; Comunicação científica; Instrução audiovisual; Estudantes de pós graduação; Recursos audiovisuais; Educação continuada; Idoso; Educação de adultos; Crianças; Baixo rendimento escolar; Comportamentos comportamentais; Programas de alfabetização; Psicopedagogia; Estrutura familiar; Oficina criativa; Ética profissional; Contemporaneidade; Mercado de trabalho; reforço positivo; Controle aversivo; Análise de contingências; Educação infantil; Ensino médio; Processos cognitivos; Atividades pedagógicas; Política educacional; Relações pais-criança, Comportamento do consumidor; Meio de comunicação de massa; Interdisciplinaridade; Arte-psicologia; Clínicas-escola; Pesquisa científica; Paz; Relações interpessoais; Socialização; Paradigma; Pessoal da saúde mental; Aprendizagem de língua estrangeira; Desenvolvimento do adulto; Consciência; Pessoal da educação; Educadores; Linguística; Ensino fundamental; Aquisição da linguagem; Direitos humanos; Métodos de observação; Epistemologia; Psicologia institucional; Asiáticos; Adolescentes; Profissões; Desenho; Testes psicológicos; Escrita; Dificuldades escolares; Alunos; Infância; Construcionismo social; Papel do terapeuta; Disciplina da criança; Atitudes do terapeuta;

Desenvolvimento infantil; Filosofia de mente; Literatura infantil (psicologia); Cognição social; Desenvolvimento psicossocial; Psicologia cognitiva; Construtivismo; Métodos de ensino; Brincar; Desenvolvimento do brincar; Alegria; Comportamento na sala de aula; Violência; Reforma educacional; Institucionalização; Sociologia; Disciplinas e atividades comportamentais; Aprendizagem por associação; Testes metropolitanos de prontidão; Escala de maturidade mental Columbia; Supervisão profissional; Qualidade educacional; Classe social baixa; Características dos professores; Avaliação eficiência dos professores; Orientadores; Evasão escolar; Desenvolvimento perceptual motor; Prática instrumental; Militares; Formação militar; Surdo; Interação social; Prevenção primária de saúde mental; Teoria psicanalítica; Ortografia; Psicodrama.

APÊNDICE I – Indicadores de descritores na Base Portal Nacional BVS Brasil em Saúde

Descritores com uma frequência: Saúde escolar; Relações interpessoais; Resolução de problemas interpessoais; Desenvolvimento sociocognitivo; Promoção da saúde; Psicologia social; Análise institucional; Integração teórico-prático; Publicações; Psicometria; Construção de testes; Grupos; Jogos cooperativos; Inclusão; Socialização; Integração; Estágio supervisionado; Psicologia escolar e educacional; Educação infantil; Atuação preventiva; Síndrome de Burnout; Escola de tempo integral; Atividades extracurriculares; Criança adolescente; Avaliação psicológica; Autoconceito; Contexto escolar; Psicanálise; Adolescência; Desejo de saber; Análise de regressão; Crenças; Inteligência; Estudantes; Políticas de saúde; Esforço; Sorte; Psicólogos; Atuação; Profissão e ética; Tendência – orientação; Desenvolvimento moral; atitude; Objetivos; Seleção; Generosidade; Pós-graduação stricto sensu; Psicologia e educação; História; Crianças abandonadas; Prática profissional; Grupos étnicos; Currículo; Cognição; Percepção; Testes de personalidade; Motivação; Sintomas afetivos; Entrevistas psicológicas; Métodos; Avaliação educacional; História do Brasil; História da Medicina.

APÊNDICE J – Indicadores de Palavras-chaves na Base Scielo

Palavras-chaves com uma frequência: Psicologia crítica; Direitos humanos; Democracia; Educação superior; Atuação institucional; formação de professores; Pós-graduação; Psicologia política; Pensamento crítico; Educação especial; Educação profissional; Psicologia histórico cultural; Educação continuada; Discernimento moral; Ensino médio; Estigma; Rede particular de ensino; Psicologia social; Sentido da escola para o aluno; Universidade; Metodologia científica; Educação infantil; Desenvolvimento infantil; Preconceito; Desenvolvimento; Política pública; Estudantes de primeiro grau; Ensino superior; Leis; ONG; Educadores; Surdo; Subjetividade; Problemas escolares; Revisão de literatura; Pesquisa educacional; Psicólogos escolares; Educação.

APÊNDICE K – Indicadores de descritores na Base Index Psi Livros

Descritores com uma frequência: Bullying; Comunicação verbal; Narrativa; Linguagem escrita; Educação; Objetivos educacionais; Filosofia Alemã; História da educação; Subjetividade; Fracasso escolar; Aprendizagem; Formação profissional; Arte – psicologia; Psicólogos; Psicologia clínica; Psicologia industrial; Psicologia social; Inclusão escolar; Identidade profissional; Ensino

APÊNDICE L – Indicadores de descritores na Base Index Psi TESES

Descritores com 6 frequências: Adolescência; Professores; Deficientes; Formação de professores

Descritores com 5 frequências: Subjetividade; Política educacional; Avaliação psicológica; Leitura; Freud, Sigmund; Fenomenologia; Aprendizagem; Winnicott, Donald Woods; Violência

Descritores com 4 frequências: Experiência de vida; Interação professor-aluno; Cultura; Desenvolvimento infantil; Morte; Análise do discurso

Descritores com 3 frequências: Aprendizagem escolar; Ensino superior; Estudantes universitários; Atitudes do professor; Ensino; Rendimento escolar; Atuação do psicólogo; Motivação; Ética; Escolas; Supervisão clínica; Pesquisa científica; Psicologia do desenvolvimento; Consciência; Sexualidade; Psicologia forense; Jung, Carl Gustav; Hospitais; Crianças; Relação mãe-criança

Descritores com duas frequências: Psicologia cultural; Humilhação; Estudantes universitários – Brasil; Instituições de ensino superior; ECA; Saúde mental; Avaliação de desenvolvimento do professor; Menor; Terapia psicanalítica; Escrita; Estilo cognitivo; Violência na família; Psicologia aplicada; Desenvolvimento cognitivo; Psicologia social; Construtivismo; Memória; Internet; Deficiente físico; Creches; Desenho; Estigma; Neoplasias; Estudo de caso; Educação inclusiva; Psicologia junguiana; Saúde; Atitudes frente à morte; Piaget, Jean; Distúrbios de aprendizagem; Grupos operativos;

Descritores com uma frequência: Fatores psicanalítico de personalidade; Interação social; Ensino médio; Políticas públicas; Adolescentes em conflito com a Lei; Saúde ocupacional; Psicologia inclusiva; Direitos humanos; Conflito; Treinamento de pais; Teoria; Fatores psicossociais; Desenvolvimento social; Fobias; Leucemia; Crianças em idade escolar; Profissionais; Pessoal da educação; Ciências; Abuso na criança; Auto eficácia; Hábitos; Currículo; Formação profissional; Educação de adultos; Realidade; Xamanismo; Índios do Brasil; Mitos; Pais; Ansiedade; Mecanismos de defesa; Atitudes frente a AIDS; Pedagogia; Escritores; Pensamento crítico; Enfermagem; Vergonha; Universidades; Cooperação; Autoconceito; Terapia centrada no cliente; Detento; Teatro; Profissões; Ecologia; Liderança; Meio ambiente; Hip Hop; Relações étnicas; Polícia militar-SP; Educação à distância; Reich, Wilhelm; Biologia; Educação em relação à morte; Atendimento; Relações pais-criança; Percepção; Emoções; Psicanálise na criança; Masculinidade; Cego; Envelhecimento; Paternidade; Violência escolar; Psicoterapia; Medidas de aptidão; Seleção de recursos humanos; Escola de Frankfurt; Periculosidade; Organizações; Higiene escolar; Teoria dos campos; Identidade sexual; surdo; Brinquedos; Infertilidade; Sexo; Angústia; Paranóia; Auto erotismo; Neuropsicologia; Fobia escolar; Educação física escolar; Pedagogia do esporte; Identidade social; Espaço pessoal; Migração humana; Felicidade; Cuidadores; Psicologia genética; Desenho; Dor; Puberdade; Calúnia; Difamação; Desenvolvimento moral; Desenvolvimento emocional; Menopausa; Metacognição; Maternidade; Psicodinâmica; Entrevista diagnóstica; Esporte; Psicologia da religião; Civilização humana; Velhice; Tempo; Literatura brasileira; Aquisição da linguagem; Adoção; Processo cognitivos; Deficiente mental; Marketing; Propaganda; Entrevistas; Atendimento psicológico; Lacan, Jacques; Literatura; AIDS; DST; Prevenção; Sem teto; Filosofia da educação